Dias de Lua

MAX MORENO

DIAS DE LUA

Copyright © 2024, by Max Moreno.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entro em vigor no Brasil em 2009.

Design de capa
Paula Zetell

Preparação
Antonio J. Pietro

Revisão
Alexandre Durigon (Afobório)

Dados Internacionais De Catalogação Na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Moreno, Max
M843 Dias de lua / Max Moreno – 1ed. – Autopublicação, 2024.
198p.: il; 23cm

ISBN 978-65-5399-854-4

1. Literatura Brasileira. I. Título

CDD B869.1 (22 ed)

CDU 869.0 (81) -1

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção: Literatura brasileira CDD B869.1
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Knasz, CRB9 626

Todos os direitos desta edição reservados à
MAX MORENO.
Campo Mourão – Paraná.
Instagram / Threads: maxmoreno_oficial

“No meio da vida estamos na morte.”

William Fryer Harvey

Ao verdadeiro Gaspar, que se foi antes desse chegar

Capítulo 1

Ele já perdeu a conta das vezes em que repetiu o mesmo lamento: não faz sentido arrastar-se pelo mundo dessa forma. É desolador encarar a realidade de que o cotidiano pode ser tão angustiante e irreparável. Um mínimo de consideração não pode significar o fim dos tempos, especialmente quando compartilhamos o mesmo ar, a mesma mediocridade.

"Você deveria prestar atenção nesse colchão inflável debaixo da sua camisa", diz Helena, suas mãos simulando o toque em um volume inexistente na própria barriga. "Em vez de ficar me incomodando com a maneira como eu ando."

Mas essa não é a questão. O problema, segundo Gaspar, reside na posição que a preguiça ocupa no ranking dos sete pecados capitais. O sexto lugar parece injusto quando se trata de sua esposa. O ato de caminhar não exige tantas habilidades assim. Caso contrário, não nos aventuraríamos a dar os primeiros passos antes mesmo de completarmos um ano de vida. Um passo após o outro, sem segredos. No entanto, o que o enfurece é o som produzido pelo par de chinelos sendo arrastados por todos os cantos da casa. Meu Deus!

Uma implicância exacerbada e desnecessária, ecoa nos pensamentos de Heloisa como um sussurro insidioso. Para ela, o pai não precisa disso, de jeito nenhum. "Sempre haverá um lugar no meu coração para você", ela disse delicadamente uma vez. Mas assim como as pessoas, o

amor envelhece e adquire contornos flácidos e mais sóbrios com o passar dos anos.

"Sempre existirá gente no mundo disposta a fazer coisas sem noção", Gaspar reflete em silêncio, enquanto questiona a semelhança entre os nomes de mãe e filha. Que padrão arcaico é esse de eleger uma mesma letra para iniciar os nomes dos filhos? E quando o nome do primogênito não colabora, a situação se descontrola completamente. Juciene dá origem à Jucimara, que por sua vez inspira Jociênio, e assim por diante, numa espiral de criatividade questionável que, se o destino não tiver compaixão, pode desembocar em uma imoralidade fonética. Por sorte, ao menos sob seu ponto de vista, ele e Helena tiveram apenas uma filha. Já imaginou um desfile de "agás" perambulando por aí? Ele não tem dúvida de que a consoante trabalhou bem na combinação dos nomes Helena e Heloisa. As donas desses nomes singulares não enxergam problema algum nisso.

Gaspar levanta-se da mesa e leva o prato até a pia. Comeu pouco, está sem apetite hoje. A verdade é que ele não suporta a ideia de comer sem um propósito, essas pessoas glutonas que falam em prazer gastronômico, indo além da mera necessidade fisiológica. Comida é feita para saciar a fome, sem frescuras, murmura para si mesmo enquanto despeja algumas gotas de detergente em uma esponja desgastada pelo tempo. Além disso, o ato de mastigar, quando observado de perto em outras pessoas, é nauseante.

Enquanto Gaspar cuida da louça do jantar, Helena e a filha permanecem sentadas, terminando a refeição.

Ele decide assumir a tarefa de lavar a louça, mesmo que isso não faça parte de sua rotina habitual. São apenas dois talheres, o prato e um copo.

Ultimamente, Heloisa tem insinuado palavras absurdas a seu respeito, e ele está ciente disso. "Esse seu Gaspar é um tremendo machista", ela repetiria o que disse uma ou duas vezes. E talvez fosse além, como em outra ocasião: "Um troglodita machista", termo que ela ouviu em um filme cujo nome lhe escapa no momento. No entanto, ela escolhe uma abordagem diferente: "Pai, a vida dos outros pertence aos outros, e não há nada que possamos fazer a respeito". Heloisa recita a frase com a solenidade de quem lê um trecho sagrado. Quer que o pai reflita sobre o assunto, apesar de não saber se isso é possível.

Pronto, ele está lavando a louça agora, e isso, do seu ponto de vista, o afasta definitivamente do estigma de "troglodita machista".

"Se quiser, pode deixar a louça aí", diz Helena antes de levar mais uma garfada à boca. "Eu mesma lavo, como faço todos os dias."

Gaspar abre a torneira deliberadamente ao máximo, consciente de que o som da água contradiz a ideia de que ele está ignorando o que sua esposa tem a dizer. Até hoje, ele não consegue compreender por que as pessoas dizem uma coisa quando, na realidade, querem expressar outra. "Ai, amor, não precisava", é o que uma esposa diz ao receber um presente do marido em comemoração ao vigésimo segundo aniversário de casamento; no entanto, o que ela realmente quer dizer é: "Ai de você se não tivesse se lembrado". As pessoas são assim, e não há vacina para isso, embora Gaspar não

duvide que tal comportamento deveria ser considerado uma patologia.

Observando a água escoando pelo ralo da pia, ele é acometido por questionamentos inúteis. Quer saber a partir de quando as coisas se tornaram o que são. Em que momento sua filha passou a considerá-lo um "tremendo machista? Um troglodita?" O que lhe vem à mente é a imagem da filha quando ela mal conseguia engatinhar. E a esposa? É melhor nem imaginar o que ela pensa sobre ele. Gaspar fecha a torneira, seca as mãos em um pano de prato úmido e segue para o sofá da sala. É apenas um hábito sem importância específica; deitar-se ali o ajuda a organizar os pensamentos, um paradoxo, já que Gaspar é uma dessas pessoas que buscam um sentido em tudo na vida.

"Esse é o seu pai", diz Helena, seu tom é um misto de desdém com impaciência.

"É o jeito dele, mãe."

Helena e Heloisa recolhem a louça do jantar. Agora, enquanto uma lava, a outra seca.

Capítulo 2

Nos últimos tempos, Gaspar tem sido consumido pela ideia de desaparecer, de se libertar, evaporar, sumir do mapa. Há momentos na vida em que a apatia toma conta e cogitamos abandonar o barco, mesmo sob uma tempestade implacável, pois a existência pode se tornar uma teia complexa, dolorosa e sem propósito. Agora, aos cinquenta e dois anos, dos quais passou os últimos trinta preso ao mesmo endereço, ele compreende que todo homem deve ter seu lugar, uma identidade geográfica, caso contrário, será reduzido a nada além de um número nos registros censitários. No entanto, a casa própria, cujas prestações foram quitadas há anos, já não o satisfaz. "É isso que o tempo faz conosco", pensa ocasionalmente, "aniquila silenciosamente as chamas da esperança". Pelo menos sua filha conseguiu concluir os estudos. Com vinte e quatro anos, Heloisa é professora em uma prestigiada escola localizada na Zona Sul. Uma graduação em Letras, conquistada em uma universidade pública, sempre é motivo de orgulho, ainda que a profissão esteja mais conectada ao amor pela causa do que à mera noção de sucesso profissional.

Ele olha para a filha e vê em seu rosto aquela expressão de reprovação que ultimamente tem sido constante.

"Ele tem um nome, pai", Heloisa diz em resposta à afirmação de Gaspar, minutos antes do momento filosófico ao qual ele se submergiu. "Aquele negro não é adequado para você", foi o que ele disse, referindo-se ao novo namorado da filha, que veio ontem para o almoço

em família. Foi só isso o que ele disse. Nada de mais, de acordo com sua crença de que aos pais pertence o dever de proteger os filhos. Não é isso o que ele está fazendo?

"Você está sendo preconceituoso, isso sim", ela o adverte. "E, pelo amor de Deus, não se trata de ser ou não adequado. Eu gosto dele."

Preconceituoso ele não é. Machista, talvez. Troglodita, bem, sobre isso ele não pretende conversar; e já percebeu que, por mais que ele se esforce, ultimamente a filha não tem sido generosa com os adjetivos.

A mãe parece não se interessar pelo teor da conversa, continua com os olhos grudados na televisão, assistindo à novela das oito. É no capítulo de hoje que será revelado quem é o assassino, e ela não pode perder.

"E se fosse o contrário?", Gaspar quer saber.

"Como assim?"

"Se acaso fosse invertido, se eu tivesse empregado o termo 'branco' ao invés de 'negro'?" Ele adota um timbre de voz esclarecedor, permeado por pausas superfluas. "Seria eu igualmente rotulado como preconceituoso?"

Heloisa sorri. O pai é fogo!

"Não é assim que vai conseguir resolver as coisas, pai", ela diz. A frase, por si só, tem a pretensão de encerrar a conversa.

Gaspar pigarreia, incomodado. Não está satisfeito com o desfecho, mas fazer o quê? A filha quer mesmo continuar com esse sujeito. Acabou de afirmar, de maneira clara, que gosta dele. Portanto, ele, o pai, não pode fazer nada a respeito. É bem verdade que o rapaz cospe enquanto fala, uma chuva de saliva para todo lado. Um nojo, mas isso o amor pode superar, não é mesmo? Afinal, essa talvez seja uma das funções essenciais do amor: compensar os defeitos.

"Você que sabe", diz o pai de Heloisa, cogitando encerrar a discussão. Apesar de não estar convencido, Gaspar não desistiria tão facilmente. Se dependesse dele, ainda haveria espaço para reticências e exclamações, mas a filha escolhe evitar o desgaste e o constrangimento que um confronto direto poderia causar.

Gaspar não encontra sentido na imparcialidade. Ora, isso é coisa de gente sem personalidade, cujo comprometimento pode ser comparado a uma heresia nos tempos da Inquisição. Aqueles que se atrevem a expressar uma opinião correm o risco de arder numa fogueira, pelo menos é o que parece. Mas isso ele não está disposto a compreender. Gaspar não sabe fingir, ele fala o que pensa, expressa-se sem censura e está convencido de que a vida é feita de imperfeições.

"Não sei por que você insiste em implicar com a menina dessa maneira", agora é a mãe de Heloisa quem fala. Aparentemente, a aguardada revelação do assassino terá que esperar até amanhã, somente no próximo capítulo. No entanto, ela permanece com os olhos fixos na tela, imersa na trama.

Gaspar chacoalha a cabeça em desaprovação.

Heloisa sorri novamente.

Desde quando demonstrar preocupação é sinônimo de implicância? Ele está apenas cuidando de sua garotinha. Que mal pode haver nisso?

Heloisa sai da sala, está com sono, precisa acordar cedo amanhã. Ela resmunga um "boa noite" automático e segue para o quarto. A mãe, entregue a mais um episódio daquele famoso reality show, que este ano completa sua vigésima segunda edição, se não lhe falha a memória. O marido chacoalha a cabeça mais uma vez, não dá para acreditar nisso! Não é o programa em si que o incomoda,

mas sim a inércia proposital da esposa, a falta de perspectiva de que as coisas possam se ajeitar de alguma forma; mas quando foi mesmo que ele perdeu o controle sobre a vida que compartilha com a mãe de sua filha? Se bem que isso talvez não faça diferença agora que ele está ali jogado no sofá.

Helena ri alto. Na tela da televisão, algo certamente provocou uma cena cômica ou um comentário engraçado, pensa Gaspar, mas ele se abstém de perguntar do que se trata. Seus olhos, agora fixos, dançam com pensamentos que voam além das limitações do tempo e do espaço. Heloisa, com seus recém-completados sete anos, equilibra-se com seu corpo franzino em um vestidinho estampado, adornado com delicados lacinhos nas costas. Ganhou no Dia das Crianças. Ou teria sido no Natal? Para Gaspar, por mais que isso nunca tenha ficado explícito, a filha preferia os livros. Ele recorda, com uma nostalgia comovente, das tardes de domingo dedicadas às leituras. Sentado em uma daquelas cadeiras de varanda, com um livro infantil entre as mãos, e a pequena garota acomodada em seu colo, envolvida pela trama.

"Nunca tinha tocado num livro antes do nascimento da menina", a esposa dizia vez ou outra. E daí? Seria o fato de ele não ter tido qualquer intimidade com livros motivo para a filha seguir o mesmo caminho? Acaso existe alguma lei que proíba um pai de ler para sua própria filha?

A mulher solta uma nova gargalhada, e isso o traz de volta à realidade. Ela é o retrato vivo da excitação diante da frivolidade proporcionada pelo reality show; não há melhor definição para a esposa neste momento. Por ele, tudo bem, não haveria problema algum em discutir como a insignificância se sobrepôs ao

relacionamento dos dois. Mas Gaspar sabe bem como isso terminaria. Ela o culparia. O fiasco em que esse relacionamento se transformou é agora culpa dele, como se a ruptura emocional fosse algo unilateral. "Às vezes, você fica insuportável", Helena reforçaria. Mas ele é assim mesmo, de altos e baixos, de lua. Existem dias em que a aflição o toma e o leva a desistir da busca pela felicidade. Existem dias em que as tempestades se transformam em ruídos persistentes, e Gaspar não consegue chegar a uma conclusão sobre até quando conseguirá tolerar a natureza humana. São "dias de lua".

Sobre o namorado da filha, não, ele definitivamente não vai com a cara desse sujeito e continua a não compreender o que ela viu no rapaz. Merece coisa melhor, é o que ele acha. Meneia a cabeça e acaricia a barba toda grisalha e amarelada pelos anos em contato com a nicotina.

E apesar de uma coisa não ter nada a ver com outra, a decisão de se afastar do cigarro também gerou nele um desinteresse peculiar em cuidar da própria aparência, abandonou de vez o hábito de se barbear. Não adiantaram os protestos da filha. Mas isso foi há três meses, nem faz tanto tempo assim. "Um infartado a menos", foi o que Helena disse. Ele sabe que a esposa sempre odiou o odor característico dos fumantes, aquele cheiro desagradável que impregna os cabelos, o hálito, as roupas e exala pelos poros. Ele mesmo nunca sentiu, mas é o que dizem.

Levanta-se do sofá, atravessa a sala e sai sem dizer nada. Não quer atrapalhar o momento de satisfação da esposa, e ele também precisa acordar cedo amanhã.

Sim, ele acredita que ainda a ama. É esse o pensamento que lhe ocorre ao se acomodar no lado destinado a ele na cama.

O sono é arredio, algo constante nos últimos tempos. "Coisa de gente velha", foi o que ele ouviu de Helena. Uma insensatez vinda de alguém apenas três anos mais jovem que ele, portanto, distante de ser a personificação da juventude. Ainda faltam alguns meses para que seu bolo de aniversário traga no topo duas velas formando o número cinquenta e três, e Gaspar não vê motivos para alarde. Aliás, em sua opinião, isso deveria ser considerado um crime inafiançável. Depois dos trinta, ninguém se importa mais com velinhas. Essa é a grande verdade.

Antes de pegar no sono, ele ouve os risos da esposa interagindo com a televisão. Isso sim deveria ser considerado "coisa de gente velha".

Capítulo 3

Um processo repetitivo e, como tudo o que é recorrente, chato. É assim que ele compreende esta manhã de quarta-feira. O amanhecer, o sol esplendoroso e essa papagaiada toda já não lhe causam nenhum torpor. Esse é o mesmo espetáculo que ele viu ontem, anteontem, semana passada e a vida toda. Acontece que agora Gaspar não quer mais perder tempo com filme repetido.

Ele entra em seu Fusca e bate a porta com força. Ultimamente tem sido assim, na convicção. É um modelo prata, lançado em 1996, o famoso "Fusca Itamar". Mas nem a referência ao Chefe de Estado topetudo evitou que o problema aparecesse. Agora é só na porrada, mas ele não se importa com isso. Há uma unanimidade entre mãe e filha: Gaspar já deveria ter se livrado dessa "lata velha" e comprado um carro melhor, ele tem economias para isso.

Em vinte minutos estará na empresa, sempre foi assim. É nisso que ele está pensando quando se dá conta de que já avançou quase duas quadras da rua onde deveria ter entrado, o cérebro está no automático. É impressionante a passividade com que nos habituamos às rotinas, e só agora ele percebe que isso também o incomoda.

A existência se transformara em um incessante fluxo de obrigações e responsabilidades, em que cada dia se assemelha ao anterior. Gaspar experimenta uma angústia latente diante dessa ausência de novidades, dessa

monotonia que aos poucos o consome. Ele questiona a existência de algo além das obrigações cotidianas e das convenções sociais.

Ele faz o retorno e rapidamente adentra a rua Afonso Schneider, acesso ao Jardim Vitória, o que ele considera uma piada. Não é o bairro em si que o incomoda, mas sim o nome. Agora que está familiarizado com os arredores, ele não consegue evitar a pergunta: por que alguém teve a brilhante ideia de batizar um bairro decadente com o nome "Vitória"? Uma incoerência sem sentido. "Desde quando a miséria está relacionada à vitória?" Ele balança a cabeça incrédulo e suporta as trepidações do carro ao passar por ruas com asfalto esburacado.

Becos sujos, lixo espalhado por toda parte, pessoas maltrapilhas e o completo descaso por parte do Poder Público. Essa é a triste realidade que ele presencia, algo que antes só via em reportagens do Jornal das Oito, durante o período eleitoral ou em discussões sobre o índice de desenvolvimento humano em queda. No entanto, Gaspar reconhece que, quando se trata de políticos envolvidos, o pessoal do marketing é capaz de tudo.

Gaspar reduz a velocidade do veículo e estaciona em frente a um barraco na travessa Esperança. "Mais um nome fora de contexto", foi o que ele resmungou ontem ao colocar, pela primeira vez, os olhos na inscrição na placa enferrujada pendurada em um poste.

Ele desce do carro e entra na casa.

"Pelo jeito ainda não contou para elas", é o que diz uma senhora, já idosa, ao encontrá-lo na porta. É uma mulher miúda, de aspecto franzino e expressão séria. Não chega a ser negra, mas tem a pele um tanto escura e

flácida, o que deixa os ossos, especialmente os dos braços, em evidência, apontando para alguém com no mínimo setenta anos. Tudo indica que a artrose tem feito um bom trabalho nela, pois é perceptível alguma dificuldade em seus movimentos até a cozinha. Gaspar a observa, mas não passa da sala. Particularmente, não há paredes dividindo esses dois ambientes. A privacidade, mesmo que parcial, só é possível graças a um armário de madeira posicionado estrategicamente, criando a sensação da existência de dois cômodos.

Gaspar se acomoda no sofá, há um pequeno espaço onde as rachaduras ainda não alcançaram o couro sintético. A idosa está fora de seu campo de visão, protegida pelo "armário-parede".

"Ainda não tive como", ele encara os sapatos enquanto cruza as pernas. Na casa ao lado, alguém ouve o novo hit da cantora Joelma. O volume da música não chega a incomodar, mas o que realmente chama a atenção é a empolgação da fã, que canta junto, grita, desafina; uma comédia.

"No momento certo elas saberão", completa. O aroma do café fresco inunda suas narinas, um convite tentador vindo da cozinha.

"O senhor é quem sabe, mas o certo seria contar logo de uma vez. Quanto mais o senhor esperar, menos vontade terá de contar a verdade", responde a idosa.

Gaspar acha que não, pode contar a verdade quando ele quiser, só não quer agora, e não vê mal nenhum nisso. Enquanto conclui esse raciocínio, percebe um copo americano estendido em sua direção, com o líquido fumegante. Gaspar aceita a bebida. Parece um tanto satisfeito, vai superar tudo isso. Dá um gole e sente a queimação na garganta. A velha garrafa térmica que

possui em casa fez com que ele esquecesse a sensação de beber um café quente de verdade. A dormência na ponta da língua não o impede de esboçar um sorriso, enquanto reflete sobre o quão irônica a vida pode ser. Há algumas semanas, nem remotamente passaria por sua mente a possibilidade de pisar naquele bairro.

"Encontrarei uma maneira de contar a elas", replica, devolvendo o copo à dona da casa. A expressão no rosto da idosa não denota nada além de cansaço, e ela segue de volta para a cozinha.

***

No dia em que foi demitido, Gaspar sofreu o que ele mesmo classificou como um ataque de pânico. Espasmos, palpitações, falta de ar, suor frio e uma vontade quase irresistível de enfiar a mão na cara do sujeito do RH. Esses eram os sentimentos que o consumiam quando decidiu passar o tempo sentado em um banco de praça. Tantos anos de dedicação para ser dispensado dessa forma, é de arruinar a vida de qualquer um. Foi demitido em uma sexta-feira de manhã, isso ele não esquece. Teve tempo para bater o cartão de ponto, dizer bom dia aos colegas, ligar o computador, verificar os e-mails e só então foi chamado à sala de Recursos Humanos para ouvir que "sentimos muito, mas a empresa não precisa mais dos seus serviços". Uma palhaçada, é o que ele acha. Se é para ser demitido, que seja em uma segunda-feira, pelo menos não estragariam seu fim de semana.

Agora ele está ali, sentado em um banco de praça, tornara-se trecho de alguma letra de música, uma paródia do

destino. Faz para si a pergunta que todos os demitidos costumam fazer: "Onde foi que eu errei?".

Antes que a busca por uma resposta assuma um viés filosófico, Gaspar observa um rapaz se aproximar de uma mulher. Trata-se de uma idosa que aparentemente acaba de sair de uma agência bancária.

É isso que acontece quando se é um sujeito correto. Ao menos é assim que ele vê a situação: um funcionário disposto a ignorar sua própria dignidade em prol de um sistema perverso, a roda que faz boa parte da economia mundial girar.

O rapaz agora conversa com a idosa. Ele gesticula de forma exagerada e, de vez em quando, toca sutilmente seu ombro, na esperança de que isso possa conferir-lhe autenticidade ou estabelecer uma atmosfera amistosa entre os dois. Aos olhos de Gaspar, isso não tem chance alguma de acabar bem.

De onde está sentado, ele não consegue ouvir a conversa entre o rapaz e a idosa, mas já tem um palpite de como isso vai terminar. Gaspar também sabe que nada tem a ver com a situação, não é da sua conta. Além disso, ele já terá de encarar a dura realidade de seu desligamento profissional, algo que sinceramente não esperava. Ninguém espera. Então, se a velha quer embarcar no golpe do bilhete premiado, o problema é dela.

O rapaz entrega algo à idosa, que por sua vez, coloca a mão na bolsa.

Gaspar não acredita. Ela vai mesmo pegar a carteira?

"Tá de brincadeira!", ele sussurra entre dentes. Permitir que a idosa seja enganada por qualquer vagabundo não vai fazê-lo se sentir melhor em relação ao

fato de a empresa onde trabalhou por quase duas décadas não "precisar mais dos seus serviços". Ele se levanta.

"Ei, qual é o problema, amigo?"

O rapaz leva um tempo para perceber que a pergunta de Gaspar é direcionada a ele e dá um passo para trás.

“Tá fazendo o quê?”, Gaspar questiona.

“É da sua conta?”, a resposta do rapaz vem acompanhada de um breve gesto de agitação dos braços. “Tá se metendo por quê?”

Agora há pouco, Gaspar tinha decidido que não se envolveria, mas o problema está no tom desrespeitoso e rude adotado pelo sujeito. Uma resposta assim não pode vir de alguém com boas intenções.

Um homem, agarrado a um cano de PVC,de onde brotam pelo menos uma dúzia de pacotes rosados de algodão-doce, ocupa o banco ao lado de onde Gaspar está. Ele o observa com sarcasmo e um sorriso no canto da boca, como se dissesse: “Vai mesmo deixar isso barato?”.

Entretanto, essa não é a questão. Entrar em uma briga com alguém pelo menos trinta anos mais jovem não faz parte dos planos de Gaspar. Ele apenas não quer conviver com a sensação de que poderia ter feito algo altruísta no dia em que o desgraçado do departamento de Recursos Humanos colocou sua cabeça a prêmio. É o senso comum que o incomoda.Hoje em dia, ninguém se importa se você é assaltado no meio da rua, foda-se você! É cada um por si... e Deus apenas observando tudo lá de cima.Parece que a essência das pessoas evaporou junto com a evolução tecnológica, e o smartphone ganhou o status de melhor amigo. Os olhos da humanidade estão voltados para os celulares e outras geringonças modernas.

"É cada uma que me aparece", naturalmente, Gaspar está apenas pensando alto, mas o homem do algodão-doce acredita que a frase foi dirigida a ele, por isso desvia o olhar, enquanto seu vizinho de banco caminha calmamente em direção ao jovem que acabou de insultá-lo. O rapaz dá mais um passo para trás, indicando que vai deixar o local. "Melhor assim", reflete Gaspar. Um confronto direto seria desastroso, pois ele já sofreu o bastante hoje. Para ele, ter sido demitido foi pior do que um soco no estômago, como se sua dignidade, mantida intacta por tantos anos, tivesse sido atingida por uma bala perdida.

Antes mesmo que Gaspar consiga alcançar a idosa, o rapaz se afasta. Não chega a correr, sai sorrateiramente, e a velocidade de seus passos lembra alguém em uma marcha atlética. Hoje não haverá velhinhos ganhando na loteria.

"Quase comprou um bilhete premiado, né, vó?", ironiza Gaspar.

A idosa guarda a carteira de volta na bolsa, não quer responder, mas ela sabe que ia ser enganada. No entanto, a possibilidade de ganhar dinheiro sem esforço é tão sedutora quanto o diabo, desperta a ganância, mina o bom senso e arruína nossa capacidade de discernimento.

"Não sei o que deu em mim", ela responde.

Gaspar sabe, mas prefere não compartilhar sua opinião. Em vez disso, ele se oferece para ajudá-la. Não tem nada para fazer o dia todo mesmo.

Aceitar carona de um estranho só evidencia a ingenuidade da mulher, mas agora Gaspar não é mais um desconhecido para ela. Tornou-se seu anjo da guarda, alguém cuja disposição acaba de evitar a perda de um mês de aposentadoria. Além disso, Gaspar considera

desnecessário deixá-la à mercê do próximo sujeito metido a esperto. Agora que ele está de férias permanentes, não há problema em levá-la até o Jardim Vitória.

Dentro do carro, a idosa acomoda-se no banco do passageiro e estende a mão direita em direção a Gaspar.

"Meu nome é Damiana", ela diz.

Ele aperta a mão dela e responde:"É um prazer. Eu sou Gaspar, o troglodita machista".

Damiana faz uma expressão de quem não entendeu a piada.

Capítulo 4

"Saiu ontem à noite e até agora, nada." Essa foi a resposta dada a Gaspar ao questionar Damiana sobre a ausência da neta durante pelo menos oito dos doze dias em que ele tem religiosamente visitado a casa da idosa. Era para ser apenas por dois ou três dias, no máximo. Era para ser apenas até Gaspar se sentir seguro para tornar pública a notícia de que agora ele é um homem sem emprego, um desocupado. No entanto, ele ainda não está preparado para isso.

"A 'fia' é assim mesmo", Damiana diz. Essa é a palavra carinhosa que ela utiliza para se referir à neta. O nome Jéssica só é pronunciado pela idosa em momentos de tensão entre as duas, o que às vezes acontece. "Ela não se importa com esta velha aqui", ela conclui.

Gaspar faz menção de rir, vê alguma comicidade no trocadilho usado pela idosa, mas vindo de Damiana ele sabe que é genu. O que ele realmente não tolera são os trocadilhos forçados, elaborados para criar a impressão de que exigem uma grande inteligência para serem criados, o que, na visão dele, não é verdade.

A garota é novinha, não devia ficar zanzando por aí a noite toda, e das poucas vezes em que a viu cruzar aquela *sala*, ele não se convenceu de estar diante de alguém que saiba se cuidar, mas ela deve saber, já que vive mais na rua do que em casa. Gaspar pensa na própria filha e se pergunta como ele, o pai troglodita, reagiria a isso caso fosse Heloisa em vez de Jéssica. Essa ideia lhe traz certo desconforto. Cabe aos pais a responsabilidade de orientar os filhos e, no caso de Jéssica, cabe à avó.

"A senhora deveria conversar com ela", diz Gaspar.

"E o senhor acha que eu já não fiz isso?"

Gaspar espera que a idosa diga algo mais, algo que explique a completa falta de controle dela sobre a neta, algo que ao menos a isente da possibilidade de negligência, mas isso não acontece. Tudo o que Damiana tem a dizer é que "já conversou com ela", e isso deveria ser o suficiente para deixá-lo satisfeito. Gaspar se tornou uma espécie de hóspede diurno na casa dela, em vez de ir para um suposto trabalho, ele vem para cá e passa quase o dia todo com ela, o que, de certa forma, é conveniente para ambos. Claro que não com a frequência que ele gostaria, mas Gaspar tem procurado um novo emprego e concluiu ter feito uma descoberta interessante: homens com idade acima de cinquenta anos não são mais bem-vindos no mercado de trabalho atual. O que houve com o velho e bom curso de Administração de Empresas? Agora, você também precisa entender de redes sociais e corre o risco de ser visto como um Homem das Cavernas, caso ainda não tenha ouvido falar do termo "Start Up". Então, por enquanto, Gaspar vai continuar vindo para cá e, como a convivência entre eles ainda não tem um prazo final estabelecido, ele entende que já está na hora de começar a participar dos problemas da família. Uma família, sua segunda família, é assim que ele pressupõe seu relacionamento com Damiana e a neta, cujo rosto viu poucas vezes; mas agora ele quer mudar isso.

"Não deveria permitir que ela saia por aí todas as noites, ora, isso não está certo", diz Gaspar como se estivesse se referindo à própria filha, sua voz carregada de um tom severo cuja indignação fica evidente. Onde já se viu uma coisa dessas?

"Ela já completou dezoito anos, é ‘de maior’ agora", retruca a idosa enquanto segue para a cozinha. "Antes, ela ainda me ouvia um pouco, mas agora não tem quem segure essa criatura", enfatiza.

Ao terminar a frase, Damiana já está de volta à sala e segura o mesmo copo americano dos dias anteriores. O café saiu mais cedo hoje. Esta noite, ela teve um sonho horrível, acordou às quatro da manhã e não conseguiu mais dormir. Gaspar dá um gole e percebe que o café de hoje está idêntico ao que está acostumado a tomar em casa, morno. Ele reflete por um instante. Hoje não há música da Joelma na vizinhança, mas, em compensação, alguém resolveu fazer buracos nas paredes. O ruído insistente de uma furadeira o deixa um tanto incomodado. Ele se esforça para se concentrar no que a idosa diz, e quando a expressão "de maior" vem novamente à sua mente, ele imediatamente a associa a menores infratores, os quais ele vê quase todos os dias na televisão, e se pergunta o que deve passar na cabeça de um policial ao ouvir de um delinquente que acabou de cometer um furto: "Eu não fiz nada, sou ‘de menor’, senhor!". Um mantra. Algo que parece ter se apoderado da boca da molecada. E continuará lá sempre que necessário.

"Não parece", ele pensa. Gaspar acha que a neta da idosa é muito franzina para já ter alcançado a maioridade. Além disso, nas poucas vezes em que a observou, não viu nada além de uma adolescente. Uma garota temperamental, supõe ele, mas ainda assim uma adolescente. A pele branca e o cabelo claro, extremamente curto e com mechas tingidas de roxo, dão a ela o aspecto de uma personagem de desenho animado infantil, cujo corpo parece ainda não ter passado por todas as transformações que a levarão à fase adulta. Aliás, a

expressão de Jéssica em nada lembra os traços da idosa, o que não chega a ser um problema considerando as diferenças de geração. Ele quer dizer algo a esse respeito, mas quando abre a boca, é interrompido, não por Damiana, mas por Jéssica, que entra de repente vestindo um shortinho de jeans. Ela transfere o celular de uma das mãos para o bolso traseiro do short, enquanto faz o que considera apropriado no caso de um sujeito a quem viu raríssimas vezes: cumprimenta-o com um breve aceno de cabeça, nada além disso. Ela passa por eles, vai para seu quarto e só dá sinal de vida, quando muito, para fazer um sanduíche com as sobras do almoço ou quando a avó bate à porta usando um copo de suco ou refrigerante como artifício para saber se está tudo bem. Acontece que agora ele quer mais, Gaspar quer participar da rotina da família, sua segunda família, por isso redobrou a atenção ao observá-la dessa vez.

O tagarelar das crianças na rua é o único som que ele escuta agora, graças a Deus!

Já não se recorda mais do que Damiana estava dizendo, então ele mesmo declara: "Sempre há uma solução para tudo", como se a frase, por si só, fosse capaz de resolver tudo. Como se a partir dessa afirmação ele pudesse recuperar seu emprego, fingir que está tudo bem, não ser mais o sujeito troglodita e racista pintado por sua filha, assim como deixar de ser o marido chato que Helena tem suportado por décadas. Gaspar agora é o anjo guardião dessa família, ele decidiu assim. Uma decisão que, aos seus olhos, conta com a aprovação de Damiana. Não foi ela quem aceitou sua ajuda naquele dia na praça? Não é ela quem tem se mostrado cúmplice nessa história de emprego fictício? Para ele, isso vai além de um tapinha

nas costas, ultrapassa em muito o "fazer por educação". Então, ele irá retribuir.

Capítulo 5

Ao discorrer sobre a trajetória dela e da neta até aquele momento, Damiana o analisa atentamente. Para ela, Gaspar não aparenta ter mais de cinquenta anos, é apenas deleixo mesmo. Ela observa que sua barba parece encardida. Tirando isso, há poucas rugas em seu rosto. Ele não é feio, pelo menos não no sentido convencional da palavra. Parece mais alguém cuja vaidade está em baixa.

"Mortos?", questiona Gaspar.

"Infelizmente", confirma a idosa. Ela diz isso com a mesma tranquilidade de quem descasca uma banana, sem nenhuma alteração em sua expressão facial. Os pais da garota faleceram em um acidente de carro em uma das principais rodovias que ligam a capital ao interior do estado, é o que ela explica. E nesse momento, a mulher parece concentrar toda a sua atenção na aparência de Gaspar, o homem que agora faz parte da família. Ela acha que seu cabelo, que ao contrário da barba tem apenas alguns fios brancos, também precisa ser cortado.

"Que tragédia!", exclama Gaspar. Ela assente com um movimento de cabeça. "Deve ter sido muito difícil para vocês", completa.

"Não foi nada fácil."

"Posso imaginar", agora é Gaspar quem assente com a cabeça. "E isso foi quando?". A pergunta é perspicaz, ele espera que a resposta possa explicar a falta de emoção na narrativa de Damiana. Falar sobre a perda de um familiar, alguém com quem se tem um vínculo sanguíneo, não é um assunto que se deva tratar com indiferença, de forma alguma. Porque, para ele, é

exatamente isso que parece, pura indiferença. A morte pode despertar emoções estranhas nas pessoas, mas nunca desinteresse. A menos que tenham se passado muitos anos.

"Isso foi há muito tempo", ela diz.

É em parte o que Gaspar esperava ouvir, mas a resposta também é um dilema, um doloroso dilema. "Quanto tempo, exatamente?", ele gostaria de perguntar, mas se contém. Talvez ela fale sem que Gaspar precise formular outra pergunta aparentemente indesejada, talvez a informação surja naturalmente em seu discurso narrativo. No entanto, ela continua falando sobre outros detalhes do acidente e deixa a data de lado. Parece não ser importante para ela. Enfim, Gaspar terá que se contentar com o fato de que ela não pretende mais tocar nesse assunto. O barulho da furadeira elétrica volta a ser ouvido na vizinhança. "As cortinas", supõe Gaspar. Ele nunca foi bom nessas coisas. Lembra-se de um episódio no começo do ano passado, quando Helena pediu (ordenou) que ele trocasse os varões das cortinas. "Por quê?", questionou ele na ocasião. "Porque eu quero", respondeu ela, deixando claro o suficiente que, na maioria das vezes, as mulheres não precisam de um motivo específico para mudar o que desejam em casa. Elas decidem, é simples assim. Foram horas fazendo buracos que se recusavam a coincidir com os furos nos suportes dos varões, uma verdadeira dor de cabeça. Ele sabe bem como é isso.

Já passa das cinco da tarde, e a conversa evoluiu para vários outros assuntos, exceto aquele que Gaspar esperava ouvir. "Não precisa fazer nada disso", disse Damiana há pouco tempo. Sua aposentadoria, somada à pensão deixada por seu falecido marido, é o suficiente. Ela

não vê necessidade alguma de ele ajudar nas despesas da casa, mas Gaspar já deixou claro que faz questão. Tem passado dias inteiros ali e, embora ele próprio se considere um fracasso no garfo, tem feito companhia à idosa durante as refeições do almoço. Vez ou outra, ele aceita provar a salada, beliscar os bifes, experimentar o picadinho de carne, mas nunca come arroz com feijão.Era assim também no refeitório da empresa, a mesma que recentemente deixou de precisar dos seus serviços. Ele nunca foi de comer muito.

Ele tenta retomar o assunto sobre o acidente envolvendo os pais de Jéssica, mas agora a pergunta é diferente:"Qual dos dois era o parente?", ele questiona. Sim, porque cônjuge não é parente consanguíneo, se bem que às vezes a consideração nos faz esquecer disso.

"Como assim?", ela retruca no exato momento em que se ouve um som vindo do quarto de Jéssica, um barulho. Um estrondo, na verdade. Parece que um objeto consideravelmente pesado caiu ou a própria garota se estatelou no chão. Damiana deixa o visitante — que agora se autointitula membro da família — no sofá da sala e segue imediatamente para a porta do quarto da neta.

"Está tudo bem aí?", a idosa pergunta enquanto bate à porta. São duas ou três batidas fracas. Gaspar já está logo atrás dela, ele também quer saber o que aconteceu.

"Tudo certo", Jéssica responde após um breve silêncio. "Não foi nada, apenas a minha 'case'."

Gaspar encara a idosa, depositando nela todas as suas expectativas de que pudesse ser apresentado ao significado dessa palavra. No entanto, a expressão que recebe em troca indica que Damiana também não faz ideia do que seja uma "*case*". Como se pudesse vê-los através da

porta, Jéssica esclarece: "A minha maleta de maquiagem, vó." A frase sai propositalmente cantada.

"Tem certeza de que está tudo bem, 'fia'?", insiste a idosa.

"Tenho. Não se preocupe."

Enquanto ele e Damiana caminham de volta para a sala, Gaspar é assaltado por um pensamento inadequado. Ele compreende que a expressão 'não se preocupe' é perfeitamente aplicável a esse momento, não importa que, vinda de alguém que deixa a avó sozinha e dorme fora quase todas as noites, não faça muito sentido. Aliás, só agora ele percebe que nunca esteve naquela parte da casa, nunca ultrapassou os limites que demarcam a sala e a cozinha. Então, sem mais nem menos, ele se pergunta como seria o quarto da garota. Será que é todo decorado em tons de rosa, com algum bicho de pelúcia largado ao lado da cama? Ou estaria completamente bagunçado, com roupas íntimas espalhadas por todo lado e alguns quadros — representados por bandas de rock dos anos 1990 — decorando as paredes? "Não é da sua conta", ele sabee se pune em pensamento, mas não há nenhum constrangimentonisso, nem desconforto.

"O senhor aceita mais um café?" é a voz de Damiana que o traz de volta à realidade. A idosa está de pé ao lado de Gaspar, e a sugestão do café, na verdade, na falta de algo melhor para dizer, foi só para despertá-lo, o estalar de dedos do terapeuta ao término de uma sessão de hipnose com o paciente.

"Não, obrigado!", ele responde enquanto caminha resoluto em direção à porta de saída. "Preciso ir, volto amanhã cedinho." Diz isso com a convicção de quem encerra mais um dia de expediente. Ele não quer passar da

hora, precisa ir para casa. Amanhã, concluirá o que começou.

Capítulo 6

Em casa, Heloisa evita falar sobre o assunto com a mãe, mas, na opinião dela, o pai tem agido de forma estranha, diferente. Já faz alguns dias que ele não implica mais com o seu namorado. "Até o próprio Mateus já percebeu isso", ela diz, referindo-se ao rapaz. Fala mais para si do que para a mãe.

"Pessoas como o seu pai nunca mudam", Helena retruca, atenta. Talvez as novelas, os reality shows, os programas de auditório ou todos esses fatores juntos possam explicar o fato de Helena não ter mesmo notado nenhuma diferença no comportamento do marido. Exceto pelo fato de ele ter decidido se barbear hoje. Ficou mais tempo do que o habitual no banheiro. E quando saiu de lá, não houve nenhuma observação sobre os muitos frascos de xampus e condicionadoresque se amontoam e se espremem num pequeno suporte, como presos numa cela de penitenciária cuja capacidade comprovada comporta só a metade deles.

"Bem melhor assim", observa Heloisa, enquanto lança um sorriso carinhoso em direção ao pai. Estão terminando o jantar. Ele desvia brevemente os olhos do prato e os direciona à filha, retribuindo com um leve aceno de cabeça. Tem estado distante ultimamente e age como se suas convicções já não tivessem tanta importância, não como antes. Quase não há mais comentários sobre os hábitos da esposa, que ele considera uma afronta ao intelecto. Até mesmo a discordância em relação ao relacionamento da filha com um homem que ele considera negro parece ter cessado. Sua casa adquire

ares de um hotel de passagem, onde apenas o necessário é dito.

"Acho que vocês duas têm razão", ele diz. Mãe e filha se entreolham e há um consenso entre elas de que Gaspar fica bem melhor sem aquela barba. Mas não é sobre isso que ele está falando, então completa: "Vou comprar um carro melhor". Ele vê Damiana à sua frente, precisa de um veículo maior e mais confortável caso precise conduzir a idosa a algum lugar. Ela mencionou algo sobre uma condição imposta pelo INSS para continuar recebendo a aposentadoria. "Prova de vida", essas foram as palavras usadas por ela. De tempos em tempos, Damiana precisa provar que ainda está viva, que ainda respira, apesar da miséria que a previdência lhe permite receber. Uma quantia insignificante se comparada aos inúmeros benefícios que a carreira pública pode oferecer. Aliás, eles sim, os políticos e uma parcela do funcionalismo público, deveriam se submeter, por assim dizer, a uma rigorosa prova de vida. De qualquer forma, ele já decidiu, vai mesmo comprar um veículo melhor. Pessoas mais velhas precisam de mais conforto. A idade maltrata as pessoas, ele sabe disso, pois está envelhecendo também, e aos cinquenta e dois anos teme pelo que possa acontecer à sua mobilidade num futuro que parece cada vez mais próximo. A prática de uma atividade física nunca lhe interessou, apesar de não terem faltado incentivos, especialmente vindos da filha. Ele ainda está se habituando a uma vida longe da nicotina, chega de sacrifícios, por enquanto.

"Já devia ter feito isso há um tempão", diz Heloisa. Está tão entusiasmada com a decisão do pai que sua fala sai num tom mais alto do que o desejado. "Esse fusquinha já deu o que tinha que dar", enfatiza. A mãe não vê

necessidade em comentar, o marido sabe que ela mesma já havia sugerido isso antes. Além disso, é ela e a filha quem dirigem o outro veículo da família, e este oferece o conforto e a tecnologia de um modelo lançado há menos de dez anos.

Exceto pelo fato de que ultimamente Gaspar tem interagido pouco com a família, se bem que antes também não era lá essas coisas, a rotina da casa é praticamente a mesma. Heloisa ajuda a mãe com a louça do jantar e Helena, por sua vez, continua a interagir com seus programas de televisão preferidos. Gaspar tem ido para a cama cada vez mais cedo.

Como nunca foi dado a discutir assuntos de trabalho com a esposa e a filha, ele não julga conveniente, pelo menos não por enquanto, tocar no assunto de sua demissão. Até porque, Heloisa pode se sentir tentada a engrossar sua lista de adjetivos sobre ele. Agora o pai dela é um troglodita, machista e desempregado.

É uma noite com temperatura agradável. Gaspar se ajeita na cama e, por um instante, se pergunta se os cachorros têm mesmo uma língua própria, se há algum tipo de comunicação sonora entre eles. Ele ouve latidos distantes que se replicam numa cadência quase musical. Uma canção cujo conteúdo da letra ele jamais saberá. Latidos. Mas isso nunca foi um problema para ele. O sono deve chegar a qualquer momento.

Capítulo 7

Hoje, vão aproveitar o período da manhã para ir ao centro da cidade. Damiana precisa provar que está viva. No início, ela hesita, mas Gaspar a convence de que é mais seguro que ele a conduza até a agência bancária, porque agora ele é da família. "Não se pode dar moleza para essa molecada", ele diz. A idosa interpreta a frase como um puxão de orelha, uma referência clara ao episódio do bilhete premiado. Ela, na verdade, ainda não digeriu essa história de "ser da família", a imposição de um homem cuja convivência, apesar de harmoniosa, tem menos de trinta dias. Além do mais, não é dessa forma que as coisas funcionam. Mesmo assim, ela considera aceitar a carona de Gaspar, o troglodita, machista, desempregado e anjo da guarda de velhinhas indefesas.

Existe uma vizinha, a residente da casa à direita, que constantemente o observa. Ela não tem consciência disso, mas Gaspar já percebeu. Às vezes é quando ele chega, outras vezes quando sai, mas ela está sempre presente. Na opinião de Gaspar, os pretextos que ela usa estão se tornando previsíveis e até mesmo constrangedores. Verificar a caixa de correio, varrer a calçada, levar o lixo para fora e, quando não tem nada mais criativo, regar uma árvore de quase quatro metros de altura estão entre as artimanhas que ela utiliza.

A mulher está lá agora a observar os dois. Inusitada, essa talvez seja a palavra que melhor se adeque à desculpa de hoje. A criatura está de pé em frente ao poste de luz, encara o relógio medidor de energia elétrica como se ali pudesse haver uma divindade à espera de

adoração. E quando tem certeza de que não há reciprocidade, lança olhares curiosos aos ocupantes do Fusquinha Itamar.

Damiana está distraída, não consegue encontrar o fecho de encaixe do cinto de segurança, mas Gaspar está atento e sabe que a vizinha os observa, ela já fez isso antes. O que ela pode estar pensando? Será que suspeita que ele está explorando a velha senhora? Ou será que acredita que os dois são amantes? Estariam eles envolvidos em um caso amoroso clandestino? "Essa possibilidade seria extremamente embaraçosa e repugnante", Gaspar sorri ao ser assaltado por tal pensamento. Ele dá partida no veículo, sugere que a idosa se segure firme e pisa no acelerador com determinação. Precisam estar de volta antes do almoço.

***

Já passa da uma e meia da tarde quando os dois retornam, mas pode-se dizer que o objetivo foi cumprido: chegaram antes do almoço, pelo menos o deles. A neta está trancada no quarto, como de costume. Na cozinha, há panelas, copos, pratos e talheres sobre uma pequena mesa quadrada. Damiana parece surpresa, pois a neta preparou uma refeição, o que não é muito comum na rotina delas. No entanto, a jovem sequer tocou na comida, preferindo uma lata de refrigerante e um sanduíche com fatias de presunto e queijo enterradas em um pão francês amanhecido. "Coisa de gente jovem", diria Gaspar.

"O senhor quer que eu esquente?", pergunta a idosa, enquanto destampa as panelas para verificar o que há para o almoço. Há arroz com ervilhas, bife acebolado,

salada de tomate e uma pequena porção de fígado bovino ao molho que sobrou da noite anterior.

Gaspar vai até a geladeira e serve-se com um copo de água. "Se for só por mim, não precisa", responde ele. Damiana deveria saber que ele não come muito. Tanto faz. Ele completa a garrafa de vidro com água da torneira e a coloca de volta na geladeira.

Os dois tomam assento à mesa. Ela se serve com um bife e uma porção de arroz, enquanto ele encara o prato vazio, perdido em pensamentos sobre a conversa que tiveram no dia anterior a respeito do acidente envolvendo os pais de Jéssica, e a imagem da expressão indiferente no rosto da idosa volta a assombrá-lo.

"Não vai comer?", ela pergunta.

Ele apenas balança a cabeça em concordância. Serve seu prato com uma colher de arroz, imediatamente servindo mais uma. Não seria educado deixar sua anfitriã constrangida. Com o garfo, ele agrupa algumas ervilhas, formando pequenos montes verdes no prato, enquanto os grãos de arroz são completamente ignorados. Enquanto realiza essa tarefa, busca mentalmente uma maneira de retomar o assunto do dia anterior, sem parecer indelicado ou excessivamente curioso. A curiosidade é um jogo de azar, uma roleta-russa, onde a euforia inicial pode resultar em completa escuridão. Gaspar começa a empilhar as ervilhas no garfo antes de levá-las à boca, uma por uma.

"Ela não sente falta?", ele pergunta.

Damiana, que agora se rende a um suculento bife acebolado, leva algum tempo para compreender a pergunta. Ela ergue os olhos e continua mastigando, sem pressa. "Já foi bem pior", responde finalmente a idosa. "Mas a gente é obrigada a se acostumar com tudo nessa vida. E a menina é bastante forte."

Gaspar leva mais uma garfada de ervilhas à boca. Ele imagina o trauma que uma tragédia como aquela pode causar na vida de uma pessoa, especialmente em uma criança. Perder os pais de forma repentina, ambos de uma só vez, é algo que dilacera o orgulho e a dignidade. "Isso", ele pensa, "talvez explique o comportamento da garota". No entanto, ele não acredita que devemos ser escravizados pelo caos ao qual inevitavelmente somos submetidos ao longo da vida. Seria esperar demais de uma criança lidar com questões filosóficas envolvendo a morte. Ele compreende isso. Prepara-se para espetar mais algumas ervilhas, mas uma delas acidentalmente salta do prato e rola quase até a borda da mesa. Damiana observa a trajetória da leguminosa, mas não comenta nada sobre o ocorrido.

"Qual deles era seu filho?", Gaspar quer saber. A expressão que surge no rosto da idosa deixa poucas possibilidades: ou ela não entendeu a natureza da pergunta, ou simplesmente opta por não respondê-la. Ele reformula o questionamento de uma maneira diferente. "Sobre os pais de Jéssica", Gaspar faz uma pausa entre as frases, "qual deles tinha parentesco de sangue com a senhora?"

Damiana reflete por um instante. Hesita. Parece estar em dúvida sobre o que pretende dizer. Coloca os talheres de volta ao prato e o afasta a uma distância que permite que ela apoie os cotovelos sobre a mesa.

"Ele", a idosa suspira. "Ele era meu filho." Traços melancólicos surgem em seu rosto. Há indícios de lágrimas naqueles olhos castigados pelo tempo, mas Gaspar não as vê caindo. E pela primeira vez, desde que teve acesso a uma parte da trágica história envolvendo os pais de Jéssica, ele sente que pode confiar no que acabara

de ouvir. A frase exala sinceridade. Aliás, a idosa poderia ter respondido de qualquer maneira. "Não é da sua conta", por exemplo. "Não tenho a obrigação de lhe dizer nada." No entanto, ele entende que isso seria extremamente grosseiro e desnecessário, uma vez que ele só deseja ajudar, não vendo nada de errado nisso.

"E isso faz quanto tempo?", ele pergunta.

"Nove anos, três meses e sete dias."

A precisão da resposta o comove. Não se pode negar que contar os dias desde a perda de um filho é algo angustiante. Uma dor avassaladora que ele, sinceramente, não pretende mensurar.

Damiana perdeu o apetite, metade de seu bife ainda está no prato.

"Estou aqui para ajudar", diz Gaspar. "Tudo ficará bem."

"O senhor precisa contar tudo para elas", ela diz, referindo-se à demissão de Gaspar. "Minha neta e eu estamos bem, não se preocupe." Damiana parece querer desviar o foco da conversa, não está tão à vontade como Gaspar imagina, e talvez não esteja totalmente convencida de suas boas intenções. Então sugere que ele resolva primeiro suas próprias questões antes de pensar nos problemas dos outros. Como Gaspar também não toca mais nas ervilhas, ela entende que o almoço está encerrado e levanta-se.

Quando Gaspar pensa em fazer o mesmo, ouve-se a porta do quarto de Jéssica se abrir. Ela passa por eles com um sorriso no canto da boca, usando um short de pijama com lacinhos e uma camiseta branca com a estampa linear de um elefante cor-de-rosa. Gaspar percebe que ela está sem sutiã e tenta afastar esse pensamento. Ele sabe que não deveria, mas não pôde deixar de notar o

discreto volume acentuando os pequenos mamilos da moça. Sua preocupação com um possível julgamento de Damiana acaba ao ver a idosa concentrada na retirada das louças do almoço. Jéssica também não percebeu sua indiscrição. Ela vai até a geladeira, pega algo que só pode ser um iogurte e volta para o quarto sem dizer nada. O que se passa na cabeça da garota é um enigma para ele.

"Não vai procurar emprego hoje?", pergunta a idosa, enquanto organiza a louça suja sobre a pia.

"Não se preocupe com isso."

"Não estou. Mas o senhor sabe que mentira tem pernas curtas."

Ele sabe. Mas não considera isso uma mentira, no máximo a ocultação temporária de um fato que se tornará público no devido momento. "Fique tranquila."

"Já passei por muita coisa nessa vida, sabe?" Damiana diz. "E posso garantir que, se eu pudesse, juro pelo Criador, ficaria bem longe dos segredos. Eles sempre nos arrastam para o buraco."

Gaspar assente. Não lhe parece oportuno iniciar uma discussão sobre o assunto agora, e ele não vai mais incomodá-la com essa conversa. A idosa não precisa se preocupar, pois tem seu apoio agora. Ele trabalhou a vida toda, nunca foi um homem dado a extravagâncias, então conseguiu guardar algum dinheiro e fazer uma reserva. Além disso, nos próximos meses, ele poderá contar com o Seguro Desemprego. Não é lá grande coisa, ele avalia, mas é o suficiente para se sustentar até conseguir um novo emprego.

"Vamos considerar esse período como férias, o que acha?"

"O senhor é quem sabe."

Gaspar dá a conversa por encerrada, volta para a sala e consulta a hora no celular. Daqui a pouco, encerrará mais um expediente. Ele pensa em Jéssica, não nos detalhes dos mamilos, mas em sua pele clara e em seus traços. Chega à conclusão de que a moça deve ter herdado as características da mãe, já que o pai possivelmente era de pele escura, assim como Damiana.

Capítulo 8

A tarde começa a desaparecer, mas o ar continua seco e carregado. Não chove há vários dias, e isso parece causar uma irritação generalizada. Para Gaspar, o alento vem disfarçado na escuridão. O anoitecer de domingo indica que mais um fim de semana chegou ao fim. Fins de semana são repetitivos e chatos, é isso o que ele acha. O almoço de domingo é o mais tedioso, especialmente quando há visitas, sendo que as mais frequentes envolvem a presença sempre desconfortável de Dona Elvira, mãe de Helena. O pai faleceu há três anos, vítima de um acidente vascular cerebral. Chegou a ser levado para o hospital, mas decidiu desistir antes mesmo do terceiro dia de internação. Gaspar não abandona a convicção de que a doença foi usada como pretexto. Em sua opinião, a verdade era que o velho Benjamim não suportava mais os desmandos de uma esposa megera, então decidiu ter um derrame. E se essa teoria tiver alguma fundamentação, ele não o culparia por isso.

Desde o falecimento do marido, Dona Elvira tem feito uma espécie de rodízio nos fins de semana, almoçando cada domingo na casa de uma das filhas, que são três, incluindo Helena. Hilda é a mais velha, Helena e Helenice são as mais novas, respectivamente. Gaspar casou-se com a do meio, e nem mesmo esse fato o poupou de desenvolver certa aversão pela letra "H". Só não imaginava que sua prole daria continuidade a esse reinado.

"Pai, amanhã vou precisar de um favorzinho seu", Heloisa diz.

"Pode falar", ele responde.

O comportamento é o cerne do convívio em sociedade. No entanto, quando trazido para um contexto familiar, em alguns casos, pode ser comparado a um ritual religioso, daqueles que nos tornam previsíveis e repetitivos. Aos domingos, o almoço é servido no espaço gourmet ao lado da churrasqueira, tem sido sempre assim. É como a bênção do vinho em uma celebração cristã, cujo roteiro permanecerá o mesmo para todo o sempre. Estão todos sentados ali, exceto a sogra. Ele a levou embora logo após o almoço, ela prefere assim.

"Sabe a Camila, que estudou comigo na faculdade?" Gaspar balança a cabeça em afirmativa, mas não chega a dizer nada. Para ser honesto, ele não se lembra de nenhuma Camila, mas supõe que já a tenha visto em algum momento. Então, Heloisa continua: "Ela vai passar no seu trabalho amanhã."

Ele pigarreia e dirige o olhar para a churrasqueira. Ao fazer isso, percebe que aderiu a um dos principais mandamentos dos mentirosos: desviar o olhar, sempre. Em seguida, volta a olhar na direção da filha, mas sua atenção não está completamente nela. Há um braço moreno envolto na cintura da moça, e isso o incomoda. Já é o terceiro domingo em que o rapaz vem para o almoço em família, mas Gaspar ainda não se acostumou com o novo namorado da filha. E qual é mesmo o nome dele?

"Vou estar bem ocupado amanhã", ele diz.

"Mas vai ser rápido, pai."

"Dependendo do horário, talvez eu nem consiga falar com ela."

"Eu pedi para ela te entregar um livro", Heloisa explica. "Aquele do Chico Buarque, sobre um velho moribundo." Ela diz ainda que a amiga trabalha em um

restaurante próximo ao trabalho do pai, por isso optou pela ajuda dele.

Gaspar sabe a qual livro ela se refere. Só não sabe ainda como explicar o fato de não poder receber a encomenda. Então, antes de responder, ele dá uma olhada ao redor, procurando uma maneira de contornar a situação. Não pode contar nada para elas agora. Observa a esposa sentada logo adiante. Ela está absorta e sorri para a tela do celular, certamente não ouviu uma palavra do que disseram. As redes sociais têm esse poder.

"Tudo bem", ele finalmente responde. "Vamos fazer o seguinte: peça para ela deixar o livro na portaria, que eu pego com o Julião assim que eu sair, pode ser?"

"Claro, pai."

Gaspar acha que se saiu muito bem com a filha, mas agora ele precisa ir ao banheiro. Levanta-se. A esposa continua a sorrir para o celular. O namorado da filha parece que não aprendeu nada na vida além de sorrir e beijar. Gaspar vai até o toalete, tira o celular do bolso e digita uma mensagem no WhatsApp:

"*Boa noite, amigo.*
Tudo bem com você?
Desculpe por incomodá-lo em pleno domingo,
mas vou precisar de um favor seu.
Ligo para você amanhã cedo e explico tudo."

Capítulo 9

A conversa com Julião é breve. Apesar de a empresa não necessitar mais dos serviços de Gaspar, ele desfruta de certo prestígio junto ao porteiro, o que o poupa de maiores explicações. Sim, Julião pode receber e guardar o livro para o amigo, mas Gaspar precisa buscá-lo ainda hoje. "Claro, não se preocupe", ele diz. "Passo aí antes das seis da tarde."

Ao descer do Fusca em frente à casa de Damiana, Gaspar é tomado por um pensamento: o que um simples "bom dia" ou "boa tarde" pode fazer por alguém. Enquanto para muitas pessoas os porteiros são seres invisíveis, para Gaspar não é o caso. Em meio à correria da rotina e à indiferença das pessoas, ele é o único que se permite chamar o porteiro pelo aumentativo, mostrando-lhe uma sutil reverência. O nome do porteiro é Júlio Cesar, um cearense de estatura um pouco baixa, com cerca de um metro e setenta de altura. Embora tenha um sotaque peculiar, é um homem de bom coração.

Antes de chegar ao portão de entrada, Gaspar nota a presença de um carro preto estacionado do outro lado da rua. É um veículo esportivo, com rebaixamento, vidros escuros e rodas brilhantes estilizadas. É daqueles carros que dificilmente passariam despercebidos em uma blitz policial, já que é difícil enxergar quem está dentro. Essa observação faz Gaspar lembrar que ele mesmo precisa ir a uma concessionária para testar alguns modelos seminovos e, se tudo der certo, oferecer seu "Fusca do presidente" como parte do pagamento.

Ele fecha o portão e começa a caminhar em direção à porta principal da casa. Enquanto ele se move, ouve passos atrás de si. É Jéssica quem abre o portão e se apressa para alcançá-lo. Juntos, eles chegam à porta da casa. Gaspar considera dizer "Você chegou cedo hoje", mas decide não fazê-lo. Ele entende que seria uma maneira desastrosa de iniciar uma conversa, especialmente porque ele ainda é novo na família. Embora não goste da ideia de Jéssica, uma adolescente aos seus olhos, passar a noite fora, ele sabe que é um assunto que pode esperar.

A adolescente tem as chaves da casa, mas espera que Gaspar bata à porta. Damiana parece não se surpreender ao vê-los parados diante da soleira. "A senhora não se importa mesmo?", Gaspar pergunta à idosa. Jéssica foi diretamente para o quarto.

"Com o quê?", ela devolve a pergunta, enquanto esfrega as mãos em um avental surrado amarrado à cintura. Hoje tem bolo de chocolate no café da manhã, ela acabou de fazer.

"Como eu disse ao senhor naquele dia, Jéssica já é 'de maior'. Não posso obrigá-la a nada."

Gaspar abre a boca para dizer que, mesmo sendo maior de idade, ela deve respeitar a avó, é a ordem natural das coisas, mas é interrompido.

"Venha, vamos tomar um café, acabei de passar", diz a idosa enquanto o conduz até a mesa. "O senhor gosta de bolo?"

"Quem é ele?", formula Gaspar, lançando uma nova pergunta. Ao fazê-lo, ignora completamente a indagação anterior de Damiana, deixando-a desnorteada. Agora, ela já não sabe mais sobre o que estão falando. "O namorado de Jéssica, quem é ele?", Gaspar retoma a pergunta.

Damiana corta calmamente duas fatias de bolo. Serve uma ao visitante e acomoda a outra em seu pratinho transparente. Senta-se e indica que Gaspar faça o mesmo. Quanto à pergunta, ela, sinceramente, acha desnecessária. Gostaria de dizer isso a Gaspar sem que ele se sinta ofendido. A conduta da neta, apesar de reprovável, é algo que diz respeito somente a ela, Damiana. O homem — a quem ela não pediu ajuda — a salvou de um golpe, é bem verdade, mas isso não o torna seu tutor. E essa ideia forçada de querer *fazer parte da família* é absurda. Onde já se viu isso?

"Eu não sei quem ele é, e acho melhor o senhor não se envolver nisso", ela enfim responde.

"A senhora não entende, eu só estou querendo ajudar".

"Entendo sua boa intenção, mas não sei nada sobre ele". Damiana coloca um pedaço de bolo na boca. Faz isso de forma quase involuntária, sentindo-se um tanto desconfortável com essa conversa.

"E mesmo assim confia em deixá-la dormir com ele todas as noites". A frase sai em tom de afirmação. Então, Damiana entende que não precisa respondê-la. O mesmo sujeito que a ajudou, quatro semanas atrás, agora acha que sua neta é uma pessoa desprezível.

"Não estou aqui para julgar ninguém", Gaspar se antecipa a um possível protesto da idosa. "Mas ela ainda é muito nova para isso".

"Devia ter perguntado isso para mim".

A frase vem do outro lado do ambiente, próximo ao sofá. E é para lá que ambos olham agora. A expressão no rosto da moça é amistosa, não combina com o seu tom de voz. Gaspar sorri, está visivelmente nervoso, e seu pedaço de bolo continua no prato, intocado. A moça está

certa, o que ele está fazendo é invasivo e completamente sem noção. Gaspar tem plena consciência disso, mas sua intenção é nobre, ele não pode simplesmente ignorar. Dizem que há um castigo reservado àqueles que se calam, que negligenciam. Ele não é esse tipo de pessoa, e Deus terá que poupá-lo. Sempre assumiu uma postura firme diante de tudo na vida, e agora vai se dirigir até ela, buscar explicar os perigos que rondam a juventude, a maldade dos homens, as armadilhas de uma paixão adolescente. Enfim, ela precisa compreender.

Damiana observa a aproximação da neta, havendo certa inquietação em seu olhar, porém, ela não se manifesta, apenas acompanha a moça com os olhos.

"Você pode me perguntar o que quiser", Jéssica diz enquanto se senta. Ela está frente a frente com seu interlocutor. O sorriso que antes denotava nervosismo no rosto de Gaspar agora se transforma em um constrangimento atroz.

"Pode ser extremamente perigoso o que você anda fazendo", ele afirma, dando uma pigarreada antes de falar.

"E o que você acha que estou fazendo?"

Choque de gerações, é o que dizem. Mas para Gaspar, trata-se apenas da inversão de valores, uma falta de educação flagrante. É assim que ele encara o fato de ter sido tratado com o pronome "você" por uma garota que mal sabe o que é a vida, enquanto Damiana, uma mulher na casa dos setenta, o trata com o respeito que o termo "senhor" exige dos mais conservadores.

"Não quero parecer intrometido", ele diz, mesmo sabendo que a essa altura, não é possível evitar tal impressão. "Mas dormir fora todas as noites não me parece algo muito promissor para uma jovem da sua idade."

Os olhos da garota permanecem fixos em Gaspar. Ele supõe, pela forma inquisitiva com que ela o encara, que as palavras que acabaram de sair de sua boca não tenham nenhuma utilidade prática, sejam como asas em um pássaro recém-saído do ovo. Mas afinal, o que ela espera dele? Ele tem se dedicado a se tornar uma pessoa melhor. No passado — e isso o remete a menos de trinta dias atrás —, ele rejeitaria qualquer assunto que ultrapassasse os limites da mediocridade a que estava acostumado a chamar de vida. "Se a garota quer sair por aí todas as noites, o problema é dela", ele diria.

O que se passa na cabeça da avó, Jéssica não sabe, mas, pelo menos para ela, Gaspar terá que se esforçar mais, terá que convencê-la de que não é um louco varrido, alguém cujo senso de realidade começa a tomar contornos doentios.

"Melhor deixar essa conversa para outra hora", é Damiana quem diz. A interrupção vem num tom de advertência, e a frase é dirigida inteiramente à neta, cujo olhar ainda está fixo em Gaspar.

"Tudo bem", diz Gaspar, "falamos sobre isso depois." Ele precisa sair agora, resolver algumas questões, talvez até procurar um emprego.

"Amanhã", retruca Jéssica. "Amanhã cedo você o conhecerá, e talvez possamos até sair juntos, o que acha?" Aquele mesmo sorriso inicial retorna aos lábios da moça. Ela vai até a geladeira, pega uma maçã, esfrega-a na roupa e dá uma mordida antes de voltar para o quarto.

Gaspar acredita que a ironia é o refúgio dos covardes. É assim que ele vê. Portanto, ele vai ignorar a provocação.

Capítulo 10

Ele poderia, se quisesse, dizer a verdade. Poderia contar que sua tarde foi dedicada a sorvetes e a um deleite literário. Poderia confessar que finalmente decidiu enfrentar seu encontro com Vladimir Nabokov; por isso, reservou algumas horas na Biblioteca Municipal para se perder nas páginas de Lolita. Afinal, todo ser humano deveria ter o direito de se deliciar com pelo menos um clássico na vida. Também poderia revelar que aqueles desgraçados da empresa onde trabalhava não precisam mais dele, não necessitam mais de seus serviços. E, se fosse para revelar tudo, talvez ele pudesse falar sobre sua nova família; mencionar Damiana, Jéssica e até mesmo o sujeito com quem a moça se envolve todas as noites. No entanto, aos olhos de Gaspar, este não é o momento adequado para tantas confissões. Assim, ele fará o que sempre fez: continuar deslizando lentamente pelo ralo da insignificância e, se tiver sorte, talvez seja poupado de diálogos fúteis com a esposa, talvez consiga escapar de sessões de eufemismos com a filha, talvez a noite se transforme em um ovo.

Capítulo 11

Naturalmente, Gaspar poderia chegar no horário habitual, mas não. Hoje, ele deseja chegar mais cedo, assegurando-se de que não será ludibriado por uma desculpa qualquer. Aliás, teve que inventar uma desculpa para sair de casa meia hora mais cedo. "Aniversário do Jaime", ele explicou. "Fui incumbido de buscar os salgadinhos na padaria." É difícil de engolir, ele mesmo admite. Gaspar jamais participou de qualquer festividade na empresa. Preferia estritamente cumprir seu horário de trabalho; nem um minuto antes, nem um minuto depois. Consequentemente, pequenas confraternizações em celebração aos aniversariantes do mês sempre escapavam de sua presença, visto que tais eventos ocorriam habitualmente de quinze a vinte minutos antes ou depois do expediente. De qualquer forma, hoje ele irá conhecer o indivíduo que, segundo suas convicções, está arruinando a vida de sua "futura nova filha".

Antes de estacionar, ele observa o que parece ser o mesmo carro preto do dia anterior. Desta vez, o veículo está parado em frente à casa de Damiana, o motor ainda ligado, as lanternas traseiras acesas. Embora os vidros estejam fechados, é possível ouvir o som de uma música que ecoa lá de dentro. Gaspar estaciona logo atrás e desiste de identificar a voz do cantor, percebendo que isso não tem a menor importância. Não é a Joelma, disso ele tem certeza.

Desce do veículo e se aproxima do carro à frente. Os vidros continuam fechados, o que o deixa receoso de cometer uma gafe, como diria Heloisa: “Pagar um mico”.

Talvez não sejam eles, o bom senso o adverte. Vai fazer o quê? Bater no vidro, como um vigia noturno determinado a flagrar um casal transgressor? Ele sorri e chacoalha a cabeça em desaprovação. Não empregaria esse adjetivo numa conversa. Ora, *transgressão* é uma palavra que não se espera ouvir da boca de alguém com menos de sessenta anos.

Hoje a rua está movimentada, com pessoas surgindo de todos os lados, mas ele ainda não viu a vizinha da casa à direita, aquela que possivelmente o vê como um aproveitador ou um tarado sedutor de idosas; ou pior, um pervertido que se aproveita da ausência masculina na casa. Enganar as duas. Na opinião da vizinha (provavelmente uma daquelas criaturas mal-amadas), o que mais ele poderia querer? "É cedo demais para bisbilhotar a vida dos outros", pensa Gaspar. Ele também não sabe o que ela, a vizinha, faz em sua cabeça justamente agora. Que se dane a opinião dela, ele não se importa. Ainda luta contra o que ele mesmo considera pensamentos inúteis quando se vê parado ao lado da porta do carro. Não, ele não vê como isso poderia ter sido uma escolha consciente;mas o fato é que Gaspar caminhou diretamente para a porta do passageiro, cujo banco está ocupado por Jéssica. Teria sido melhor sustentar o olhar do sujeito ao volante, se ele tivesse pensado antes. No entanto, nos últimos tempos, ele tem agido de forma imprudente e impulsiva. Foi assim quando frustrou os planos do malandro que tentou dar o golpe em Damiana.

"Entra aí", ela diz, fazendo um discreto movimento de cabeça para indicar que Gaspar deve se acomodar no banco de trás do carro. Ele hesita. Observa a porta traseira do veículo, tenta enxergar se há mais alguém lá dentro, olha de volta para Jéssica e, em seguida, lança um olhar

furtivo ao redor, como se dependesse da autorização de algum dos pedestres que passam por ele sem sequer notá-lo.São números ambulantes. Números mirins nas escolas; números nas fábricas, no comércio, nos shoppings, nas feiras livres; números na empresa de coleta de lixo, nas instituições financeiras e até na corretora de seguros onde ele mesmo deixou de serapenas um número, poucos dias atrás.

"Não acho que isso seja necessário". Por que ele entraria no carro de um estranho? E tem mais uma coisa: Gaspar precisaria se inclinar para poder ver o rosto do homem ao volante. Da posição em que está, além do teto do carro, tudo o que seus olhos podem visualizar é o rosto e o pescoço delicado de Jéssica. *Ah, que grande bobagem*, ele pensa. Afinal, que perigo uma adolescente mimada e seu namorado idiota podem representar?

Gaspar entra no veículo, e ao tentar fechar a porta, é impedido pela garota. Jéssica vai para o banco de trás com ele.

Ela o pressiona, usa a lateral do quadril para obrigá-lo a deslizar no assento até que fique exatamente atrás do banco do motorista. Faz isso com um sorriso malicioso no rosto, como se agora ela não fosse mais uma adolescente sem noção, mas sim uma adulta, uma mulher habilidosa na arte de constranger. No entanto, isso não vai funcionar com ele. Gaspar está ali para tirar essa história a limpo, conversar com o sujeito que a leva todas as noites, sabe-se lá para onde. Ele está decidido a pressionar o rapaz, mas acaba de perceber que, mesmo estando dentro do veículo, ainda não conseguiu ver o rosto do sujeito. Foi isso que a garota fez, afastou o namorado de seu campo de visão. Espertinha.

"E então, rapaz?", diz Gaspar, tentando iniciar uma conversa, mas ciente de que a frase é péssima, uma retórica idiota. Ele próprio não saberia como responder a uma pergunta como essa.

Não há resposta.

Jéssica volta a se esfregar no banco até ficar colada a Gaspar. Ele sente que será difícil respirar se as coisas continuarem assim. Ele faz um esforço para tentar identificar o homem atrás do volante, mas não consegue se mover. O que a moça está fazendo é proposital, ela quer deixá-lo desconcertado.

Gaspar lança um breve olhar no retrovisor do teto do carro e encontra um par de olhos intimidadores. Jéssica continua pressionando-o contra a porta do carro, e agora ele está a dois palmos dos seios da garota. Ele imagina duas laranjas rosadas, ainda mais ameaçadoras do que o sujeito sentado no banco da frente. A garota pousa a mão esquerda sobre a coxa direita de Gaspar. Ele estremece, o que é isso? Ele desvia o olhar, volta a encarar a imagem refletida no retrovisor, faz isso mais como um mecanismo de defesa. Não seria agradável ser flagrado nessa situação embaraçosa, embora a culpa não seja dele.

Gaspar está encurralado. É esse o papel que lhe é imposto agora, e não há o que fazer em relação a isso. Pensa em Damiana e como ela reagiria ao ver o que a neta está tentando fazer; mas logo tem esse pensamento substituído por um questionamento sem sentido. A essa hora o café já estaria pronto? Como se Gaspar estivesse realmente interessado nesse fato.

Concentra-se outra vez no retrovisor, quer saber se o namorado da moça está vendo isso. E só agora, olhando com um pouco mais de atenção, ele percebe que os olhos impressos no espelho não são de alguém jovem. Pouco

acentuadas, mas ainda assim há linhas de expressão que indicam um olhar de alguém cuja idade não lhe parece compatível com a de Jéssica. Só faltava essa, sua futura filha está saindo com um homem mais velho, e isso não está certo, ela é quase uma criança. Quem esse sujeito pensa que é, e o que acha que está fazendo?

Sua própria atribuição infantil feita à Jéssica o incomoda pela segunda vez ao perceber que a mão da moça ainda descansa sobre sua coxa. Ele tenta afastá-la, mas a garota repete o gesto.

"Tá querendo o quê com isso?"

A moça sorri.

Gaspar não vai admitir isso. Alcança a maçaneta do veículo, ele vai parar com essa palhaçada; vai dar uma bronca nesse sujeito e levar a moça de volta para casa, não a quer envolvida com um aproveitador.

As portas estão travadas e agora o carro já está em movimento. Jéssica está praticamente em cima dele, e sua mão começa a deslizar para dentro da coxa de Gaspar.

"Pode parar com isso, mocinha", ele a adverte.

"Fica frio. Eu não mordo, não. É só relaxar e curtir o momento.", Jéssica não apenas diz isso, como pronuncia a frase de modo um tanto sedutor.

"Para onde estamos indo?"

A moça mostra os dentes novamente. É um sorriso maroto. Ela se lembra de um de seus professores do Ensino Médio, um cara que costumava ter uma definição filosófica para quase tudo na vida. "A curiosidade é uma maldição", ele dizia. Mas Jéssica prefere algo mais coloquial, por isso conclui:

"A curiosidade é foda!"

Capítulo 12

Não se pode dizer que Gaspar está tranquilo, não no sentido estrito da palavra, mas agora ele já pode respirar com certo alívio. A mão de Jéssica abandonou sua coxa assim que o carro se pôs em movimento. Apenas uma estratégia para deixá-lo constrangido, é o que ele acha.

Estão rodando há pelo menos quinze minutos. Além do Jardim Vitória, outros três bairros já ficaram para trás, passaram pela janela com a mesma velocidade de um pensamento pecaminoso para aqueles que se julgam servos do Senhor. Gaspar sente a garganta seca e tem quase certeza de que a culpa é do ar-condicionado. Um luxo desnecessário, ele pensa, além de ser anti-higiênico. Todo mundo respirando o mesmo ar é algo meio nojento. Ele não acredita no sistema de circulação do aparelho e não espera que ninguém o convença do contrário. Para ele, há poucas evidências de que a mesma partícula de ar que se encontra em seus pulmões agora já não tenha passeado por um nariz alheio dentro daquele carro.

A sensação que Gaspar tem é a de que foi enganado. Ele se sente sabotado pela ilusória autossuficiência que, agora, revela-se uma sombra anêmica e constrangedora. Na cidade que o viu crescer e se desenvolver, ele não passa de um estranho deslocado. Enclausurou-se na própria arrogância e só agora percebe que é um forasteiro cuja percepção da realidade nunca ultrapassou a mediocridade de seus próprios muros. Suas perspectivas geográficas são limitadas. O trajeto para o trabalho, a ida ao supermercado, ao barbeiro e até mesmo as visitas à farmácia não foram suficientes para elevá-lo ao

patamar de cidadão pleno. Ele conhece os cantos da região onde mora e os contornos do centro urbano, mas tudo além disso é terra desconhecida para Gaspar. Neste lugar, por exemplo, ele nunca esteve antes. Talvez já tenha captado fragmentos de realidades alheias em algumas poucas reportagens exibidas no telejornal noturno, mas o impacto pessoal se manifesta de forma avassaladora. Ele prefere evitar programas policiais, com suas narrativas de desgraça. É um território onde as pessoas se autodestroem por motivos fúteis, uma triste exibição de imbecilidade humana.

"E aí, você vem ou não?", a garota quer saber. Jéssica é a única que já está do lado de fora do veículo, e sua voz soa simpática demais para a ocasião. O homem ao volante parece entediado e apenas tamborila os dedos na parte superior da alavanca do câmbio, não há nenhum indício de que o sujeito tenha a intenção de deixar seu posto. Gaspar também hesita. Tem a sensação de estar sendo feito de bobo, a garota só pode estar de sacanagem. Jéssica e seu namorado esquisito estão tentando zombar dele. "Anda logo, seu molenga", a moça conclui. Está ainda mais sorridente.

Isso foi para ele? Esse "molenga" foi para ele? A palavra imediatamente o remete àquelas geleias pegajosas utilizadas em brincadeiras infantis, algo nojento. Gaspar abre a porta do carro e coloca-se de pé no que deveria ser uma calçada, porém, percebe que ali só há uma espécie de cascalho precário.

"Tá bom, já entendi a piada", ele diz enquanto gesticula. "Entre no carro, vamos parar com a palhaçada".

Jéssica o ignora, afasta-se dois ou três passos. Sente-se à vontade para confrontá-lo. Ele não queria saber? Então aguente!

"Não tem mais graça", Gaspar adverte.

"Anda logo, senão a gente vai chegar atrasado", instiga a moça.

Ele ainda está tentando identificar o tom cômico na última frase proferida pela garota quando é surpreendido ao ver que o motorista acelera o carro, partindo embora. Fugindo?

"Porra, garota, já disse que acabou a brincadeira!" Gaspar se surpreende ao perceber o conteúdo e o modo como a frase foi pronunciada. Ele não é alguém dado a palavrões e se considera uma pessoa equilibrada, mas a garota está realmente o deixando irritado. "Quero que ligue agora mesmo para o seu namorado. Chega de brincadeiras, vamos para casa." A casa à qual ele se refere é o lar de Jéssica e sua avó.

"Quem disse que ele é meu namorado?", exclama a garota. "E é bom que você esteja em boa forma, porque vamos ter que caminhar um pouco."

É verdade que Gaspar nunca testou sua resistência física, afinal, ele tem um Fusca e não precisa gastar sola de sapato por aí. Mas isso não importa agora. Ele quer saber o que a garota está planejando. Dá alguns passos em direção a Jéssica e só então decide erguer os olhos e prestar atenção ao redor. "Um cortiço", ele se ouve dizer. Não pode acreditar que acabou nesse lugar. São as chamadas "comunidades carentes" que se espalham como metástase pelas periferias deste país. Uma realidade que ele não pretende negar, mas se sente mais seguro observando-a pela televisão. Aliás, ele não vê nenhum constrangimento nisso. Cada um com seus problemas.

Vielas estreitas. A única maneira de se chegar a algum lugar nesse emaranhado de barracos é através delas. Jéssica parece conhecer bem o local, movendo-se

com agilidade e lançando olhares furtivos para trás de vez em quando. A respiração de Gaspar começa a ficar ofegante, como um deserto no oásis escondido sob o sorriso irônico da garota. O que ela está pensando, Gaspar não saberia dizer, mas ele tem plena consciência de que está se metendo onde não deveria. Ele tenta acompanhar a garota, mas admite estar em desvantagem. O percurso é acidentado e íngreme, desafiando-o a manter o equilíbrio sobre seu próprio corpo. Ele sabe que se escorregar e cair, corre o risco de rolar em direção a algum valão a céu aberto, e isso seria extremamente desagradável. Aliás, o cheiro por aqui é algo que ele ainda não conseguiu definir, mas se fosse classificá-lo, escolheria um termo que ultrapassasse o repulsivo. Ele apressa o passo e pensa em Damiana. "Será que ela sabe que a neta anda por essas redondezas?"

"Acho melhor acelerar o passo, senão você pode acabar se perdendo", adverte Jéssica, como se apostasse que a falta de fôlego pudesse gerar em Gaspar uma momentânea incapacidade de se autoquestionar. "Seria bastante perigoso ficar vagando por aí", conclui a garota.

"Para onde estamos indo?", pergunta Gaspar, seu tom de voz já afetado pelos efeitos da caminhada forçada.

"Não me diga que você está com medo?"

Desde que o suposto namorado da moça arrancou com o carro, indo sabe-se lá para onde, Gaspar tem considerado a possibilidade de estar se metendo em uma enrascada. Portanto, o termo "perigoso" faz todo o sentido, levando em conta a atual situação em que se encontram. No entanto, ele não está com medo. Além disso, é bem possível que a garota esteja apenas tentando intimidá-lo. Outra coisa: se Jéssica é contra o fato de ele se preocupar com ela e sua avó, bastava ter dito desde o início. Não

havia necessidade de começar com todo esse joguinho tolo.

“Sei bem o que você está tentando fazer”, ele enfim responde.

"Será que sabe mesmo?"

Gaspar pondera. Será que ele sabe? Eles estão se adentrando cada vez mais nesse labirinto de fios e construções irregulares. Há barracos de todos os tipos. Há também sobrados e imitações de prédios cujas paredes nuas exibem venezianas enferrujadas. A firmeza na voz da garota o faz lembrar de sua própria filha. Heloisa também é assim, às vezes.

"Está querendo me dar uma lição", ele retruca, "só porque abri os olhos da sua avó". É isso. Ela quer puni-lo, quer esfregar na cara dele que não lhe deve nada. O homem que se diz interessado em fazer parte da família, aos olhos de Jéssica, não é digno de qualquer satisfação sobre o que ela faz ou deixa de fazer, simples assim.

"Ssssss", a moça faz um gesto pedindo silêncio, como se de repente eles não estivessem mais no meio de uma comunidade, mas sim em algum mosteiro onde o simples ato de falar fosse considerado um pecado mortal. A moça permite que Gaspar caminhe a seu lado. "Daqui para frente é melhor você ficar perto de mim. E mantenha essa boca fechada."

Era só o que faltava, uma fedelha exigindo que ele cale a boca. Fedelha. Gaspar sorri ao se deparar com tal adjetivo, mesmo que apenas em seus pensamentos. Isso parece coisa de filme estrangeiro, e ele nunca ousaria pronunciar essa palavra.

A percepção de Gaspar é de que o tempo, naquela manhã, está mais abafado do que o habitual. Ele cogita retirar o celular do bolso para conferir as horas, mas

rapidamente desiste da ideia. Não parece prudente. Até o momento, eles já se depararam com quatro ou cinco pessoas, e Gaspar não encontra razões para confiar *nessa gente*. Há tempo, ele ouviu contar, que algumas pessoas, especialmente na área rural, conseguiam determinar as horas através da posição do sol. Ele arrisca um olhar em direção ao céu, e antes de se deparar com a luminosidade do sol, seus olhos encontram vestígios de esqueletos e rabiolas de pipas, além de um par de tênis antigo pendurado pelos cadarços nos fios. Mais um maldito clichê.

"Se você continuar agindo como um maluco, vai acabar batendo de frente com um poste", Jéssica diz.

"Tem certeza de que quer continuar com isso?"

"Falta pouco", ela responde, apontando para algum lugar no final da viela. Pelo menos é essa a impressão que Gaspar tem. Em breve, os dois estarão em um beco sem saída; serão engolidos por barracos, ou pior ainda: poderão ser notados por algum marginal, desses que farejam forasteiros. Pessoas de fora da comunidade nunca são bem-vistas por aqueles que ignoram a lei. Visitantes indesejados são alvos fáceis e podem ser assaltados, espancados, humilhados e, quase sempre, assassinados. Seria preciso ter sorte para que, meses depois, os restos mortais fossem encontrados em algum matagal próximo ao morro. E isso, para as autoridades, seria apenas um procedimento rotineiro, pois no registro oficial de óbitos constariam como indigentes. Números. Dados estatísticos. Nada mais do que isso.

Jéssica e Gaspar caminham lado a lado, e as pessoas que cruzam agora estão armadas. Um mosaico com uma composição curiosa: pistolas, fuzis e "descamisados".

“Qual foi, Jéssica, quem é esse ‘tiozão’?”, indaga um deles.

“Fica frio, ele tá comigo”.

A garota se livra do “descamisado” em questão e segue em frente sem olhar para trás. Ela aconselha Gaspar a fazer o mesmo. Agora estão andando mais rápido. De acordo com uma avaliação de Gaspar, há cinco homens os acompanhando com olhares ameaçadores. Ele não tem certeza do número exato, mas está convencido de que é melhor não conferir. Olhar para trás está fora de questão. Continuam a caminhar.

É uma sensação desconfortável, mas de alguma forma Gaspar se vê protegido pela garota. A mesma que tentou seduzi-lo no carro agora há pouco e que só o tem enganado. A mesma que perdeu a confiança de Damiana. A mesma que deve estar envolvida com algum marginalzinho deste maldito lugar. E agora, em sua humilde opinião, não há outra maneira de sair vivo dali a não ser contando com a ajuda dela.

"Boom!" O som, produzido de forma teatral por um dos últimos sujeitos descamisados e armados por quem passam, tem Gaspar como alvo. Todos sorriem, inclusive Jéssica. A expressão de riso no rosto da moça foi discreta, mas Gaspar a percebeu. Estão se divertindo às custas dele. O calor sufocante é opressor. Ele olha para o céu novamente, um gesto quase instintivo em meio àquela situação. No entanto, o sol, que antes exibia toda a sua intensidade, desapareceu por completo. Nuvens escuras e densas deslizam pelo firmamento, enquanto os descamisados permanecem vigilantes, observando atentamente cada movimento naquela "comunidade".

"Pelo visto, você é bem conhecida por essas redondezas", a frase escapa dos lábios de Gaspar. Desliza

entre os dentes, como um sussurro cauteloso de uma mãe que acaba de testemunhar as travessuras de seu filho em uma loja de brinquedos: "Você vai pagar por isso quando chegarmos em casa".

Na verdade, o silêncio teria sido uma opção menos dolorosa. Aceitar essa afirmação implica reconhecer que a garota está de fato envolvida com pessoas desonestas, e isso seria decepcionante para sua avó.

"Falta pouco", ela diz.

"Para quê?"

"Você vai ver".

Capítulo 13

O correto seria esperar o fim do turno da manhã, mas Heloisa quer a opinião da mãe agora. Então, ela aproveita o intervalo das aulas e liga para Helena.

"Está acontecendo algo, mãe", ela explica, com o celular encaixado entre o pescoço e a orelha, "o pai está agindo de forma estranha". Ela tem as mãos livres para procurar algo dentro de sua bolsa. Um *Trident*. Não é um bom exemplo mascar chiclete enquanto leciona, então ela faz isso nos intervalos.

"Seu pai sempre foi estranho, Heloisa. Qual é a novidade nisso?"

"Estou falando sério, mãe."

De repente, o celular fica mudo. É possível que Helena esteja em frente à televisão, assistindo ao programa matinal de receitas e variedades. Não são as receitas que ela gosta, mas sim o senso de humor da apresentadora.

"Mãe!"

"Pode falar, estou ouvindo." A voz de Helena soa distante. Ela pode até estar ouvindo, mas prestar atenção é outra história. Essa constatação leva Heloisa a concluir que terá que se esforçar mais para provar que o assunto de sua conversa é mais importante do que as gargalhadas da apresentadora.

"Você já percebeu que o pai não reclama mais de nada?" Ela reduz seu tom de voz, temendo ser ouvida por algum dos colegas com os quais compartilha a sala dos professores neste momento. "Ele está se comportando de maneira muito estranha", conclui.

"Sei lá, talvez ele esteja enfrentando algum problema no trabalho", Helena sugere.

"Não é isso."

"Como você tem tanta certeza?"

"É exatamente por isso que estou ligando para você", Heloisa explica, enquanto captura pelo celular um sonoro "hummmmmm". Deve ser aquele momento em que a apresentadora faz algum gesto animado, enfiando-se embaixo de uma mesa em comemoração a uma receita bem-sucedida. "Descobri algo hoje de manhã."

A mãe leva alguns segundos até retomar o teor da conversa. "Fala logo, menina. O que está acontecendo?"

Heloisa consulta o relógio na parede e percebe que em menos de cinco minutos o sinal do fim do recreio vai tocar. Mas conclui que para o que precisa ser dito, metade desse tempo já é suficiente.

"Liguei para o pai hoje cedo", ela diz, "na empresa."

"E daí?"

"E daí que ele não estava lá."

"E o que tem de mais nisso?", Helena quer saber, perdendo a paciência e a melhor parte do programa. Ainda não entendeu onde a filha quer chegar. O marido deve ter saído para resolver algum problema de última hora, sei lá, as pessoas fazem isso o tempo todo.

"Ele não estava lá, mãe. Ele foi demitido."

Há um breve silêncio do outro lado da linha. Tempo insuficiente para que Heloisa possa fazer qualquer suposição sobre o impacto da notícia.

"Ligou para o seu pai, por quê?", a mãe questiona, como se dependesse da resposta para poder avaliar a importância do que acabara de ouvir.

"Ele foi demitido, mãe!"

"Isso eu já ouvi."

“O homem que atendeu o telefone expressou: ‘Desculpe, mas já faz um bom tempo que ele não trabalha mais aqui, moça’. Um bom tempo, mãe. Foi o que ele disse. Depois, desviou o assunto, percebendo que tal revelação ainda não havia sido compartilhada com a família do demitido”, Heloisa explica.

Por algum motivo, o infeliz que ganhou as contas julgou que sua família deveria ser a última a saber, como um marido traído. E o homem do outro lado da linha apenas evitou ser portador de más notícias.

Helena solta uma gargalhada.

Inicialmente, Heloisa não consegue identificar a comicidade na frase que acabara de dizer. Mas logo percebe que a mãe está rindo de algo na televisão. Dois a zero para a apresentadora. Seja qual for a piada, sem dúvida foi mais relevante do que a desgraça que se abateu sobre Gaspar.

É isso que os casamentos se tornam? Indiferença? Heloisa se recusa a acreditar que o tempo compactua com tal desfecho. Não há dolo no transcorrer do tempo. Existem casais que permanecem juntos a vida toda, onde o respeito, a companhia e a dedicação não se dissipam. O amor passa por transformações, ela sabe disso. Mas perder para uma piada sobre culinária é um pouco demais.

“Mãe?”, Heloisa quer saber se sua mãe ainda está presente no planeta Terra.

Helena se recompõe. Mas ainda mantém o mesmo tom despreocupado de antes. "Seu pai deve ter os motivos dele para não ter contado nada."

"Quais motivos, por exemplo?"

"E como é que eu vou saber?"

Heloisa não quer iniciar um debate conjugal sobre questões que envolvam o aparente desinteresse da mãe,

mas ela quer compreender as razões pelas quais os vagões saíram dos trilhos.

Acontece que a conversa tomou mais tempo do que ela supunha, e já está na hora de voltar para a sala de aula. Então ela diz: "Tá bom, mãe, a gente se fala mais tarde."

Antes de encerrar a ligação, Heloisa explica para a mãe que o renomado escritor espanhol Carlos Ruiz Zafón foi o motivo por trás de seu telefonema ao pai. Era dele o livro que sua amiga Camila emprestaria. O procedimento seria o mesmo adotado com a obra do grande Chico Buarque. No entanto, dessa vez não houve tempo para que o exemplar de "A Sombra do Vento" chegasse até Gaspar.

Capítulo 14

"Às vezes é preciso ver para crer", é nisso que Gaspar pensa quando ele e Jéssica já estão no interior da casa. O inusitado, por si só, é uma fonte de estranheza, mas isso aqui é incrível. Um barraco todo arrebentado por fora que, num passe de mágica, se transforma num ambiente aconchegante e, por assim dizer, requintado. Aliás, requintado demais para uma "comunidade".

Estão aguardando o anfitrião. É dali que surgirá o homem com quem Jéssica tem se envolvido quase todas as noites, em vez de dedicar-se a cuidar da avó. Há uma televisão enorme ocupando toda a parede ao fundo. Então Gaspar já pode imaginar o que virá a seguir. A curiosidade o trouxe até aqui. É um pouco tarde para isso, mas agora ele se vê obrigado a concordar com o que a moça disse lá atrás: a curiosidade é mesmo foda.

Gaspar continua de pé. O contraste entre o interior da casa e a realidade que ele acabou de presenciar lá fora o faz temer por sua própria vida, ele já viu isso em filmes. Sabe bem que o indivíduo por trás de todo esse luxo no meio de um *bairro pobre* não pode ser uma pessoa honesta. Por isso, ele permanece parado no meio da sala. Não sabe onde colocar as mãos, então usa uma delas para secar o suor que ainda insiste em brotar de sua testa. Daqui a pouco ele não precisará mais se incomodar com isso. A sala, onde ele e Jéssica estão, possui um aparelho de ar-condicionado moderno, desses de gente rica mesmo. A moça já se jogou em um sofá, estrategicamente posicionado no centro da sala. Dá para perceber que é um

móvel caro, e não menos suntuoso do que o restante da decoração.

"Então esse é o cara?", questiona um sujeito que surge repentinamente. A pergunta, na compreensão de Gaspar, não chega a ser uma paráfrase de um comentário feito certa vez por Barack Obama, então presidente dos Estados Unidos, ao elogiar o então Chefe de Estado brasileiro.

Jéssica faz que sim com a cabeça. Segue jogada no sofá, não aparentando se incomodar com a presença do dono da casa, enquanto Gaspar continua suando. A temperatura ambiente não passa dos dezoito graus, mas quem disse que ele está com calor? É um desconforto semelhante ao de quem acredita estar com uma doença grave, uma sensação de que ele não viverá até o próximo Natal, é isso que ele está sentindo agora. Com tantos adolescentes por aí, Jéssica escolheu logo se envolver com alguém ligado à bandidagem. Se não for isso, é o quê então?

"Já faz uns dias que ele está me perturbando. Fica só dando indiretas para a vó. Se continuar assim, logo ele vai me prejudicar com toda a vizinhança. Então achei melhor que vocês dois se conhecessem logo de uma vez", a moça diz. Faz isso sem desgrudar os olhos do celular. Emenda uma frase na outra, tudo num fôlego só, como quem reza um Pai Nosso às pressas antes de dormir.

"Tu sabe o que isso significa, né?", o homem questiona. É uma pergunta retórica. Então a garota se limita a uma breve olhada na direção do dono da casa.

Gaspar também o observa, de maneira discreta. Em seus pensamentos, ele admite que esperava encontrar mais um estereótipo, não é assim que eles são retratados? Vítimas de um clichê estúpido? São pobres, sem educação,

marginais, moradores de comunidades carentes, e a culpa é sempre ‘do sistema’. Um sistema perverso imposto por uma sociedade hipócrita, como se o bem e o mal pudessem ser reduzidos a adjetivos precários atribuídos àqueles que tiveram a infelicidade de nascer na pobreza. Portanto, Gaspar esperava sim mais um “descamisado”, mas o que seus olhos encontram é um homem até bem-vestido. Exceto pelo mau gosto, é claro. Penduradas em seu pescoço, há pelo menos meia dúzia de correntes douradas. Contudo, na opinião de Gaspar, não é isso que o torna piegas. Ele veste uma camisa de manga longa com uma estampa extravagante e dois botões abertos, revelando um peitoral peludo, e isso eleva seu estilo ao mesmo patamar do icônico "Agostinho Carrara", personagem interpretado por Pedro Cardoso na segunda versão da série "A Grande Família", um clássico exibido por décadas na televisão aberta.

Exceto pela camisa espalhafatosa, não há mais nada que o aproxime do personagem famoso. Diferentemente dos descamisados lá fora, o homem à frente de Gaspar tem a pele clara e é até um sujeito bem-apessoado. Ele é um “branquelo” com barba ruiva e uma trança viking no cabelo, formando um rabo de cavalo peculiar. Um “galã viking” fora de contexto. Nada combina com nada. Sua composição visual não inspira originalidade, é como se cada parte pertencesse a uma pessoa diferente, personagens de histórias de ficção.

"O cara não queria saber com quem eu durmo? Agora ele que se vire. Isso não é problema meu", diz a garota.

É um veredicto. Daqueles em que o réu tem consciência de que não há como apelar. É Pilatos lavando

as mãos. Ou ainda pior: é Pilatos com um celular nas mãos.

Gaspar sente o estômago revirar.

"Senta logo aí", diz o Galã Viking.

Se a frase fosse um convite, Gaspar a recusaria. No entanto, o tom imperativo e o objeto volumoso na cintura do anfitrião, sob a camisa à la Agostinho Carrara, sugerem cautela. Ele obedece. Não é inteligente contrariar um homem armado, mesmo que seja alguém com gosto duvidoso no vestuário. Na verdade, isso não importa. Gaspar se surpreende com o conforto oferecido pelo assento. Que sofá fino. Não combina com o mau gosto do dono, mas isso também não vem ao caso. Ao reparar melhor agora, além do medo de não conseguir sair vivo dali, há apenas mais uma coisa que o incomoda: a ausência de janelas no ambiente. Exceto pela pequena porta de vidro pela qual entraram há pouco, não há outra fonte de luz natural na sala. Lâmpadas de LED, que brotam das paredes como plantas ornamentais, cumprem bem a função de iluminar o lugar, dando-lhe um tom agradavelmente claro. Ainda assim, Gaspar não se livra da sensação de morte. Um nó no estômago. A incômoda percepção de que a qualquer momento pode sucumbir a um ataque de pânico claustrofóbico. E quem garante que seu coração resistiria a isso? Para um homem acima dos cinquenta anos de idade, tudo é possível.

Jéssica permanece largada no mesmo canto do sofá desde que chegou ali. Seria precipitado supor que seja propositalmente, mas o fone de ouvido recém-colocado em suas orelhas impede que ela ouça a conversa entre os dois. O aplicativo de música é agora o centro do seu universo.

"Não precisa de tudo isso", argumenta Gaspar. No mesmo instante, ele percebe que a frase é tão inútil quanto

a última refeição de um condenado à morte. Ele será humilhado, espancado e torturado até não conseguir mais respirar, é isso que o namorado de Jéssica fará.

"O que você quer com ela?", pergunta o Galã Viking. Permanecendo de pé, seu dedo indicador aponta para o nariz de Gaspar, claramente indicando que as coisas podem piorar ainda mais. A única opção que resta a Gaspar é dar a resposta correta, ainda que ele não tenha certeza se entendeu bem a pergunta. Afinal, a quem ele está se referindo?

"A minha intenção é apenas ajudá-la", começa Gaspar. "A Damiana já é uma senhora de idade avançada, e eu tenho tido algum tempo livre nos últimos dias, sabe?... Por isso tenho feito o que posso para ajudá-la."

"Não a velha", adverte o Galã Viking, "estou falando da novinha, cara. Cê quer ficar com ela, né não?"

"Que ideia maluca é essa?", protesta Gaspar. Seu tom tem um único propósito: evitar que seu nervosismo transpareça e coloque tudo a perder. Esse tipo de gente ignora a verdade. Não importa quem esteja certo. Eles gostam de aterrorizar. Sentem prazer sádico em arrebentar seu psicológico, minar sua pretensão de resistência e fazer você se mijar de medo.

Jéssica mexe a cabeça, acompanhando a música cujo ritmo ainda é um mistério para os outros presentes na sala.

"Anda, fala a verdade", insiste o Galã Viking, "cê quer pegar ela, né?"

Gaspar entende que, diante da situação, não há resposta redentora. Nada do que ele disser poderá salvar sua pele. Ele pode dizer o que quiser, mas o nó na corda ao redor de seu pescoço continuará apertando. Mesmo assim, ele precisa dizer alguma coisa.

"Eu não acho isso correto", murmura.

"Agora cê falou uma verdade, 'tiozão'", diz o Galã Viking enquanto se dirige até a porta e faz gestos para alguém lá fora, um dos seus cúmplices, supõe Gaspar. Apenas uma pequena fresta é aberta, sem alarde. "Também não acho certo um filho da puta escroto como você ficar de olho numa garota que poderia ser sua filha", conclui. Em seguida, sussurra algo no ouvido do cúmplice. Retorna para perto do visitante.

O trajeto até a porta serviu para Gaspar analisar a constituição corporal do homem que agora o ameaça, o sujeito que o acusa de assédio.

O Galã Viking não é o que se pode chamar de um homem forte, pelo menos não no sentido literal da palavra. Se há músculos em seu corpo, certamente não são de alguém habituado à rotina de uma academia. Mas isso não significa muito. Mesmo se quisesse, Gaspar não poderia enfrentá-lo. Há uma arma. Há homens "descamisados" do lado de fora ostentando fuzis. Há uma comunidade à qual ele não pertence. E há o inevitável medo de morrer.

Gaspar reconhece a ambiguidade em sua frase. Afinal, quem na situação em que se encontra diria: "Eu não acho isso correto"? E o que isso significa? O que ele acredita que não está correto? Ter cedido aos impulsos de sua própria prepotência? Sua arrogância em insistir em ser apresentado ao homem com quem Jéssica está se relacionando? Não. São protestos unívocos, idênticos, que ao mesmo tempo despertam insatisfação em ambos os lados.

O Galã Viking aparenta ter o dobro da idade da garota, e é com base nisso que Gaspar reivindica o direito de usar o mesmo adjetivo que lhe foi atribuído há pouco.

O que seria esse homem à sua frente senão um "tiozão" quando comparado à jovem idade de Jéssica?

Gaspar está cada vez mais encrencado. E por ter essa consciência, ele decide chutar o pau da barraca, não é esse o clichê que usam por aí? Ele pode ser esculachado e até mesmo surrado até a morte, mas antes esse sujeito vai ouvir umas verdades.

"Por acaso você acha correto o que está fazendo?", Gaspar quer saber. "Acha mesmo que é só sair por aí seduzindo todas as adolescentes que encontrar pela frente?", ele continua, inquisitivo. "E depois o tiozão sou eu?".

Jéssica ri alto.

Quase ao mesmo tempo, o Galã Viking faz o mesmo.

Uma pergunta desafiadora, Gaspar admite. A luta é para identificar a motivação por trás do riso dos dois. Estão diante de alguma insanidade? É isso? Ele está falando besteiras? Se bem que flertar dessa maneira com a morte, do ponto de vista dela, a morte, possa ser uma experiência um tanto lúdica.

A vida é um jardim de armadilhas. O vencedor, por assim dizer, é aquele sujeito que consegue alcançar a velhice mantendo alguma habilidade em se desvencilhar da maioria delas. Gaspar tem tido sorte até agora. Deveria aproveitar o momento para comemorar?

Há explosões de fogos de artifício lá fora.

Jéssica tira os fones de ouvido, que na opinião de Gaspar só serviram para ela disfarçar todo esse tempo. O Galã Viking corre até a porta, mas não a abre. Ele tem os olhos atentos e uma pistola em punho. Pede silêncio. O dedo indicador sobre os lábios do dono da casa é um gesto que Gaspar evoca somente para si, já que a moça também

deu passos apressados até o outro lado da sala, e sua atenção está dedicada ao que parece ser uma passagem para outros cômodos do recinto.

Uma nova sequência de fogos lá fora.

Poderia ser algum torcedor fanático vibrando com um gol do seu time, o gol da virada, aquele que acontece sempre lá pelos quarenta e tantos minutos do segundo tempo. Poderia ser uma festinha, uma celebração do aniversário de alguma criança da comunidade. Mas não. Do lado de cá, fogos são quase sempre sinônimo de homens fardados, truculência, correria e balas perdidas. Vez ou outra uma dessas balas (perdidas) é encontrada na cabeça ou no peito de alguma alma inocente.

Se a circunstância fosse outra, Gaspar até poderia se considerar afortunado. Homens da lei estão na área. Homens cujo honroso lema é "Servir e Proteger". Pronto! Ele está salvo. Não será mais espancado até a morte. A ira do Galã Viking não terá mais o poder de alcançá-lo, pois os homens da lei estão ali para protegê-lo. Será? "Trabalha com o quê, cidadão?", um deles perguntaria. "Atualmente estou desempregado". "E está fazendo o quê aqui?", o outro exigiria uma resposta.

"Bora, vamos sair logo daqui", Jéssica diz. Seu olhar está em Gaspar.

Ele não perde tempo, se precipita em direção à garota. Independentemente do que possa significar o foguetório, ele quer mesmo é dar o fora dali. Jéssica o segura pelo ombro e mostra o caminho por onde terão que escapar.

"Aí, tiozão", o tom adotado pelo Galã Viking beira o sussurro, "depois a gente resolve essa parada". A frase vem acompanhada de uma gesticulação desnecessária. Pelo menos é isso o que Gaspar acha. Apontar a arma para

ele enquanto fala pressupõe, além da ameaça, um excentrismo dispensável para a ocasião.

Percorrem um pequeno corredor que dá acesso aos demais cômodos da casa. Estão naturalmente com pressa, mas é possível perceber que o "padrão de qualidade" é uniforme e surge, inclusive, em detalhes pouco convencionais, como uma espada medieval afixada a uma das paredes, por exemplo. Ao ver o objeto, dois pensamentos vêm à cabeça de Gaspar. O primeiro: aí estaria uma possível explicação para o penteado exótico do namorado de Jéssica. Já o segundo é bem mais sinistro: a morte do jornalista Tim Lopes em 2002. Tim, como foi noticiado em praticamente todos os órgãos de imprensa da época, foi sequestrado, torturado e executado em uma comunidade da Zona Norte carioca. Relatos confirmam que entre as armas utilizadas na barbárie praticada contra o jornalista, estava uma espada.

Não mais que três ou quatro portas foram cruzadas até chegarem aos fundos da casa. Ainda que o termo "fundos" seja uma contraposição natural a "fachadas", o que, por aqui, não parece ser o caso. Boa parte das construções é precária e uniforme, onde, do ponto de vista estético, todos os lados tendem a uma similaridade comovente.

"Vamos por aqui", orienta a garota. Já estão do lado de fora da casa e deslizam por uma viela estreita e sinuosa. Percorridos os primeiros metros do caminho, o odor de urina volta a fazer o papel de companhia indesejada, apesar de que aqui fora o ar já esteja mais ameno. Começam a surgir os primeiros pingos de chuva.

Jéssica vai à frente. Gaspar a segue com os olhos. São movimentos fáceis, dentro de uma calça jeans justa demais, em sua opinião. Uma imagem que resgata em seu

cérebro uma das frases iniciais da conversa que teve com o Galã Viking: "Cê quer pegar ela, né?".

Gaspar suspira e chacoalha a cabeça em desaprovação, mas não o faz com a convicção que deveria.

Estão seguindo na direção contrária à que chegaram, e disso ele não reclama. A garota deve saber o que está fazendo, vai tirá-los dali, ele espera. Percebe também que não há nenhum descamisado por perto, melhor assim. Eles que se virem com a "lei", seu propósito ali é outro. A chuva ganha uma intensidade moderada, o que não chega a ser um problema. Apesar de a viela ter vários desníveis, eles estão se deslocando com certa agilidade. E a esse fato Gaspar atribui duas possibilidades: o medo de ter que explicar à polícia sua presença na luxuosa casa do Galã Viking, ou a admissão da ideia de que está se habituando a essa geografia. De qualquer forma, estarão longe dali antes que possam se molhar por completo.

O que antes eram explosões de fogos de artifício, agora é só silêncio. É assim que o respeitado *Batalhão de Operações Especiais* age, com perspicácia, sem alarde, avançando passo a passo, beco a beco. Um dedo gira no ar. Desenha com habilidade a estratégia que os levará ao alvo, sem baixas. Os fuzis seguem farejando os inimigos. É assim que eles fazem, Gaspar viu num documentário.

Como num roteiro de terror hollywoodiano, onde o assassino brota das sombras, um sujeito surge do nada diante dos dois. "Vamos por aqui", ele diz. É o motorista. O homem cuja voz ele só teve o prazer de ouvir agora. Jéssica o acompanha e faz sinal para que Gaspar não os perca de vista. Abandonam a viela estreita e malcheirosa que os trouxe até aqui e cortam caminho por entre os

barracos. Da parte dos moradores parece haver certa naturalidade nisso. Uma cumplicidade velada em relação a quem quer que venha a passar diante de suas portas. As crianças seguem a brincar, e os adultos, em sua maioria mulheres e velhos, ignoram os passantes. São forasteiros, e como tal gozam do privilégio da invisibilidade. Desde que não façam perguntas desnecessárias, seguirão sendo apenas fantasmas. Gaspar é recíproco em relação aos adultos, mas observa as crianças enquanto caminha. É difícil ter de admitir, mas ele não vê outra coisa senão futuros "descamisados". Substitutos naturais aos que hoje ostentam fuzis como mera ferramenta de trabalho. Heloisa o condenaria, ele supõe, mas não tem nada a ver com preconceito ou discriminação. O meio em que se vive determina a ordem natural das coisas, e é um erro romantizar a miséria.

Sobre a chuva, ele estava enganado. A parte superior das suas costas já aderiu à sua camisa, está encharcada. O desconforto ocorre quando gotas aleatórias insistem em escorrer por suas partes íntimas. A distração com as crianças o faz escorregar num trecho mais acidentado do beco, mas ele contraria a lei da gravidade e, num movimento um tanto acrobático, recupera o equilíbrio.

"Está logo ali", o motorista aponta para uma ruazinha sem saída. O carro está largado num beco sem saída e ocupa toda a extensão da via. Gaspar avalia a impressionante habilidade do sujeito, que só pode ter dirigido até ali de marcha a ré.

Uma nova sequência de estrondos é ouvida no momento em que eles entram no carro. Trovões. Dessa vez, Jéssica prefere o banco dianteiro. Quase que instantaneamente, o veículo já está em movimento. Gaspar

não questiona o trajeto escolhido pelo homem ao volante que, assim como na vinda, não lhe dirige a palavra. O passageiro não é digno de sua atenção. Tudo bem, Gaspar não liga. O mais importante é que logo ele estará longe dali, a salvo.

A chuva aumenta e através dos vidros embaciados é possível identificar os clarões dos relâmpagos a riscarem o céu. As ruas por onde passam são estreitas demais e alguns trechos começam a ficar alagados. Gaspar cruza os braços, fecha os olhos, suspira, sente o sacolejar do carro e é tomado pela certeza de que não quer voltar a ver o rosto daquele sujeito, o Galã Viking, o homem cuja arma é o meio mais prático para se expressar. Se a garota quer manter envolvimento com "essa gente", o problema é dela. "Depois a gente resolve essa parada", foi o que o sujeito disse. A frase segue ricocheteando na cabeça de Gaspar.

Capítulo 15

Heloisa não vê motivos para constrangimento, mas o discurso da mãe sobre o orgulho masculino, especialmente o de Gaspar, a convence de que talvez este não seja o melhor momento. A mãe despeja um punhado de batatas palito dentro de uma vasilha com óleo, enquanto Heloisa fatia alguns tomates. O barulho das batatas em contato com o óleo fumegante é responsável pela interrupção da frágil linha de raciocínio da moça. Ela se concentra na lâmina da faca e na maneira habilidosa como a manipula. São movimentos ágeis que logo resultam em uma fileira de rodelas vermelhas, finíssimas; é assim que o pai gosta. O jantar deve ficar pronto em alguns minutos. Gaspar está no banho.

"Em algum momento a gente vai ter que falar sobre isso", Heloisa adverte a mãe sobre a necessidade de dar a devida atenção ao assunto. A certa altura da vida, o fato de ser demitido pode levar à depressão, ela sabe disso. Aliás, dependendo da nossa vulnerabilidade, questões aparentemente simples podem ganhar contornos assustadores.

De qualquer forma, a atitude do pai a preocupa.

A mãe não responde de imediato. Usa um tipo de utensílio gigante para retirar as últimas porções de batatas da vasilha com óleo, e o ar fica cada vez mais denso. "Deixe o seu pai em paz", ela finalmente retruca. "Ele deve ter os motivos dele para não ter dito nada."

"Não é uma questão de ter ou não motivos, mãe". Heloisa posiciona uma travessa de louça sobre a mesa. As

fatias de tomates estão cuidadosamente distribuídas de forma elíptica, e sobre elas há pequenas pitadas de salsinha. A cebola branca ocupa o centro da travessa. É a salada preferida de Gaspar. "A resignação nem sempre é a melhor saída", ela completa.

"Não quero que fique enchendo a cabeça do seu pai com esse assunto".

"A senhora que sabe", Heloisa está contrariada com o posicionamento da mãe, e seu tom de voz deixa ainda mais evidente um descontentamento árido, "mas eu ainda acho que a gente devia conversar com ele."

Assim como um motorista imprudente que desrespeita a lei e acelera no sinal amarelo, a frase também escapa por pouco. Foi concluída segundos antes de Gaspar aparecer na cozinha. Ele apanha um copo no armário, vai até a geladeira e se serve com um pouco de água. Um hábito herdado dos pais quando ele ainda era apenas uma criança; eles diziam: "Nada melhor que um copo d'água antes das refeições para garantir que você não coma além do necessário." Durante muito tempo, o pequeno Gaspar interpretou isso como mera economia dos pais. Helena nunca viu sentido nisso; mas, cada louco com sua mania.

A conversa entre mãe e filha é encerrada, e Gaspar toma o seu lugar à mesa, está quieto, como de costume. O jantar é o retrato de um ritual morno em contraste com o vapor que dança sobre as panelas toda vez que uma delas é aberta. Uma família em seu momento sagrado, a hora da refeição.

Não que isso seja alguma novidade, mas hoje o diálogo está ainda mais escasso. O silêncio é uma maldição, quebrada vez ou outra pelo tilintar dos talheres sobre a louça. O jantar está perfeito. A salada, a batata

frita, o bife acebolado; tudo foi elaborado conforme as preferências do dono da casa, mas não há espaço para elogios. Ficam subentendidos. Elas sabem que Gaspar não é nenhum ingrato. Pode até ser um chato, mas mal-agradecido, ele não é.

Capítulo 16

"Vou ser curto e grosso: se tocar na minha filha, morre!"

Gaspar não tem dúvidas de que a frase foi dirigida a ele, só não sabe se ouviu direito o que o Galã Viking acabara de dizer. A verdade é que ele, Gaspar, ainda não acredita que voltou àquela casa, mas a garota foi clara. "Ele não está convidando, está mandando", foi o que ela disse. O homem com quem Jéssica se relaciona gostaria de ter uma palavrinha com Gaspar. Por ele, o assunto estava encerrado, não voltaria a pôr os pés naquele lugar de jeito nenhum. Não quer mais saber com quem a futura filha anda de safadezas, não quer envolvimento com aquela gente, não é seguro.

Só que, ainda menos seguro seria ignorar o "pedido" do Galã Viking, então ele teve que vir, não havia muito o que fazer.

"Não faço ideia do que você está falando", Gaspar enfim responde. Diz isso com uma naturalidade comovente.

Está sentado no mesmo sofá onde se acomodou três dias atrás. Sim, ele precisou de dois dias para se livrar da autocomiseração, pois, sinceramente, ele não se vê entre aqueles que acreditam que a sorte seja amiga dos imprudentes. E dessa vez, a garota preferiu esperar em algum outro cômodo da casa, não quer presenciar seu espancamento e morte, ele supõe. Afinal, por que mais o sujeito insistiria em vê-lo novamente? E essa frase ameaçadora, isso lá é jeito de se começar uma conversa?

"Tá de sacanagem comigo, é?" O Galã Viking movimenta uma das mãos, ajeitando o que só pode ser uma pistola em sua cintura.

Gaspar hesita, não sabe o que responder. É possível que o desgraçado esteja drogado, ele pensa. Nesses casos, todo tipo de alucinação é possível.

"Tô sacando a sua jogada, velho."

Gaspar segue em silêncio. Sabe que uma resposta mal calculada pode levá-lo à ruína; e velho ele não é. Lembra-se de Heloisa e sua mania de adjetivar o próprio pai. Ele não se lembra de todos agora, mas considera que "velho" não deva pertencer à mesma categoria cuja lista é composta por termos como: "machista, preconceituoso, troglodita, e por aí vai".

"Não quero parecer desrespeitoso", Gaspar começa, "mas você não me parece nada bem."

A assinatura de uma sentença. É assim que ele próprio classifica a frase. Acaba de assinar a sua sentença de morte. Quem em sã consciência diria uma frase dessas a um homem armado e tomado por delírios sem fundamento? Teria sido melhor dizer: "Tá viajando, seu retardado de merda?!". Assim, sua execução seria justificada por um ato de bravura. Mas, não, agora ele pôs tudo a perder. Tenta se levantar, mas é empurrado de volta para o sofá.

"Desde quando?", o Galã Viking pergunta.

"Desde quando o quê?"

"Tá começando a me irritar."

Como se Gaspar não soubesse disso. Seu nariz está novamente na mira do dedo indicador do homem à sua frente. E como se não bastasse, agora o Galã Viking está com a pistola em punho e pode liquidá-lo a qualquer momento. Assim, num estalar de dedos.

"Sério, eu juro que nem sabia que você tem filhos", Gaspar testa seu tom de súplica, pode ser que funcione. "Além do mais", ele continua, "eu jamais abusaria de uma criança". Tenta ganhar tempo, na esperança de que Jéssica apareça e consiga desfazer todo esse mal-entendido. É isso ou hoje será o último dia de sua vida miserável.

O Galã Viking começa a rir, inicialmente de maneira comedida, mas logo dispara uma gargalhada. Chacoalha a cabeça de maneira exagerada, hilariante. Gaspar parece um grande comediante que acaba de contar sua melhor piada. Nada como um momento de descontração antes de ter seus miolos espalhados pelo sofá, pensa Gaspar, por mais que desconheça o motivo de toda essa palhaçada.

"Você é um cara engraçado", diz o Galã Viking.

A tempestade de risos já se dissipou e agora em seu rosto se vê uma estranha expressão de satisfação, como um gato que brinca com o rato antes de devorá-lo.

"Sei que já disse isso, mas eu juro!", insiste Gaspar.

"Ssssh... Não precisa jurar nada."

"É sério, eu não faço ideia do que você está falando."

"Eu já disse para calar a boca."

Gaspar gostaria muito de confrontá-lo, de morrer como um homem deve morrer, com dignidade. "Você não passa de um viciado", ele diria. "Um retardado que, de tanto bombardear o cérebro com essas porcarias, vive numa paranoia sem fim." Morreria com a consciência tranquila. Lembrariam dele com orgulho. "*Pai de família é assassinado por chefe de facção local*", seria a manchete nos sites de notícia. Alguém haveria de se compadecer e talvez até chorasse seu infortúnio.

O Galã Viking recoloca a arma na parte de trás da cintura e se dirige até o corredor que dá acesso aos demais cômodos da casa. Seus olhos estão fixos em algum ponto inalcançável à visão de Gaspar.

"Chega aí", ele diz à moça.

Jéssica caminha até a sala com a mesma naturalidade de uma aluna do Ensino Médio que, no meio da aula de Biologia, pede para ir ao banheiro. Está à vontade, mas mantém certo distanciamento dos dois homens.

Ao vê-la, Gaspar abre a boca para resolver de uma vez por todas esse drama. Seja qual for a motivação do delírio de seu anfitrião, ele não quer saber. O que lhe interessa neste momento é que a garota desfaça a confusão em que ela mesma o ajudou a se meter. Não fosse por ela, ele não estaria agora sendo jurado de morte a cada vinte segundos, não teria que engolir essa acusação infundada.

Alguém esmurra a porta antes que Gaspar possa formular sua defesa. Com um breve movimento de cabeça, o Galã Viking indica que Jéssica é a escolhida para abrir a porta. E ela o faz sem questionar.

"Está feito!", o sujeito diz, enquanto busca o olhar do dono da casa. É um dos descamisados de três dias atrás, Gaspar se lembra bem dele, foi o primeiro a abordá-los da outra vez.

O recém-chegado tem um celular nas mãos, passa por Jéssica sem se dignar a olhá-la no rosto, segue diretamente para o encontro do Galã Viking e estende o aparelho diante de seus olhos.

"Quando foi isso?", o dono da casa quer saber.

"Ontem à tarde."

"Trabalho limpo?"

"Totalmente limpo, patrão."

Enquanto os dois homens conversam, Gaspar ouve gritos aterrorizantes provenientes de um vídeo reproduzido no celular do descamisado. O Galã Viking é quem segura o aparelho agora. Jéssica se apressa em fechar a porta, mas mantém-se distante de todos na sala, e pela primeira vez Gaspar vê um traço de preocupação no rosto da moça. Isso não é nada bom.

"Tem certeza, Gabiru?", o Galã Viking insiste. Ele não quer moradores curiosos espalhando fofocas, pois uma das suas funções ali é dar assistência ao povo trabalhador da comunidade, cujo braço negligente do Estado finge alcançar.

"Tranquilo, patrão", o sujeito responde, enquanto ajeita o fuzil pendurado nas costas.

Os gritos de pavor se intensificam no celular. Gaspar não tem certeza, mas acredita ter ouvido risadas permeando o pânico da pessoa no vídeo.

"Levanta aí, otário", o Galã Viking ordena. "Você tem que ver isso aqui."

Gaspar já sabe que tipo de conteúdo vai assistir, mesmo assim terá que obedecer. O que mais ele pode fazer? Tentar frases de efeito como "Aqui se faz, aqui se paga"? Ou talvez "A justiça de Deus tarda, mas não falha"? Não, de jeito nenhum. Ele está em uma grande encrenca para usar clichês idiotas. Questões filosóficas não podem salvar sua pele. Ele percebe isso no momento em que é agarrado pelo colarinho e forçado a ficar de pé. O Galã Viking não vai mais esperar. Uma mão está em seu pescoço e a outra quase esfregando o celular em seu rosto.

"Isso é o que vai acontecer com você, caso algum dia, nessa sua vida nojenta, você resolva enfiar esse seu pintinho no lugar errado, entendeu?"

Gaspar estremece. Do que ele está falando agora? Não sabe se ri ou se chora. Quer dizer, chorar seria o lógico, mas o termo "pintinho" empregado na mesma frase, cujo único intuito seria o de intimidá-lo, o faz ter a sensação de que ele está diante de uma piada de mau gosto, só pode. Ele olha rapidamente para Jéssica, em seguida, seus olhos estão em cima do descamisado. Esse seria aquele momento em que todos cairiam numa gargalhada e diriam em uníssono: "*Pegadinha do malandro!*". Mas não é isso o que acontece. Ninguém se manifesta. A garota segue alheia ao seu drama, e o sujeito sem camisa agora está de braços cruzados ao lado da porta, é um cão de guarda à espera da ordem do dono. Gaspar finalmente encara a tela do celular. O vídeo já está em execução há pelo menos dez segundos. A gravação é amadora, isso ele percebe de cara. O enquadramento é precário, como se o único propósito do autor da filmagem fosse desencadear uma crise de labirintite em quem se atrevesse a pôr os olhos naquelas cenas. Rostos alucinados e sorridentes se revezam na tela que, vez ou outra, capta apenas o vulto do que parece ser uma estrada de chão, um beco. "Uma festa", é o que alguém poderia pensar. Mas Gaspar sabe que não é esse o caso. Antes fosse. Ele tem um palpite sobre o que vem por aí, mas não pode desviar sua atenção do celular, o Galã Viking quer que ele aprenda a lição. Se antes havia o que Gaspar jurava ser um grito de terror, agora tudo o que se pode ouvir é uma algazarra generalizada. Há momentos em que a imagem perde o foco, mas a farra continua. "Filma lá, irmão", alguém diz. Então a imagem rodopia até alcançar uma pilha de pneus velhos no fim do beco. Um dos descamisados se aproxima e usa um galão para despejar o que só pode ser gasolina, enquanto outro sujeito não

hesita em atear fogo. Gaspar fixa os olhos na estrutura macabra e não constata movimentos. Quem quer que esteja ali dentro, partiu antes mesmo de a fogueira ser acesa. Ao fundo, um céu dourado aspira o negrume formado pela combustão da borracha. Tiros são disparados para o alto.

"Avisa todo mundo para ficar alerta", o Galã Viking diz, enquanto atira o celular na direção do sujeito próximo à porta. "Vai ter polícia invadindo a comunidade todo dia, agora." O descamisado agarra o celular e sai sem dizer nada. "E você", o dono da casa aponta mais uma vez para Gaspar, "senta aí porque a nossa conversa ainda não terminou."

"Ele já entendeu o recado, pai", Jéssica diz.

Gaspar alterna um olhar apreensivo entre a garota e o Galã Viking. Sabe bem o que ouviu, ele não perdeu o juízo. Ao dirigir a palavra ao dono da casa, Jéssica o chamou de... pai? É agora que ele não sai vivo mesmo dali.

A garota se aproxima do Galã Viking e recebe um breve abraço dele. Os dois estão sorrindo. Gaspar sente cada músculo se contrair, ele está entrando em colapso, vai ter um troço a qualquer momento. Não consegue imaginar nenhuma solução para o seu caso que não envolva sangue. É melhor aceitar o fato de que ele está liquidado, logo de uma vez.

"Que história é essa de você ficar de olho na minha 'garotinha'?", o dono da casa quer saber.

"Não estou de olho em ninguém", Gaspar retruca.

"Tá querendo o quê, então?"

"Eu só queria...", ele para um instante, gagueja, se ajeita no sofá e tenta o impossível: ser convincente ao explicar sua intenção. "Eu só queria ajudar", conclui. Com

isso, ele se convence de que minimizou qualquer informação que possa comprometê-lo ainda mais.

"Sei...", o Galã Viking ironiza. Ele olha para Jéssica e é presenteado com um sorrisinho de canto de boca. Ela está confortável com a situação. "Então me explica por que tu ficou cobiçando os peitinhos dela?"

Gaspar está impressionado. Temeroso, mas sobretudo perplexo com o que acabara de ouvir. Em que momento, ele se pergunta, pais passaram a se referir às filhas de maneira tão grosseira? Ele pensa em Heloisa, mas logo desiste de supor o que a filha diria diante de uma afirmação dessas.

"Eu nunca encostei nela", Gaspar diz, na defensiva. Nesse mesmo instante, lembra-se de quando vieram à comunidade pela primeira vez: ele, Jéssica e o motorista mal-humorado. Lembra-se da mão dela sobre sua coxa.

"Claro que não", o Galã Viking responde. "Porque se tivesse, pode crer que você já teria virado cinzas." Diz isso com tanta naturalidade, que Gaspar chega a se imaginar entre os pneus em chamas no vídeo que acabara de assistir, e não há como avaliar a situação, já que ele não sabe até onde a garota foi com suas declarações ao pai.

"Então já podemos terminar por aqui", Gaspar murmura, num impulso tão inconsequente quanto ingênuo.

"Cala essa boca!"

"Não quero nada com a sua filha, você sabe disso", Gaspar gesticula, é um advogado em causa própria, "então já pode me liberar."

"Ninguém sai daqui", o Galã Viking adverte. Ele tira a pistola da cintura e a deposita sobre uma mesinha de centro. Há uma calma perturbadora nesse ato. Ele olha para Jéssica e diz:

"Chega aí."

A garota obedece. Agora ela está ao lado do pai.

"Diz aí, qual é a do coroa?", o Galã Viking cruza os braços.

De forma bastante tranquila, ela começa a contar toda a história, desde o dia em que Gaspar teria supostamente salvado Damiana do que ele mesmo classificou como um "golpe do bilhete premiado". Há momentos em que o dono da casa dirige o olhar a Gaspar e chacoalha a cabeça afirmativamente, ainda que a expressão em seu rosto diga o contrário. Uma beata fervorosa, é assim que Gaspar vê a garota nesse momento, cujos lábios se movem sistematicamente, mas ele já deixou de prestar atenção às palavras que escorrem daquela boca. Tudo o que ele não quer é que a moça repita a parte em que ele a despiu com os olhos; seria constrangedor ter de encarar mais alguma frase composta por "peitinhos" ou algo do gênero. Por um instante, ele se distancia da realidade. Agora é Damiana quem está na sua cabeça, ela repete toda a história do acidente em que afirmara ter perdido o filho e a nora.

"Desempregado?", o Galã Viking questiona.

Gaspar vacila por um instante, mas logo faz que sim com a cabeça. "Há menos de trinta dias", ele afirma, reconhecendo que essa informação é irrelevante e não tem o poder de reverter a péssima impressão que ele supõe estar causando ao dono da casa.

"Cara, você é muito sem noção."

"Por querer ajudar?", Gaspar contesta. "Não vejo nada de mais nisso."

"Ou alguém muito esperto."

"Nem um, nem outro."

"Então desembucha logo, que ideia de jerico é essa de querer cantar de galo na casa da vovozinha?"

Vovozinha? Gaspar pressente que sua capacidade de raciocínio ameaça desmoronar. Isso não faz sentido algum, Damiana é mais esperta do que ele supunha, e agora ele está tentando assimilar o fato de ter sido enganado por uma idosa, justo ele que considera o respeito pelos idosos uma lei universal.

"Não se ofenda", Gaspar diz, "mas você não sabe o que está falando."

Não há alteração na fisionomia do dono da casa, ele segue procurando motivos para justificar a execução do homem a quem considera, na melhor das hipóteses, um pervertido, o que não refrescaria em nada a situação de Gaspar. Os reais motivos por trás da aproximação daquele homem a uma adolescente e sua avó idosa ainda o intrigam. Jéssica não intervém, segue absorta, é uma mera espectadora num julgamento onde o júri será unânime na condenação do réu.

O Galã Viking volta a pegar a arma que havia colocado recentemente sobre a mesinha. Avança em direção a Gaspar e utiliza sua mão esquerda para agarrá-lo pelo colarinho, obrigando-o a se levantar. A outra mão, com a pistola em punho, aponta para o chão, com o dedo esticado sobre o gatilho.

"Não, é?", ele questiona, seu tom é austero. "Então é melhor abrir o bico e me contar tudo, bem direitinho, agora mesmo."

A pressão exercida sobre o pescoço de Gaspar o faz arfar. Ele sabe que suas chances de sucesso não são boas, por isso, por alguns segundos, deseja a presença da polícia, como ocorreu na vez anterior. Seria perfeito. Deslizaria por todos aqueles becos malcheirosos e, por

Deus, ninguém o convenceria a voltar àquele lugar, nem que para isso ele precisasse sair da cidade, sumir por uns tempos. Mas não há polícia. E os raros ruídos que vêm de fora são gritos distantes, crianças a empinar suas pipas multicoloridas ou a correr pelas vielas, ignorando a presença dos descamisados e seus fuzis.

Não tem jeito. Não há como fugir. Então ele usa as mãos para gesticular o que entende ser um pedido de calma, e começa sua narrativa, sem nenhuma garantia de que será convincente o suficiente para escapar da morte.

Capítulo 17

Helena não acha que seja o caso, mas a filha já sugeriu duas ou três vezes que alguém deva ser consultado: vizinhos, colegas de trabalho ou até mesmo a polícia. Já passa das 21h00 e o pai de Heloisa ainda não retornou para casa, algo incomum para alguém com as manias de Gaspar. Se ele estivesse trabalhando — e ambas sabem que essa possibilidade está fora de questão — não gastaria mais do que vinte minutos no caminho de volta para casa, sempre foi assim.

Helena retira as louças do jantar e guarda um prato feito no microondas, o marido deve chegar logo, talvez tenha encontrado algo excitante para fazer e esqueceu da hora, homens são assim mesmo. A televisão da sala tagarela fatos do noticiário nacional, mesmo que ninguém esteja lá para assisti-la. O âncora adota o mesmo tom de voz para todas as notícias, o que evidencia uma predominância natural das desgraças nossas de cada dia.

"Pode ter acontecido algo sério, mãe", Heloisa diz.

"Como o quê, por exemplo?"

Heloisa sabe que está exagerando, mas o pai nunca fez isso, não é homem de botecos ou farras. Aliás, Gaspar nunca fez nada além de trabalhar e implicar com as pessoas, com o que ele próprio considera ser "os péssimos hábitos do ser humano". Como se sua origem fosse de um planeta vizinho, supremo, livre da maldição advinda do pecado original, isenta da prepotência humana.

"Sei lá, ele pode ter sido atropelado ou talvez tenha tentado reagir a um assalto, você sabe bem como o pai é",

Heloisa argumenta, enquanto retira, um a um, os pratos do escorredor de louças, em seguida os seca com um pano de prato cujos bordados representam frutas rechonchudas e multicoloridas.
Na televisão, um jingle indica o que pode ser o início ou o fim de mais um intervalo comercial.

"Não aconteceu nada de mais, ele deve ter ficado entediado, só isso. Seu pai é um homem difícil, você sabe disso. Quanto tempo faz que ele perdeu o emprego? A gente nem sabe direito o que aconteceu. Ele não teve sequer a decência de nos contar o básico. Então é bem possível que ele esteja por aí, se vingando da vida."

A conclusão do raciocínio da mãe surpreende Heloisa. Não é a aparente ausência de preocupação, mas a maneira com a qual ela se refere ao marido. Há um abismo doloroso em cada palavra, algo de trágico entre uma pausa e outra. Em geral, Helena não se sente à vontade para se expressar, e agora a filha se pergunta se os intermináveis minutos diante da tela do celular e os olhos vidrados em algum reality show na televisão não surgiram da necessidade de a mãe ter um mecanismo de defesa, um refúgio, uma maneira de ignorar a lápide fria e impiedosa que seu casamento se tornara ao longo dos anos. E ela, Heloisa? Como seria se já fosse casada? Melhor nem imaginar, o pai odeia seu namorado, e isso já ficou bem claro. "Se vingando da vida", ela sussurra para si. A frase é uma sombra na escuridão, pronta para se tornar a síntese da convivência dos pais, que agora abre os braços numa bifurcação onde cada um 'se vinga da vida' como pode.

"Talvez tenha razão", Heloisa responde.

Ela vai se deitar, mas já decidiu que não pregará o olho antes de o pai chegar.

***

A trama envolvendo mocinhos, vilões e figuras cômicas da novela das nove já ficou para trás quando Gaspar cruza a sala e segue direto para o quarto. Faz isso da maneira habitual, em silêncio e sem nenhuma disposição de resgatar a esposa do submundo virtual ao qual ela mergulhou de uns anos para cá. Não há espaço para conversas, tudo o que ele precisa agora é de um banho. A luz elétrica oscila, e isso conduz Heloisa à suposição de que o chuveiro no quarto do casal está em funcionamento. Ela vai até a sala e, mesmo sem ser notada, se certifica de que a mãe segue absorta no sofá, deslizando o polegar na tela do celular. Respira aliviada. Não está convencida de que a mãe esteja disposta a fazer algum questionamento sobre o ocorrido, mas aprendeu desde cedo que assuntos relacionados a pai e mãe são resolvidos primeiro entre eles. Apesar de as coisas não andarem nada bem, Heloisa ainda se sente presa a alguns princípios aos quais fora submetida durante toda a sua infância e adolescência.

A explicação de Gaspar só alcança os ouvidos da esposa quando ela e ele já estão deitados na cama, um de costas para o outro. A hora do sono é também um duelo de pistolas do século XVIII. No entanto, em vez de passos, cada um conta seus carneirinhos até fechar os olhos.

"Problemas no trabalho", resmunga Gaspar. Apesar de curta, a frase anuncia um tom frágil e pouco convincente, mas ele não faz questão disso.

"Diga isso para sua filha."

"Agora tem isso, é... tenho que sair dando explicações da minha vida a todo mundo?"

"Não é todo mundo, é a sua filha", sussurra Helena também. Ela não quer que o assunto evolua para uma discussão mais acalorada. Ainda é cedo da noite, não passa das onze horas, então é possível ouvir os ruídos da vida que segue seu curso lá fora. Há um insistente choro, que só pode ser de um bebê recém-nascido, entrelaçado com latidos de cães e roncos de carros e motos. "Ela ficou preocupada, e por pouco não fomos à polícia."

"Tô aqui, não tô?... Então não precisamos exagerar."

O tom de voz de Gaspar agora é grave e se eleva por alguns segundos, mas para ele esse assunto já está encerrado. Seguem imóveis, de costas um para o outro, e Helena tem a cabeça invadida por um pensamento perturbador: "Quem é o homem com quem ela tem compartilhado sua cama a vida toda?"

Capítulo 18

Gaspar chegou mais tarde hoje. Passou antes na padaria, comprou leite, pães e uma margarina com sal, aquela que ele gosta. Se Jéssica tem o hábito de tomar leite no desjejum, ele desconhece. Damiana, com certeza, não. Ela manuseia seu copo americano sem dizer nada. Na noite anterior, a neta dormiu em casa, mas chegou tarde, então não há esperança de vê-la acordada antes das onze da manhã. Já Gaspar, hoje parece mais à vontade do que nos dias anteriores. Parte um dos pãezinhos ao meio e começa a passar margarina nele. Ele sabe que a subjetividade não explica nada, por isso, um café da manhã ao lado de Helena e Heloisa não lhe pareceu prudente; ele saiu antes. Hoje à noite, ele explicará melhor. Até lá, ele já deve ter pensado em algo.

Damiana segue em silêncio, e Gaspar tem a sensação de que ela está evitando olhá-lo nos olhos.

"Por que não me contou a verdade?", ele a indaga enquanto dá uma mordida no pão francês. Há um cuidado exagerado no ato.

"Ora... de que verdade o senhor está falando?", responde Damiana. Ela não toma mais o café, apenas brinca com o copo, girando-o sobre a mesa.

"Sobre o seu filho."

"O senhor já sabe toda a história."

Damiana mantém o olhar fixo no ponto exato onde o copo está sendo girado. O movimento produzido pelos dedos polegar e médio parece ganhar mais intensidade à medida que a conversa avança.

"Sei, sim, senhora", afirma Gaspar, movimentando a cabeça para cima e para baixo. É um gesto lento e cuidadoso. Ele abocanha o pão mais uma vez, e a margarina ameaça escapar entre os lábios. "Por isso, faço questão de ouvir da senhora a versão verdadeira de como tudo aconteceu." Ele usa o polegar para se livrar do ponto branco e cremoso que se formara no canto da boca.

Damiana esquece o copo e tenta não desabar ao permitir que seu olhar recaia sobre Gaspar. Ela recolhe as mãos e as posiciona rente ao queixo, os dedos entrecruzados, como quem faz uma oração. Ele pode muito bem estar "*jogando um verde*", pensa a idosa. De qualquer forma, ela fez o que fez para fugir da dor e tentar proteger a todos, inclusive o próprio Gaspar. Damiana entende que se agora ele a pressiona em busca da verdade, também deve estar disposto a assumir o risco que, aos olhos dela, não é pequeno.

"Não foi um mero acidente", proclama ele, enquanto devora o último pedaço do pão francês. Um crime digno de prisão perpétua, é o que ele pensa sobre o ato de falar de boca cheia, por isso faz uma pausa considerável entre uma frase e outra. "A morte do seu filho", continua em um tom quase didático, "não teve nenhuma relação com um simples acidente de carro."

Ambas as afirmações são firmes. Por isso, Damiana decide não arriscar comentários inapropriados e, em vez disso, toma um gole do café gelado que ainda repousa no fundo do copo. Ela examina cuidadosamente as atitudes de Gaspar, consciente de que não pode arruinar tudo, caso essa conversa seja apenas um blefe.

"Aquele lá me contou tudo", revela Gaspar. Mesmoque não seja indicado a quem ele se refere,

Damiana compreende, e sua resposta assume um tom de advertência.

"Então o senhor deve saber no que está se envolvendo."

"Não tive escolha", admite Gaspar, esfregando uma mão na outra. "Faltou um aviso que a senhora poderia muito bem ter me dado."

"O senhor invadiu a nossa vida, lembra-se?... De repente, surgiu com essa conversa de 'querer cuidar de nós' a qualquer custo", explica ela. "Estava na cara que isso não acabaria bem."

"Mas a senhora poderia ter me contado a verdade."

"Para quê?"

Gaspar reflete por um segundo. Ele não sabe se há alguma resposta que o faça se convencer de sua possível negligência. Houve alguma? As pessoas dizem o que querem e fazem o que bem entendem, depois reclamam. Além do mais, ele não é culpado se alguns não conseguem tomar decisões minimamente racionais. Ele próprio tem feito escolhas duvidosas. No entanto, ainda assim, fica chocado com a brutalidade com que a vida tem o tratado ultimamente.

"Acho que isso não faz diferença agora."

"Quando enterramos um filho, abrimos um buraco na própria alma, uma cratera que sangrará até o último dia de nossa vida. Algo tão cruel que é difícil desejar isso até mesmo aos nossos piores inimigos."

"Posso imaginar."

"Não. O senhor não pode", retruca Damiana com firmeza. Não há qualquer mudança em seu tom de voz, ela apenas narra os fatos, como quem assume a responsabilidade de contar uma história trágica. "O senhor já perdeu um filho, por acaso?"

Diante dessa pergunta, Gaspar prefere o silêncio. Ele já entendeu.

"Pode, pelo menos, me contar como foi?"

"O senhor já não sabe?", responde Damiana com um ar de resignação.

Não, Gaspar não sabe. Tudo o que o Galã Viking se propôs a esclarecer foi que o filho de Damiana era um parceiro no movimento e fora assassinado por membros de um grupo rival. "É comum que esse tipo de merda aconteça", foi o que ele disse ontem à noite, "mas a gente nunca se liga que pode perder um irmão", pois era assim que ele o considerava. Após a morte do rapaz, o Galã Viking, ou seja, o verdadeiro pai de Jéssica, a encarregou de se manter próxima à idosa, precisava de alguém de confiança para cuidar dela, já que seu único filho se fora para sempre. Agora, a moça passa o dia inteiro com Damiana, e a maioria das noites volta para a proteção do pai. Ontem, Gaspar descobriu que o Galã Viking tem um nome, mas não se lembra qual agora. Foi uma conversa dura, cheia de ameaças e revelações. "Então você é um sujeito bem intencionado?", o Galã Viking perguntou, sugerindo alguma obscuridade nas atitudes de Gaspar. "Tá desempregado e quer cuidar da velha e da minha filha, é isso?", mais um questionamento desconcertante a Gaspar. No fim das contas, o Galã Viking concluiu que estava prestes a executar um maluco desgraçado. "Tá certo", o Galã Viking disse, enquanto gesticulava com a arma em punho, "já que tu quer ajudar, considere-se contratado." "Contratado para quê?", Gaspar quis perguntar, mas o Galã Viking continuou a falar. "De agora em diante, é seu dever manter as duas em segurança. Ah, e tem mais uma coisa: para merecer o seu salário, terá que fazer algumas entregas especiais para mim." Essa era a

parte que Gaspar não queria ouvir. Ele não é homem de fazer esse tipo de entrega, de jeito nenhum. Não quer se envolver com essas coisas, é um homem de princípios. "Está decidido, então. A partir de agora, você é o 'cuidador' oficial das duas; não era isso o que você queria?" Gaspar fez que não com a cabeça, tentou argumentar, mas foi imediatamente silenciado. "Tu não tá entendendo, 'tiozão'", o Galã Viking abusa da autoridade e do tom sarcástico, "essa é a única maneira de você sair vivo daqui."

E foi assim que Gaspar se deu conta de que sua vida não seria mais a mesma. É uma novidade para ele. Já enfrentou de tudo nesta sua existência medíocre, mas ameaça, nunca. Nem mesmo ao ser demitido. Foi convidado sem rodeios a ir direto ao RH; mas isso também já ficou para trás.

"Tudo o que o Galã Vi...", interrompe-se Gaspar, e embora não consiga recordar o nome do sujeito que tentara matá-lo na noite anterior, percebe que não seria apropriado se referir ao seu novo patrão por um apelido que surgira em sua mente. "Tudo o que ele me disse é que tinha uma parceria com seu filho", reformula.

"Meu filho não era bandido", Damiana responde.

"Eu não disse isso."

"Mas pensou."

"Só quero que você me conte o que aconteceu", Gaspar insiste. Isso não faz diferença, mas ele compreende que estar a par dos fatos poderá ser útil no futuro, já que agora, de alguma maneira, ele está envolvido com o movimento. Mas que fique claro, não é por escolha própria.

"O Fábio e o Eduardo eram amigos", diz a idosa, ajudando Gaspar a finalmente se lembrar do nome do

homem a quem chamará de chefe: Fábio. "Eles cresceram juntos aqui no bairro", ela acrescenta.

"Entendi."

"Ainda quando era criança, o Fábio começou a frequentar aquela comunidade. Tenho a impressão de que, no começo, era apenas uma fascinação adolescente, coisa de garoto curioso, sabe? Os bailes funk são como um doce para essa juventude. Mulheres jovens e sensuais, música e bebida podem parecer um tipo de 'paraíso' para aqueles que estão descobrindo os prazeres da vida. No entanto, muitas vezes, essa forma de diversão acaba levando por outros caminhos. Em pouco tempo, o meu Eduardo se envolveu com pessoas que não são de boa índole", ela fez uma pausa, levantou-se e começou a recolher a louça do café. O copo de Gaspar ainda continha um pouco de líquido. Ele a observa atentamente.

"Infelizmente, essa ainda é uma realidade", diz Gaspar, enquanto arrasta as migalhas sobre a mesa com as mãos. "Jovens espalhados pelas periferias deste Brasil não são exatamente prioridades do Estado."

"Naquela época, meu marido Alfredo ainda estava vivo, e nós conhecíamos bem os pais de Fábio. A mãe dele não aceitava o fato de o garoto rejeitar a ideia de arranjar um emprego. 'Não precisa ter carteira assinada', ela dizia, 'mas precisa ser um emprego decente, filho', já que o rapaz nunca esclarecia a origem do dinheiro que lhe permitia viver com tênis da moda e roupas caras. Assim que terminou o Ensino Médio, Fábio se enfiou na comunidade, ao lado de amigos de índole duvidosa, e mal tinha tempo para ver os pais. Foi nesse mesmo período que a mãe faleceu, vítima de um derrame. Para mim, foi um desgosto. Eu também sou mãe de filho único, então pude compreender sua dor e decepção, mesmo não tendo ideia

de que, no meu caso, o destino tramava algo ainda pior. Poucos dias após o ocorrido, seu Nicolau, o pai de Fábio, jogou os móveis em um caminhão de mudanças e desapareceu sem dizer uma palavra a ninguém. Diziam que ele provavelmente voltou para Pernambuco", acrescenta ela.

"É como um filme repetido", comenta Gaspar. Agora, ele também está de pé, ajudando a recolher os copos e a margarina.

"O quê?"

"Só estou dizendo", explica Gaspar, "é que essas histórias tristes se repetem o tempo todo, infelizmente. Agora mesmo, enquanto conversamos, é provável que haja dezenas de jovens sendo recrutados para o crime."

"Mas não deveria ser assim."

"Concordo com a senhora."

"Ainda mais quando é um filho nosso."

"Era exatamente o que eu ia perguntar", Gaspar volta a se sentar, tem os cotovelos sobre a mesa e o queixo apoiado no polegar. "Quando foi que seu filho se envolveu nessa história?"

"Como já disse ao senhor, os dois eram amigos desde a infância. Então, quando Fábio se mudou para a comunidade, eles ficaram um bom tempo sem se falar, praticamente perderam o contato", diz Damiana, enquanto seca e guarda a louça no armário. "Foi assim por uns seis meses ou mais, até que um belo dia, sem mais nem menos, o rapaz apareceu em nossa casa, e Eduardo, é claro, queria saber das novidades. Sobre o quê, eu não sei, mas naquele dia eles ficaram a tarde toda conversando pelos cantos. Fábio me disse que estava muito bem e até se vangloriou do carinho que, segundo ele, havia conquistado das pessoas da comunidade. 'Lá só tem trabalhador, e a gente

faz questão de ajudar, vó', ele disse. Sempre respeitei a privacidade alheia, por isso evitei perguntar de forma indelicada sobre o trabalho dele lá, e qual era o tipo de ajuda que estava sendo oferecida, mesmo que a resposta fosse óbvia."

"Posso imaginar."

"Pois é... um 'homem querido pelos moradores'", foi isso o que ele disse. "E ainda por cima, cheio da grana."

"E isso despertou interesse no seu filho", comenta Gaspar.

"Exatamente."

"Mas qualquer um poderia supor que a origem de toda essa regalia não era lícita."

"Sim, mas acredito que a amizade entre os dois fez com que o Eduardo não enxergasse as coisas com a clareza que deveria. Ele nunca foi um menino mau", Damiana volta à mesa com Gaspar e desta vez senta ao lado dele.

"Mesmo assim, ele aceitou fazer parte disso", diz ele.

"Pelo jeito, o senhor também aceitou, não é?"

Gaspar se levanta, suspira e coça uma das sobrancelhas. Ele não quer ser aquele que aponta o dedo e diz algumas verdades à idosa. Se o filho de Damiana se deixou seduzir por uma promessa de vida fácil, esse não é o caso dele. Não, ele não entrou nisso porque quis, foi obrigado. Não teve escolha. Era isso ou o cemitério. E se ele fosse assassinado, alguém entenderia a razão? Compreenderia que sua única intenção era ser prestativo? Haveria um corpo a ser velado? Ou a família teria que se contentar com um teste de DNA feito com base em um insignificante fragmento de osso? E mais uma vez ele consegue imaginar a notícia de sua morte sendo divulgada por algum desses programas policiais na

televisão: "Confirmado: restos mortais encontrados no morro Santa Felicidade pertencem mesmo a Gaspar Ferrati."

"Tenho algumas coisas para resolver", diz ele. Sai logo em seguida, deixando a porta entreaberta.

Capítulo 19

Quase o dobro. Essa foi a conclusão à qual Gaspar chegou em relação ao seu novo salário. Já havia feito três favores ao Galã Viking, cujo nome ele ainda precisava se acostumar, e calculou que, se continuasse nesse ritmo, provavelmente terá o dobro da quantia que conseguiria trabalhando o mês todo naquele emprego desagradável, e isso sem precisar aguentar a chatice daquele povo. "Não somos amigos", ele lembra de ter ouvido um sujeito resmungar uma vez, "somos colegas de trabalho, só isso. Amigos estão numa categoria acima", concluiu o mesmo sujeito, "são aquelas pessoas que costumo convidar para um churrasco lá em casa".

Tanto faz. Gaspar não vê motivos para se preocupar com isso agora. Que se dane o cara do churrasco.

"É só entregar o pacote, de boa. Sem conversa fiada", foi o que o Galã Viking disse a Gaspar antes de confiar-lhe cada uma das três tarefas. É o tipo de negócio onde as pessoas costumam falar pouco. São apenas encomendas que passam de mão em mão até chegar ao destinatário final. E Gaspar tem demonstrado uma habilidade admirável no cumprimento desse tipo de empreitada.

Na primeira entrega, um sujeito gordo e com cara de apresentador de espetáculos circenses, cuja voz não parecia a mesma transmitida pelo interfone, foi quem o recebeu no portão de uma bela casa na zona sul. Ele agarrou a mercadoria e mergulhou de volta sem permitir que Gaspar pudesse visualizar o interior da propriedade.

A segunda entrega foi no centro da cidade. Após ter sido liberado pelo porteiro do Edifício Itália, Gaspar acionou, no elevador, o botão indicando o número dezesseis. Dessa vez, foi uma mulher quem apareceu para receber a encomenda. Alguém com idade na casa dos trinta que lhe mostrou os dentes por pura educação, nada mais.

O único a trocar algumas palavras com Gaspar foi o sujeito da terceira entrega. "Da próxima vez, vamos triplicar", ele alertou ao recolher das mãos de Gaspar uma sacola plástica, dessas com logomarcas de supermercados. "Diga isso ao Fabão", completou. Gaspar fez menção de rir, mas se controlou até se certificar de que o homem, metido num terno preto, havia desaparecido na multidão. "Fabão", ele repetiu baixinho. O emprego do aumentativo no nome de seu novo chefe não passa de uma piada clichê, algo criado com o propósito único de intimidar quem ousar se opor a ele.

Talvez a diferença não seja tão grande assim, pensa Gaspar, ao cumprir com sucesso a tarefa imposta pelo Galã Viking. É possível que Damiana tenha razão. Sugerir que o mesmo demônio que seduziu seu filho agora flerta com Gaspar não é nenhum absurdo. Ele está satisfeito, isso ele tem que admitir. Há uma estranha sensação de poder em tudo isso. É como se as pessoas com as quais acabou de se encontrar compartilhassem um segredo cujo domínio lhe pertence. Ele é Deus. Pode muito bem se alimentar dessa ideia. Que ninguém duvide de sua boa vontade ou de sua capacidade.

A fidelidade é uma questão de conveniência. E sua aplicabilidade, dependendo das circunstâncias, privilegia a inteligência quando comparada a romantismos morais ligados ao princípio da honra. E neste ramo de atividade,

ele acaba de perceber, a fidelidade é uma arma engatilhada à espera de um alvo.

***

Satisfeito. Não há outra maneira de descrever seu estado de espírito. Ao mesmo tempo, todos os músculos do seu corpo reverberam uma euforia cuja sensação lhe pertencera poucas vezes na vida. De imediato, é o dia do nascimento da filha que lhe vem à cabeça. Não arriscaria enumerar as demais ocasiões sob o risco de cair em contradição, especialmente em assuntos ligados a sentimentos que envolvam Helena. É da natureza feminina o apego a datas.

Já passa da meia-noite, e Gaspar segue a degustar seu inadvertido contentamento, como alguém que acabou de passar no vestibular e ainda não sabe o que o futuro da vida acadêmica lhe reserva. Mas ele está otimista. Seus olhos esquadrinham o teto, e nesse aspecto fantasmagórico ele nunca tinha reparado. Normalmente, já está no segundo sono nesse horário. A luz anêmica que vence a cortina da janela é o resultado do que ele supõe ser uma junção entre a iluminação pública, vinda dos postes da rua de trás, e o clarão da lua, um privilégio de quem ainda não se rendeu aos encantos de uma vida entre os prédios do centro da cidade.

No teto, onde seu olhar permanece fixo, há uma sobreposição de luzes e sombras que parecem pulsar embaladas pelo ritmo suave da respiração emitida pela criatura ao seu lado. Faz um tempo que ele não a vê assim, desprotegida. Não é a mesma Helena do celular ou daqueles programas idiotas da televisão. Há uma leveza

despretensiosa no modo como ela suga o ar para, em seguida, expulsá-lo vagarosamente de seus pulmões.

Em algum momento no passado, a magia se perdeu. Essa constatação chega até Gaspar atrelada a um estranhamento: ele não se lembra do tempo transcorrido. Não, ele não se refere aos anos de seu casamento ou aos seus momentos de paixão com a jovem esposa, e sim às horas que o antecederam até este momento. Ele tem a sensação de alguém que viveu a cena de um filme, cuja velocidade do vídeo pudesse ser acelerada até torná-lo inaudível, então não saberia dizer qual assunto fora discutido no jantar, ou se Heloisa o interpelou de maneira dissimulada e capciosa. Gaspar suspira. Depois tenta plagiar o compasso da respiração de Helena, quem sabe assim ele também pegue no sono.

No quarto ao lado, o velho moribundo, personagem daquele livro do Chico, compartilha com Heloisa lembranças de seu passado remoto na fazenda da raiz da serra, no chalé que não mais existe em Copacabana, na mansão em Botafogo, e ela, manteiga derretida como é, já terá derramado algumas lágrimas. Amanhã cedo ele contará toda a verdade às duas. E se elas não conseguirem alcançá-lo? Seus propósitos são bons, mas o mundo está cheio de gente maldosa.

Capítulo 20

Versos e pão de alho. Ambos degustados na mesma voracidade. Um pratinho barato é equilibrado de mão em mão. E de boca em boca, o pãozinho tostado se mistura às estrofes proibidas. Churrasco na comunidade tem carne temperada com funk. Um presente para o paladar e um adorno para os olhos. As mocinhas todas vêm, e os descamisados estacionam seus fuzis nas costas. Usarão as mãos para coisas mais interessantes, é festa.

"Para mim já está decidido", diz Fábio, observando a fumaça na chaminé da churrasqueira. A mesma fumaça encarregada de compartilhar o aroma com os vizinhos, os que se sustentam na virtude de um trabalho honesto e sem regalias. "Ele é o nosso cara."

"Não sei, não", Gabiru contesta. "Esse sujeito não parece confiável", conclui. Mesmo sabendo que para o chefe – o Galã Viking, aos olhos de Gaspar – seu comentário tenha o mesmo peso de um lamento infantil.

"Eu confio nele."

Gabiru não responde de imediato. Avalia o que considera imprudência em sua fala anterior. Observa, entre os convidados, duas garotas a se exibirem num rebolado sincronizado do outro lado do ambiente. Nasceram para isso, concorda com um gesto de cabeça. Ele próprio não consegue se imaginar sem um fuzil pendurado nas costas, é assim que a vontade do Criador se manifesta. Ao destino cabe a culpa de quem você se tornou. Não há como fugir da própria essência. Cedo ou

tarde, você será arrastado para aquilo que você sabe fazer de melhor, seja para o bem ou para o mal.

"Você manda, chefe", Gabiru entrega os pontos. Ele esquece as garotas e apanha uma lata de cerveja na geladeira.

"É sério, eu acho que ele vai ser muito útil."

"Você sabe a minha opinião."

"E daí?"

Gabiru entorna a latinha na boca, e só depois de quatro longos goles decide que discordará de Fábio, pela segunda vez no mesmo dia.

"E daí que se ele cair nas mãos da polícia, não dura nem vinte minutos até entregar todo mundo."

Fábio não discorda, mas também não está disposto a confirmar nada nesse sentido. Simpatizou com Gaspar.

"Insatisfeito", ele diz, após um instante.

Gabiru não tem certeza se ouviu bem. Insatisfeito? Ele? O chefe agora o qualifica como um sujeito que reclama de tudo, um chato desgostoso. Mas isso ele não é. Só não vê motivos para confiar em Gaspar.

"Não é preciso ficar me zoando, eu só acho que a gente tem que tomar cuidado onde pisa. Além do mais, eu nunca reclamei de nada", enfatiza.

Fábio sorri. Faz sinal para o sujeito que comanda a churrasqueira e logo é presenteado com suculentas fatias de carne sobre uma tábua manchada de farinha de mandioca temperada. "Não estou falando de você, não, ô Zé Mané." Enfia mais um pedaço de carne na boca antes de prosseguir. Não tem pressa em jogar um balde d'água na fogueira que acabou de acender. Gabiru faísca:

"Não é justo."

"Fica frio. Já falei que não tem nada a ver com você", Fábio ressalta. Desta vez ele deixa de lado o tom

provocativo, mas daria uma gargalhada se não estivesse de boca cheia. Cumpre com uma dedicação um tanto exagerada o processo mastigatório; e só depois ele completa: "Esse tal de Gaspar é pura insatisfação. E isso facilita as coisas."

Gabiru faz um gesto afirmativo com a cabeça, mas isso tem pouco significado prático. Já estabeleceu sua opinião sobre o novo contratado, é um "tiozão problemático", só isso. Neste tipo de negócio não há espaço para conversa fiada, o sujeito tem que mostrar do que é capaz desde o começo, tem que estar consciente de que fazer parte do movimento não é brincadeira, e que às vezes a gente morre. Mas se o chefe quer filosofar, tudo bem.

"Vi um cara na TV que dizia isso", Fábio justifica, “pessoas insatisfeitas tendem a dar menos atenção ao perigo."

Gabiru assente, não quer mais falar sobre isso. O melhor a fazer é curtir o momento e aproveitar sua tarde de sexta-feira, regada com cerveja gelada, garotas desinibidas e churrasco. Ele dá um soquinho no ombro do chefe, como quem diz: "É você quem manda, patrão!".

Fábio se contenta com o gesto e começa a circular pelo ambiente; está muito abafado ali. O lugar é formado por duas áreas, uma coberta com folhas de zinco e outra ao ar livre. Ele opta pela segunda e segue até uma mureta que delimita seu espaço, o lugar onde ninguém entra sem ser convidado. Ele observa em silêncio. Já é fim de tarde e a luz do dia começa a dar lugar a um clarão alaranjado; e mesmo assim, é possível ver dezenas de barracos e vielas sustentados por relevos irregulares, férteis à germinação da pobreza. Hoje é dia de festa, ele sabe que não corre o risco de ser surpreendido, então dá as costas ao resto do

mundo e volta a observar seus convidados. Há poucos rostos ali que ele não reconhece, mas se estão lá é porque alguém da sua equipe permitiu. Independentemente de qualquer coisa, ele é o dono da área, senhor do destino de todos os que ali estão.

Capítulo 21

Nos últimos dias, o calor tem se tornado excessivo. Gaspar adiantou sua chegada hoje. Encontra-se aconchegado em um canto do sofá, o mesmo canto que escolheu na primeira vez em que decidiu pôr os pés nesta casa. Já bebeu café num copo americano, tirou os sapatos, cruzou as pernas e agora, enquanto seu corpo transpira, ele lê as notícias através da internet em seu celular. Ele se sente em casa. Damiana, ao que parece, já compreendeu isso. A idosa reconhece que agora ele é, de fato, um membro da família, e por isso há momentos em que ela abandona todas as formalidades e não se atormenta por não fazer sala para o homem. Antes mesmo de Gaspar chegar, ela já havia varrido a calçada e regado a horta no quintal dos fundos, um local ainda ignorado pelo visitante. "Mas afinal, a que horas ela acorda para varrer a calçada?", ele se indagaria ao tomar conhecimento das tarefas realizadas pela idosa até então. E concluiria em tom de deboche: "Ao que parece, envelhecer é o mesmo que se apaixonar por calçadas sujas." Como se ele próprio ainda fosse um jovem, e não um homem com mais de cinquenta anos.

"O senhor tem certeza de que não quer mesmo uma fatia de pão?", ela insiste na pergunta que fez agora há pouco. Gaspar agradece a gentileza, mas recusa sem sequer tirar os olhos da tela do celular. Ele não está com fome. Está com calor e um pouco preocupado, mas com fome, não.

Enquanto desliza o polegar pelo site de notícias, ele pensa no Galã Viking. Ainda não se acostumou a chamá-

lo de Fábio, mas isso não é um problema, já que o termo "chefe" se encaixa perfeitamente em sua nova atividade; e é sobre uma parte dessa função que ele se preocupa agora. Ele fez apenas um "favorzinho" ao seu novo empregador, e isso foi há seis dias. Desde então, não houve mais contato, nenhuma entrega, nada.

Gaspar tem desempenhado bem seu papel como "guardião da família"No entanto, agora começa a sentir o peso do tédio. Passa parte do dia com Damiana e Jéssica, e a outra parte vagueia pela cidade sem rumo definido. Acaba descobrindo lugares interessantes, como, por exemplo, o "Bar do Seu João". Ele nunca havia percebido a existência de "vida inteligente" naquele lugar, apesar de passar em frente ao estabelecimento todos os dias a caminho de seu antigo emprego. Entrou para tomar um refrigerante. Uma hora depois, já conhecia a história de vida de pelo menos meia dúzia de bêbados. Ele mesmo não bebe, acha o vício horrível, mas descobriu um dos principais motivos que nos leva ao fundo do poço quando se trata de álcool: o fracasso no amor. Não aquele fracasso resultante do desgaste natural de um relacionamento, mas sim as desilusões amorosas fulminantes.

Gaspar compreende que em suas andanças sempre há o risco de ser visto pela esposa ou pela filha, mas ele pode improvisar uma desculpa qualquer. O que não dá mesmo é ficar o dia inteiro enclausurado na casa da idosa. Agora ele sabe que, dada a proximidade de Damiana com o Galã Viking, é pouco provável que alguém a incomode. Ele duvida que o idiota do golpe do bilhete premiado soubesse com quem estava se metendo. Gaspar sorri. Balança a cabeça e percebe que, acidentalmente, por assim dizer, foi responsável por retardar a ida de mais uma alma desgraçada para o inferno. Deve isso ao diabo.

"Meu pai quer que você dê uma passadinha lá", anuncia Jéssica, fechando a porta atrás de si. Acabou de chegar e não se preocupa em disfarçar a falta de cortesia. Ele esteve ali, sentado no mesmo sofá miserável todos esses dias, e ela, em nenhuma ocasião, se dignou a lhe dar um bom dia. Não importa se Damiana estava ao seu lado ou não, ambos eram ignorados. Ela simplesmente seguia diretamente para o quarto. Agora, com a descoberta de que Jéssica não é uma pessoa promíscua que sai todas as noites para se envolver sexualmente com seu suposto namorado, ela quer que ele se dane.

"Quando?", pergunta Gaspar.

"E como vou saber?", ela encolhe os ombros. "Hoje... amanhã... tanto faz, cara."

Claro que não. Gaspar arqueia uma das sobrancelhas. Ele sabe que se o Galã Viking quer vê-lo, não há espaço para esse "tanto faz". Ele vai imediatamente.

"Você volta para o café da tarde?", agora é Damiana quem pergunta. Suas mãos estão úmidas e ela logo as esfrega em um avental com o emblema de um supermercado local no peito.

"É difícil dizer."

Damiana não insiste. Ela vai cuidar da vida, seja lá o que isso signifique. Está em uma idade em que poucas coisas acontecem, especialmente aquelas que valem a pena. Portanto, tarefas domésticas inofensivas acabam migrando para uma lista com resultados terapêuticos. Gaspar atravessa a porta de saída. Faz isso no exato momento em que Jéssica retorna para o seu quarto.

Capítulo 22

A mãe não se importa, essa é a teoria tecida por Heloisa a respeito das atitudes de Helena. Ela percebe uma impessoalidade intrigante no modo como a mãe trata Gaspar, alheia à importância da situação. Com o celular grudado na orelha, Heloisa interrompe a ligação que faria para a mãe. Está no intervalo das aulas, é melhor descansar um pouco do que quebrar a cabeça com esse assunto. O pai é teimoso, convencê-lo a admitir que coisas ruins acontecem, como a perda do emprego, não será fácil. E daí? O mundo não vai acabar por causa disso. O que realmente preocupa Heloisa é o fato de Gaspar continuar a fingir ter uma jornada de trabalho que não existe. É difícil supor o que o pai anda aprontando por aí, mas sua intuição sugere que expectativas equilibradas não devem ser alimentadas, pelo menos não no caso de Gaspar. Ele tem esse jeito metódico, e isso pode levá-lo a atitudes inadvertidas às vezes.

Kaique, um jovem professor de Geografia cujos braços exibem traços que revelam rosas vermelhas em forma de tatuagem, acaba de devorar sua segunda banana, o que indica que em poucos minutos todos terão que retornar às salas de aula. É sempre assim, as bananas vêm por último. Não faz parte dos hábitos de Heloisa a prática de "cuidar da vida dos outros", observar de maneira furtiva a quem quer que seja. Ela não é assim. No entanto, o ambiente ali não é dos melhores e há poucas janelas, o tipo de coisa que, infelizmente, nos remete à

educação pública, onde muitas vezes a improvisação ultrapassa os limites do aceitável. Além disso, a banana não é exatamente uma fruta de consumo discreto, o aroma entrega. Mas não foi esse o motivo, não foi o cheiro. O que chamou a atenção de Heloisa em relação a Kaique foi a maneira como ele mastiga. O rapaz não come de boca aberta, justiça seja feita, mas emite um ruído tão estranho que, na opinião de Heloisa, poderia levar seu pai a um ataque de rabugice. "Isso é nojento", ele diria. É desagradável, ela admite, mas tolerável.

Outros colegas começam a deixar a sala, e ela também precisa fazer o mesmo. Tem que voltar aos alunos, cumprir sua parte na missão de mantê-los o mais distante possível da escuridão, longe das estatísticas alarmantes tão amadas pelos apresentadores de telejornais. O baixo índice de escolaridade, a falta de infraestrutura e o descaso do Poder Público funcionam como pólvora no estopim da violência, e a criminalidade se torna uma maldição quase sempre acolhedora aos mais pobres. Um tumor maligno que Deus não aprova, mas permite. Não que não haja ricos envolvidos na bandidagem, ela mesma tem testemunhado dias de arrependimento, basta acompanhar as notícias da capital. Não foi uma boa escolha o seu último candidato a deputado federal, ela admite.

Agora não há mais ninguém na sala dos professores, ela perdeu mais tempo do que gostaria imersa em pensamentos idealistas. Ajeita sua bolsinha no ombro, abraça o material didático e se apressa. O pai vai ter que esperar. E a mãe também.

Capítulo 23

Sempre que Gaspar pensa no assunto, é tomado por um certo desconforto. Tem sido chicoteado pela sensação de que há uma lacuna entre suas expectativas de vida e o que ela tem se tornado de fato. Viver é como assistir a um show de mágica; caso você não perceba o momento exato do truque, pode passar mais tempo do que deveria na ilusão.

Uma vida feliz e vazia, há quem se dê bem com ela. Ele é um homem de princípios e sempre tentou fazer a coisa certa, mas começa a suspeitar de que o mundo prefere abraçar pessoas tortas.

Gaspar acaba de fazer sua primeira entrega de um total de quatro, o que pode significar o prelúdio de um dia tranquilo. Talvez. Sua conversa com o Galã Viking até que foi amistosa também. "Preparado para mais um dia de alegria e correria?", foi o que ele perguntou, antes de separar pessoalmente cada um dos três pacotes a serem entregues. Para ser sincero, Gaspar esperava mais de seu novo chefe. Até onde ele sabe, graças a filmes e séries sobre o tema, esse tipo de gente costuma ter pavio curto e pode acabar com a vida de alguém num estalar de dedos. Agora há gritos a sacudirem seus pensamentos. Pertencem ao sujeito do vídeo da semana passada. Por hora, a possibilidade de alguém ser incinerado vivo parece-lhe o auge da crueldade e bizarrice humanas. Que animal poderia ser tão atroz com outro da mesma espécie?

Ele chega a mais um dos endereços indicados pelo chefe. Fez isso no piloto automático, como dizem por aí. Atravessou vários quarteirões sem se dar conta de que seus pensamentos insalubres sugavam uma atenção que deveria estar nas ruas precariamente asfaltadas, no ato de conduzir seu Fusca Itamar com alguma responsabilidade. "É por isso que tem muita gente se dando mal por aí", ele pensa. São corrompidos pela frágil comodidade de uma vida no automático, e isso o mundo não perdoa. Esse mesmo pensamento o arrasta para uma breve reflexão sobre a própria vida. Desde quando ela foi posta no modo automático? E de quem é a culpa? Não que isso faça alguma diferença agora, mas ele gostaria de saber em qual bifurcação optou por apostar no destino, em vez de tomar as rédeas de sua própria existência.

Ele desce do carro, alcança o celular no bolso da calça e confirma a numeração cravada na fachada do prédio do outro lado da rua. São números imponentes e, em sua modesta opinião, modernos demais para a construção.

É um prédio antigo com detalhes extravagantes, um operário com um Rolex no braço. Gaspar ergue a cabeça e encara o terceiro e último andar. Seu segundo destinatário do dia mora lá. Prédios desse porte não costumam ter elevadores, então ele vai ter que enfrentar uma escadaria. Tudo bem. Ele dá uma corridinha desajeitada até alcançar a outra calçada e pressiona no interfone o número correspondente ao apartamento quatro.

Exceto em horários de pico, o tráfego aqui na área central da cidade não é lá grande coisa, mas o conceito de piloto automático ainda o assombra.

"Pode falar", diz a voz do outro lado.

"Encomenda", Gaspar exclama, no tom cauteloso que a situação exige.

A fechadura eletrônica é destravada e a porta se abre. Ele vence os trinta e nove degraus com menos dificuldade do que presumia, há o peso da idade e ele não negligencia isso. Passar dos cinquenta anos sem a prática regular de uma atividade física tem seu preço, então o fato de ele não estar com os pulmões em colapso o induz a se considerar um sujeito de sorte.

Diante da porta do proprietário de um dos seus pacotes, Gaspar ajeita o cabelo com as pontas dos dedos antes de apertar a campainha. Não é necessário pressionar o dispositivo pela segunda vez, alguém já está girando a chave na fechadura. Gaspar lança olhares discretos para outros apartamentos, não quer ser visto ali. Quanto menos contato com estranhos, melhor. A porta é aberta. No entanto, ao visualizar o rosto de Gaspar, um rapaz arregala os olhos e se apressa em tentar fechá-la novamente sem sequer pegar o pacote. Gaspar usa o corpo para evitar que isso aconteça.

"Não é para mim", diz o rapaz, apavorado.

Gaspar está diante do namorado de sua filha. A situação é tão perturbadora que ele não sabe o que dizer. Heloisa está namorando um negro, que ainda por cima é *"usuário"*. Isso já é demais para ele.

O jovem reluta, quer se livrar do visitante, quer forçá-lo a desobstruir o caminho, por isso reúne todas as suas forças e obriga Gaspar a retroceder.

É uma queda de braço. O rapaz sabe que o vigor da idade talvez seja um ponto a seu favor, então, entre um gemido e outro, ele continua empurrando seu oponente, querendo obrigá-lo a desaparecer dali. Mas Gaspar está decidido a resistir, embora esteja perdendo terreno.

Agora, o único obstáculo que impede a porta de ser fechada por completo é seu pé esquerdo, cuja precariedade da suposta proteção oferecida pelo calçado é revelada da pior maneira possível: pela intensidade crescente de uma dor aguda e quase insuportável.

"Já disse que não é para mim", insiste o rapaz, enquanto usa o ombro para dar solavancos e espremer ainda mais o pé de Gaspar contra o batente.

"Conta outra", ironiza Gaspar. Ele está ofegante e irritado. O cara que beija sua filha nos fins de semana é o mesmo que agora tenta triturar os ossos do seu pé; e é também o mesmo sujeito que faz encomendas suspeitas ao Galã Viking. Puta merda. A filha merece alguém melhor, ele sempre disse isso.

A dor no pé só aumenta, e ele está justamente tentando calcular quanto tempo ainda resistirá a esse inferno quando é surpreendido pelo ruído feito por alguém ao abrir a porta de um dos apartamentos. Uma senhora baixinha e com cara de mau humorada passa por ele. Ela tem no colo um desses cachorrinhos de *madame* e não parece disposta a compartilhar sua atenção com o resto do mundo. Se há um impasse na porta do vizinho, ela não quer saber.

Alheio ao desinteresse da idosa, Gaspar retrocede e permite que seu candidato a genro bata a porta diante de seu nariz.

Um cordial aceno de cabeça e um sorriso são oferecidos por Gaspar, mas a idosa o ignora. Ela continua acariciando o animalzinho que tem no colo.

"Essa aí vai demorar uns três dias até chegar lá embaixo", Gaspar pensa, sem se preocupar se está sendo etarista. Mais um adjetivo que Heloisa atribuiria a ele se tivesse a oportunidade.

Assim que a mulher desaparece escada abaixo, ele começa a esmurrar a porta. "É melhor abrir", adverte, "ou as coisas vão piorar para o seu lado". A resposta não vem, então Gaspar aumenta a intensidade dos golpes. Há uma fúria crescente em seus movimentos. O justo seria que seu punho encontrasse o queixo do desgraçado, mas o sujeito não tem coragem de mostrar a fuça.

A exposição é uma roleta-russa, pode acabar com a reputação de ambos. Então, Gaspar aposta na possibilidade de que a porta à sua frente não permaneça fechada por muito tempo. Não vai demorar até que algum vizinho mais temperamental se anime a cobrar o motivo de tanto barulho. Qualquer explicação corre o risco de ser constrangedora e pouco convincente.

A porta é aberta e Gaspar é puxado para dentro.

"Não quero nenhuma confusão para o meu lado", diz o namorado da filha, enquanto fecha a porta com a mesma afobação com que a abriu.

"Eu devia era quebrar a sua cara", retruca Gaspar.

Não há evidências de que a frase tenha causado o impacto desejado, já que o rapaz ignora a ameaça e apenas estende o braço, indicando que o visitante se acomode num sofá logo adiante. Há um leve burburinho lá fora, no corredor. Duas ou mais pessoas, não dá para precisar.

Gaspar lança um rápido olhar de desprezo pelo ambiente, atravessa a pequena cozinha e para de pé diante do estofado, tem as mãos na cintura, está convencido de que merece uma resposta. Foi seguido de perto pelo dono do apartamento, que também dispensa o assento. Um está de frente para o outro e ambos concordam que muita coisa tem de ser explicada.

"É para um amigo meu", o rapaz insiste.

"Melhor nem tentar", Gaspar diz, resoluto. Sua respiração é perceptível. Ele expulsa o ar das narinas como um touro a encarar a flanela vermelha nas mãos do toureiro, com seu traje de *luces* e postura ereta, disposto a tudo para no fim exibir a espada de onde virá o golpe de misericórdia. "Pense bem no que vai dizer, ou eu não respondo por mim."

O rapaz pondera por um instante. Esfrega o polegar e o indicador no queixo. Está, a um só tempo, sendo devorado pela dúvida e pela impaciência. Ele se senta. E após um breve suspiro diz:

"Tá, o pacote é meu. E daí?"

Gaspar também se acomoda no sofá. A admissão da verdade não tem nada de reconfortante, mas ainda é melhor do que ser tido como um idiota, um "bundão" disposto a engolir qualquer conversa fiada. "E daí, que eu devia te dar a surra que os seus pais não te deram", ele diz.

"Cara, são só alguns baseados. Não sei por que tanto drama."

Gaspar faz menção de rir. O que nem de longe poderia ser interpretado como um gesto amistoso. É apenas a ironia a flertar com os pensamentos de um homem vivido, alguém acostumado a todo tipo de "*filhadaputisse*". Trepar com a sua filha já não é mais o suficiente, agora o sujeito o chama de "*cara*", uma gíria dedicada aos *brothers*, não é isso? Acabam de ser promovidos ao status de melhores amigos. Podem muito bem sair dali e dar um pulinho no boteco da esquina para jogar conversa fora e tomar umas geladas. Ele e o negro, juntos. Só faltava essa!

"Ela vai saber disso!", Gaspar diz. Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas é interrompido pelo

som prolongado da frenagem de um carro na rua. Motoristas desatentos ou ousados. Esses dois tipos estão por toda parte.

"Você sabe que não pode fazer isso, né?" A frase do rapaz brota com a mesma suavidade de um conselho de mãe, e isso não agrada seu visitante.

"Pode acreditar que eu posso". Gaspar meneia levemente a cabeça, quer enfatizar seu tom ameaçador. "Não só posso, como vou fazer", completa.

"Não me diga."

"Sim. Ela vai saber ainda hoje com que tipo de sujeitinho desclassificado ela acabou se metendo."

Gaspar não quer mais conversa, já disse tudo o que tinha para dizer e já ouviu bem mais do que gostaria. Por isso, antes mesmo de terminar a frase, ele levanta-se e caminha em direção à porta.

"Você é engraçado", o rapaz provoca.

Gaspar o ignora e estende a mão para alcançar a maçaneta da porta, não tem mais tempo a desperdiçar.

"Tô até imaginando a cena", o ex-futuro genro segue a atiçar, "você tendo que explicar como descobriu o meu segredinho, e como se tornou um 'inocente' entregador de pacotes."

"Na minha casa você não entra mais". Gaspar replica. Parece não ter entendido o grau de complexidade da sua situação. Ele abre a porta e dá de cara com uma mulher e duas crianças – um pirralho de uns três ou quatro anos e uma menina que deve beirar os onze anos –, são moradores do prédio. Ele espera até vê-los entrar no apartamento seis.

"Cai na real, amigo", diz o rapaz ao se aproximar de Gaspar, revelando uma confiança ainda maior do que antes, “estamos ambos no mesmo barco.”

"Filho da puta!", exclama Gaspar enquanto caminha em direção às escadas.

A imagem do namorado da filha, cujo nome ele nem se lembra ou sequer fez questão de saber, assombra Gaspar até sua última entrega do dia. Na verdade, o que o incomoda é essa sensação de estar nas mãos do rapaz. Sim, porque agora seu potencial genro sabe mais do que deveria e já demonstrou estar disposto a usar isso contra ele. Uma carta na manga. Crucial e decisiva quando for revelada sobre a mesa.

As duas últimas entregas ocorreram sem nenhum incidente. Gente desconhecida, como deveria ser. Como ele poderia imaginar que encontraria o namorado da filha no meio do caminho? Sua intuição já o tinha alertado sobre o fato de o rapaz não ser uma boa escolha para Heloísa, mas nunca lhe ocorreu que o sujeito pudesse estar envolvido com esse tipo de coisa.

Gaspar ainda não sabe como, mas terá que resolver essa situação.

Capítulo 24

Gaspar come em silêncio. O macarrão com frango está ótimo, e já faz algum tempo que Helena não prepara um dos pratos preferidos do marido. Não que ele não goste, mas a carne assada na churrasqueira ainda é a campeã dos fins de semana, especialmente na hora do almoço. Talvez o macarrão dominical de hoje seja uma obra do acaso, e nada ali tenha sido arquitetado com a intenção de agradá-lo. De qualquer forma, a descontração entre a esposa, a filha e o namorado dela pareceu convincente até o momento. Já falaram sobre diversos assuntos e riram de piadas sem graça, mas isso, no que diz respeito a Gaspar, não quer dizer nada. Ele sabe que o sujeito sentado ao lado de Heloisa não o tem com a mesma isenção de antes. Agora, a tolerância entre os dois está fora de questão. Qualquer fagulha levará inevitavelmente à combustão.

"O almoço estava perfeito hoje", o rapaz diz e sorri.

Para Gaspar fica claro que o elogio não é o que parece, a provocação salta de uma sílaba a outra. Por isso, ele toma a dianteira e responde:

"Fico feliz que você esteja tão à vontade."

"Não era para estar?"

"Tenho para mim que o cinismo é uma escolha pouco inteligente numa argumentação", diz Gaspar no momento em que se levanta e sai da mesa. Ele não quer levar essa conversa adiante. Reconhece que está em desvantagem e sabe que qualquer frase mais enérgica pode pôr tudo a perder. Compreende que entre seus favores ao Galã Viking e o famigerado hábito do sujeito à

sua mesa, a lei reserva caminhos mais espinhosos para o primeiro. De cinco a vinte anos de reclusão, foi o que ele viu alguém dizer num desses programas de fim de tarde na televisão onde a morte é sempre a atriz principal. Já o segundo, levaria um puxão de orelha do juiz e no máximo prestaria algum tipo de serviço à comunidade, é assim que funciona. Gaspar sabe que, mesmo levadas em consideração suas boas intenções e primariedade, ele ficaria pelo menos uns doze anos fora de circulação. Mas ele não é assim, só está sendo gentil e fazendo alguns favores, faria isso por qualquer pessoa. Apesar de saber que há pessoas intolerantes em relação a respostas negativas, e o Galã Viking é uma delas.

"Pai, eu não entendo porque você insiste em continuar implicando com o Mateus", Heloisa entra na conversa. Não há condenação em seu tom de voz, ela só quer que o pai pare de perseguir o namorado, não faz sentido ficar pegando no pé dele desse jeito.

A resposta de Gaspar dispensa palavras, vem em forma de sorriso. É um daqueles sorrisos de quem se surpreende ao pensar algo esdrúxulo. Então, é isso, Mateus é o nome do sujeito que ameaça chantageá-lo só para seguir a se esfregar em sua filha. Mateus, um coletor de impostos que se tornou um dos doze apóstolos de Jesus, cujo nome tem um significado emblemático: "Oferta de Deus". Ali, naquele momento, Gaspar conclui algo que muitos pais preferem ignorar ao apresentar seus rebentos ao mundo: nomes bíblicos não garantem a integridade moral de quem os recebe. Ele próprio chega a essa constatação sem se dar conta de que carrega a assinatura de um dos três personagens que se dispuseram a visitar e a presentear Jesus logo após o seu nascimento, os reis

magos, cuja história, sem muitos detalhes, é narrada na Bíblia exclusivamente no Evangelho de Mateus.

"Tanto faz", Gaspar responde, enquanto interrompe o curto trajeto que o levará à parte externa da casa. Por um instante, ele desvia o olhar para sua esposa. Uma morta-viva à mesa. Inanimada pela promessa esquálida de uma felicidade virtual. Mantém o garfo quase em riste a flutuar no ar. E o simples ato de mastigar parece ter assumido o mesmo compasso de seu polegar ao deslizar na tela do celular. A menção de um sorriso aqui, uma mastigada ali, e a dor de viver fica para trás, é anestesiada por esse mundo luminoso e perfeito.

"Além do mais, a gente já sabe de tudo", Heloisa diz. Agora ela tem ao seu lado um namorado mais surpreso do que confiante. A incredulidade do rapaz não evita que seu sorriso debochado evapore instantaneamente, dando lugar a um leve traço de preocupação. A preocupação de quem sabe que vai ter que encontrar uma maneira de tirar o seu da reta. Gaspar volta a encarar os dois, já desistiu de abandonar o ambiente, seu segredo foi descoberto. Até sua esposa parece ter emergido das profundezas tecnológicas e agora dedica uma atenção exagerada ao teor da conversa. "Quando é que você ia contar para a gente?", questiona por fim a moça.

Gaspar pigarreia, não sabe por onde começar. Não sabe nem se deve começar. Ele enfia as mãos nos bolsos da calça, mas as recolhe em seguida e cruza os braços. Não existe uma posição cômoda nessas horas, e seja lá o que ele tenha a dizer, será alvo de julgamentos precipitados, assim como para todo mundo. As pessoas sempre têm uma opinião formada sobre a desgraça alheia.

"Eu sinto muito", ele diz. Mas não sente. Foi o que se pôde arranjar. É apenas uma frase genérica, dessas que se encaixam em qualquer pedido de desculpas precário.

"Por que não contou antes?", a moça insiste.

"O que você quer que eu diga?"

"A verdade."

Gaspar volta a se aproximar da mesa. A cena do almoço dominical em família parece ter sido congelada no tempo. Não há mais o ritmo do tilintar dos talheres, e os poucos alimentos que ainda permanecem nos pratos são como pedras no deserto. Ninguém respira até que uma resposta seja apresentada. Ele mesmo sente a necessidade de ar. E seu estômago ameaça revirar-se sempre que ele dirige o olhar ao homem abraçado à sua filha.

"Tudo o que tenho feito é com as melhores das intenções. Não vejo nada de mais em querer ajudar as pessoas."

"Pai, não adianta querer desviar o assunto", Heloisa soa propositalmente maternal, "eu já descobri tudo". Ela o encara com firmeza, mas sem perder de vista a ternura e o respeito que sempre cultivou pelo pai. "Sabemos que você foi mandado embora do emprego, e tudo bem, o mundo não vai acabar e isso não é nenhum monstro de sete cabeças. O que chateia é o fato de você não ter contado nada pra gente e ainda por cima inventar de sair todas as manhãs fingindo ir para um emprego que não existe mais". Ela mantém o mesmo tom comedido do começo ao fim do discurso. "Pelo amor de Deus, isso não se faz!"

Gaspar desvia o olhar. Não é por medo de encarar a filha, ele só está tentando calcular o estrago. Heloisa não citou nomes, e isso pode ser um bom sinal.

"A vida é injusta", ele diz.

"Não, pai. Não é a vida, são as pessoas que são injustas."

"Dá no mesmo."

"Todo mundo, em algum momento da vida, pode cometer injustiças ou abusar da insensatez", Heloisa pondera. "Olha a maneira como você trata o Mateus, por exemplo."

Gaspar sente seu rosto pegar fogo, está muito incomodado. Esse sujeito não vale nem dez por cento do que a filha está vendendo. O certo seria entregar o sujeito, mostrar quem é quem, mas isso incluiria a ele próprio.

"Não vale a pena", ele diz, percebendo que a conversa já deixou de ser interessante à esposa, ela está de volta ao mundo virtual. "Não vale a pena dedicar sua vida a qualquer porcaria de empresa", conclui.

"É o mercado, pai. Todo dia tem gente sendo contratada e gente sendo demitida. Normal isso."

"E o que é que eu devo fazer com o sacrifício de, muitas vezes, ter que ir trabalhar com febre, doente, com problemas particulares explodindo minha cabeça?... O que eu devo fazer com tudo isso?... Enfiar no cu?". O palavrão escapuliu. A filha não merece ouvir isso; e ele não é esse tipo de pai, tem que manter o controle sobre o que diz.

"A verdade é que ninguém liga pra isso, pai", Heloisa diz. "Tanto faz se você entrega sangue, suor ou lágrima, tudo é pago no salário. No capitalismo não tem essa história de envolvimento emocional."

Gaspar está muito irritado para admitir que apostou alto demais em seu sonho de assalariado. E como em toda aposta, a possibilidade de perdas deve ser observada. A vida pode se revelar um jogo um tanto complexo para quem a subestima ou ignora os riscos. Gaspar está decepcionado com o desfecho que a vida

rascunhou para ele em troca de seus dias de luta. Mesmo assim, ele abre um sorriso que apenas mais uma pessoa naquela mesa é capaz de entender. Algum alívio se estabelece na fisionomia de Mateus. Ela, a filha, até agora reclamou apenas da irresponsabilidade do pai na omissão sobre a perda do emprego, o que sugere uma espessa cortina de fumaça a envolver todos os fatos obscuros ocorridos até o momento. Por enquanto, Gaspar está a salvo. E o candidato a genro também.

"Vou ver o que faço da minha vida", ele diz.

"Não tem com o que se preocupar, pai", a moça responde. "Pode contar com o Seguro Desemprego, e tem também os direitos trabalhistas até arranjar outro emprego, algo que possa garantir sua contribuição para a Previdência até o momento de se aposentar. Além do mais, lembre-se de que estamos do seu lado, sempre", ela abraça o namorado e olha para a mãe.

Gaspar sorri. Está, de certa forma, aliviado. Mas enquanto caminha em direção à parte externa da casa, ele resmunga para si próprio uma parte da fala da filha: "Estamos do seu lado". Balança negativamente a cabeça. Ele e o negro?... Do mesmo lado? É muita sacanagem.

Do lado de fora, já próximo à edícula, ele sente o cheiro da carne assada que vem da churrasqueira no quintal do vizinho.

Capítulo 25

Essa será uma semana diferente das anteriores, mais leve. Gaspar sente-se mais à vontade com alguns de seus antigos dilemas. Não teve que esmurrar o namorado da filha por ele ter insinuado que abriria o bico sobre suas novas atividades, não precisa mais se preocupar com o fato de ter sido demitido, pode sair e voltar para a sua própria casa quando bem entender, sim, porque antes havia a encenação de horários pré-determinados, cumpridos em nome de um emprego inexistente. Agora ele está livre. Explicou, com direito a eximir-se de qualquer culpa, como havia se dado o seu desligamento da empresa em que trabalhava, apresentou suas razões – sempre amparado pela palavra "brio" – para ter simulado sua rotina operária e aproveitou para justificar suas futuras ausências sob o pretexto de "estar em busca de uma nova colocação". E, com isso, todo mundo ficou satisfeito.

Gaspar cruza o portão de entrada da casa de suas tutoradas e cumprimenta a vizinha da direita oferecendo-lhe um sorriso um tanto exagerado. Ela, por sua vez, o ignora. Continua a ser o mesmo pervertido de sempre.

Ao ter a porta aberta pela idosa, Gaspar se depara com uma Damiana em prantos. Ela não para de soluçar e as palavras que saem de sua boca são entrecortadas e caóticas, distantes de qualquer compreensão. Ele só esteve fora durante o fim de semana, mas parece ter sido o suficiente para o mundo da idosa ruir.

"Tente ficar calma", ele diz, enquanto se esforça para conduzir a idosa até o velho sofá. "Consegue me dizer o que houve?"

"A minha...", ela soluça e as lágrimas vertem,insistentes. Aquele rosto, já com tantas linhas provocadas pela erosão do tempo,é uma tarde fria e chuvosa de outono. "A minha menina... A Jéssica... Eles levaram a minha menina... Querem fazer mal a ela", a idosa conclui.

"Quem quer fazer mal a ela?"

"Eles". A idosa tira do bolso um lenço de tecido todo amassado e o usa para assoar o nariz.

"A senhora precisa ficar calma, senão eu não consigo ajudar. Quem quer fazer mal à Jéssica?"

"Eu não sei", responde Damiana.

Gaspar vai até a cozinha e retorna de lá com um copo d'água na mão, precisa acalmá-la. Do contrário, é perda de tempo. A porta principal ainda está aberta. Com o susto, não houve tempo para isso. Gaspar vai rapidamente até ela e a fecha. Nas outras vezes, nunca precisou se preocupar em trancá-la, mas agora ele dá duas voltas na chave, só por garantia.

"A senhora sabe que eu quero muito ajudar", Gaspar diz. Agora ele está de cócoras em frente à idosa, tem as mãos pousadas sobre as mãos dela, quer transmitir a segurança necessária para que Damiana se recomponha e possa desenvolver uma linha de raciocínio minimamente coerente. "Mas preciso que me conte tudo o que aconteceu, desde o começo", conclui.

"Eles levaram a minha menina."

"Isso a senhora já disse", Gaspar esboça uma leve impaciência, mas sabe que a situação exige autocontrole e serenidade, especialmente da parte dele. O silêncio é

mantido por alguns segundos, e logo ele volta a insistir: "Não tenho como ajudar, se não souber direitinho tudo o que aconteceupor aqui. Alguém invadiu a casa e sequestrou ela, é isso?"

"Não", a idosa chacoalha a cabeça em negativa. "Um dos meninos veio me avisar."

Gaspar não devia, mas está surpreso com a declaração. Talvez até mais que isso. Está temeroso pelo que Damiana possa vir a dizer a partir de agora. A ele, o fato de tomar conhecimento dos detalhes acerca do desaparecimento da garota, implica assumir uma postura austera e digna do sofrimento da idosa. Se ele vai saber o que houve, terá de ajudar. Não poderá voltar atrás. E se "um dos meninos" veio avisá-la, Gaspar deve ponderar algumas coisas importantes. "Os meninos", aos quais a idosa se refere, são os mesmos descamisados que dão proteção ao Galã Viking, o homem cujo acordo inicial fora alicerçado numa declaração inconsequente feita pelo próprio Gaspar, seu desejo anormal de ser parte da família e cuidar da moça e da idosa. Agora, diante do que pode ter ocorrido, ele já considera que "cuidar", é uma coisa, fazer "segurança armada", é outra. Ele senta-se no sofá, ao lado de Damiana. Tem os cotovelos apoiados nos joelhos e os polegares encaixados no queixo.

"Quando", ele pergunta.

"Quando o quê?"

"Quando a senhora ficou sabendo disso?"

"Ainda agorinha, um pouco antes de o senhor chegar", Damiana segue a soluçar, mas já não há mais lágrimas em seu rosto. "Mas parece que o ocorrido foi no sábado à noite", ela conclui.

Gaspar suspira e chacoalha levemente a cabeça.

"O Fábio pediu que um dos meninos viesse me avisar", ela recomeça. "Meu Deus! Nunca imaginei uma coisa dessas, a pobrezinha desaparecida por aí. Essa gente é cruel demais. O senhor precisa encontrar ela pra mim, tem que fazer isso por mim, promete?"

Gaspar espalma as duas mãos nas próprias coxas e põe-se de pé. Está tão atordoado com apergunta da idosa que leva algum tempo até fazer a conexão entre o nome "Fábio" e o Galã Viking. Não está habituado a pensar nele com esse nome.

"Vou fazer o que eu puder para ajudar a encontrá-la e trazê-la de volta."

"O senhor promete?"

Ele meneia a cabeça. Não acha justo verbalizar algo que talvez não possa cumprir. Está acostumado a ver na TV como situações dessa natureza podem terminar. Infelizmente, ele não pode prometer nada.

Capítulo 26

Gaspar arregala os olhos enquanto, aos poucos, o ar vai se esvaindo de seus pulmões. Ele não consegue respirar. Seu corpo está quase suspenso do chão e literalmente prensado contra a parede. O Galã Viking tem sua mão direita em posição de soco e a esquerda esmagando a garganta de Gaspar, bloqueando suas vias aéreas.

"Eu devia era esfolar essa sua cara", diz o Galã Viking.

"Mas eu não tive culpa..."

O som emitido por Gaspar é um fiapo, quase inaudível. Ele luta para continuar a respirar e tenta de alguma forma se desvencilhar, mas o faz com cautela, evitando ser deliberadamente agressivo ou afrontoso. Procura não pensar no pior, pois, se o Galã Viking quisesse mesmo matá-lo, já o teria feito.

"Não foi você quem ficou me enchendo o saco com uma ladainha de que cuidaria delas?", o Galã Viking reduz a pressão exercida sobre a garganta de Gaspar, mas continua a encará-lo de frente, olhos nos olhos.

"Mas não era dessa forma."

"E de que forma você achou que seria?"

A essa pergunta, Gaspar não sabe responder. O que ele queria, afinal? O que poderia ter passado por sua cabeça quando cismou que faria parte da família da idosa? Damiana, Jéssica e um intruso bem-intencionado. Mas ele já não tem família? Uma família à beira do naufrágio? Seu desejo subversivo e insensato de habitar o mundo de Damiana e a neta postiça o arrasta para algo próximo à obscenidade, é o que diz a opinião pública e não a

dele.Agora ele se divide entre seguir adiante com seu propósito ou voltar à realidade de uma existência insignificante. Ainda que ele saiba que optar pela segunda hipótese implicaria abrir mão inclusive da insignificância, já que sua funcionalidade se perderia sem uma existência, e o Galã Viking não é o tipo de homem que tolera ser contrariado.

"Posso ajudar, se você quiser", Gaspar diz. E só agora percebe que para sua cabeça, além da possibilidade do soco, há também um fuzil apontado. É um dos descamisados, provavelmente o homem de confiança do chefe, o mesmo sujeito que o acompanhou com os olhos desde que ele se aproximou da casa, agora há pouco. Para Gaspar, o soco parece mais assustador que o fuzil.

"Você vai, sim", o Galã Viking retruca. Ele libera o colarinho de Gaspar e o empurra até um cômodo reservado, um escritório. O fuzil o acompanha. É um lugar ainda mais insalubre que a sala. "Apesar de bundão, você pode ser útil."

"Não quero ser intrometido, mas como foi que isso aconteceu?", Gaspar escolhe com cuidado as palavras, como quem conversa com um padre.

O Galã Viking indica uma cadeira ao "convidado", enquanto ele próprio ocupa uma imponente poltrona atrás da mesa. Faz um sinal para o segurança. E em poucos segundos, o descamisado assume uma posição militar ao lado da porta, o dedo estendido sobre o gatilho do fuzil que agora aponta para o chão.

"É o desgraçado do Curuca", o Galã Viking afirma, "isso é coisa dele". A frase não se enquadra como resposta à pergunta de Gaspar, mas ele não vai contestá-la. E esse tal de Curuca, ele não faz ideia de quem seja. "Ontem à noite", o Galã Viking complementa, "homens armados

sequestraram ela logo na entrada da comunidade, foi o que disseram algumas testemunhas. E gente daqui não mente para mim."

"E quem é esse Curuca?"

"O babaca que comanda o movimento lá na 'Pedra do Boi'. O cara tá de olho gordo na minha área, é mole?". A atenção do Galã Viking não está mais em Gaspar, e sim na tela do celular. O polegar deslizando para cima e para baixo. "Carlos Curucaia, é o nome do playboy". Ele faz uma pausa abrupta e projeta seu braço até que a tela do aparelho fique a menos de meio metro do nariz de seu interlocutor. "É esse sujeito aqui, ó, conhece?"

Gaspar observa a foto com atenção. Aquele rosto ele nunca viu, mas já ouviu falar sobre a comunidade citada pelo Galã Viking. A "Pedra do Boi", até onde se sabe, pois parece não haver fonte oficial, é uma vila criada a partir de invasões a uma área de encosta abandonada pelo poder público. No início dos anos 1990, alguém acreditou que era uma boa ideia construir um barraco lá. Até hoje tem gente apostando nessa mesma ideia. O resultado é o mesmo de tantas outras cidades espalhadas pelo país: miséria e criminalidade. O nome "Pedra do Boi" vem de uma pedra gigante que ameaça despencar do topo do morro. A rocha tem um formato que lembra a cabeça do animal. Por enquanto, pelo menos nesse quesito, a providência divina tem funcionado. Atualmente, o que chama a atenção não é mais a pedra, e sim as dezenas de barracos que seguem a se equilibrar no improvável.

"Não sei quem é", Gaspar responde.

"Isso não importa."

"E o que você pretende fazer agora?"

"Invadir aquela porra e matar todo mundo."

"Mas... tem pessoas decentes e trabalhadoras que também moram lá", Gaspar argumenta. “Gente de bem. Gente inocente."

"Não me diga!", o Galã Viking zomba. "Eu tô falando de gente metida com o movimento, otário."

Gaspar tem se sentido bastante incomodado com os adjetivos atribuídos a ele até o momento. Ele compreende a situação, a filha do cara foi raptada e tudo mais, mas ser achincalhado a cada cinco minutos é algo frustrante até para os padrões de submissão a que ele está habituado. Bundão?... Otário?... Já não basta a lista de adjetivos criada por sua própria filha, agora mais essa.

"Pode ser perigoso para ela", Gaspar diz.

"O quê?"

"Pode ser perigoso para sua filha, se você e sua gente entrarem lá para matar todo mundo."

"Eu e a minha gente?"

Gaspar silencia. Ele disse algo que não devia? Não foi isso o que o Galã Viking falou agora há pouco? Matar todo mundo? "Só acho que isso vai colocar a vida da sua filha em risco", ele observa.

"Você vai junto", O Galã Viking determina. "E sobre a Jéssica", ele faz uma pausa longa e emblemática, enquanto fixa o olhar num ponto imaginário da sala, "eu vou cuidar pessoalmente para que cada um dos envolvidos em seu desaparecimento sinta bastante dor e morra bem devagar". As duas últimas palavras vêm propositalmente prolongadas e carregadas de uma densidade tão sinistra que Gaspar evita pensar no que ele vai ter de lidar daqui para frente. "Esse, meu camarada", o Galã Viking prossegue, "é o tipo de negócio onde não existem pedidos de resgate a reféns". Gaspar arregala os olhos. "Mas a morte dela vai custar caro. Isso eu garanto!"

O ideal seria se Gaspar pudesse prestar seus votos de solidariedade ao pai da jovem falecida e, em seguida, sumir dali sem ter que assumir o peso das mortes e sujar as mãos no rio de sangue que se anuncia. Mas isso está fora de questão. Ele está envolvido até os ossos. A imagem de Damiana agora é uma maldição com a qual ele terá de conviver até o túmulo. Em prantos, ela sempre vai querer saber: "O senhor promete?"

"Pensa comigo", Gaspar sugere, no que considera um raciocínio lógico, "é possível que ela ainda esteja viva. Talvez esse tal de Curuca queira usá-la como moeda de troca."

"Troca de quê?"

Se as circunstâncias fossem outras, Gaspar daria o troco e o chamaria de 'seu burro idiota', afinal, que pergunta é essa?

"Do domínio aqui da sua área, obviamente!"

O Galã Viking não gostou nem de ter ouvido a palavra "obviamente", nem do tom usado nela, por isso, volta a encará-lo. Não há nada além do desdém em seus olhos. É como se Gaspar fosse uma criança a falar besteiras desmedidas. Alguém incapaz de compreender o mínimo.

"Não é assim que funciona", ele diz. "Se alguém está de olho na sua área, não manda recado, simplesmente vai lá e toma. É tudo resolvido na bala. Esse é o tipo de negócio onde a morte é o seu mensageiro. Aliás, você se lembra daquele cara do vídeo?"

Quem não lembraria? Aquela pilha de pneus em chamas ocupa um lugar vitalício na memória de Gaspar.

"Sim. Quem era ele?"

"Um recado."

"Como assim, um recado?"

"Aquele camarada lá era um informante duplo", o Galã Viking diz. Atirava para os dois lados. Dava moral 'pros polícia' e também repassava para o Curuca tudo o que acontecia aqui na minha área. Pretendia foder a gente dos dois lados, sabe? Era o BOPE batendo aqui quase todo dia, esculachando moradores, dando tapa na cara de trabalhador, torturando neguinho inocente; enquanto isso, o Curuca assistia a tudo pela televisão, esperando a minha casa cair para poder dar as caras por aqui. Pedi para uns parceiros meus levantarem a ficha do Maykon, o cara do vídeo, e descobri que o que acabou com ele foi sua própria ambição. O Curuca tinha prometido a ele que, com a minha queda, o garoto seria seu braço direito por aqui. É a vaidade do sujeito que fode tudo. O pior é que o moleque cresceu aqui na comunidade. É claro que não me agrada ter que fazer isso com um dos nossos, mas o recado tinha que ser dado."

Gaspar tenta imaginar a idade do garoto eleito para a cremação compulsória. A que sonhos ele teria abdicado em nome de um poder ilusório, onde o sujeito raramente tem a oportunidade de alcançar seu quadragésimo aniversário?

"Entendeu agora o significado da palavra 'recado' por aqui?", o dono da casa questiona. "E sobre o sumiço da Jéssica", ele faz uma pausa e engole em seco, "infelizmente foi um recado enviado para mim."

Pronto. Agora Gaspar já sabe do que se trata o vídeo, mas preferiria não saber. Ele não está preparado para isso. Na verdade, ninguém está. Alguns momentos da vida pedem a ignorância como princípio único da longevidade. Há menos de um mês, Gaspar não passava de um sujeito comum, levando uma vida sem graça, porém sossegada. E agora ele está aqui, prestes a pôr sua

ex-vida medíocre em risco, diante de um homem que fala da possibilidade de praticar um extermínio com a mesma naturalidade de quem vai a uma padaria comprar um bolo de aniversário.

"Vai ser hoje às nove da noite", o Galã Viking exclama, no momento em que se levanta e meneia a cabeça indicando que Gaspar deve sumir dali. "Vá para casa e fique atento", ele complementa. "Mas antes, dê uma passada lá na Damiana e tente prepará-la para o pior, nunca se sabe."

Gaspar abandona a comunidade com o "nunca se sabe" na cabeça. Uma expressão que, na opinião dele, deveria ser banida para sempre. Nenhum discurso motivacional resiste a um "nunca se sabe" no final.

Capítulo 27

Alguns minutos passam da meia-noite quando Helena se dá conta de que, na cama, do seu lado esquerdo, o lugar dedicado ao marido está vazio. Ela reluta, mas acaba cedendo à vontade de ir ao banheiro fazer xixi. De uns tempos para cá, tem sido comum esse tipo de coisa, levantar-se de quatro a cinco vezes durante a noite. O próprio Gaspar já a alertou sobre a necessidade de que um médico seja consultado sobre o assunto. "Com o passar dos anos", ele comentou certa vez, "a gente chega a uma idade em que todas as doenças tendem a se apaixonar por nós, especialmente a Diabetes".

Helena confere rapidamente as últimas bobagens postadas nas redes sociais e, em seguida, volta a dormir. O marido deve estar zanzando pela casa. Afinal, agora ele é um desempregado e, como tal, pode dormir e acordar na hora em que bem entender.

Duas horas e dez minutos da madrugada, nada. Na cama, o lado reservado a Gaspar segue vazio, a esperá-lo. Helena pressente que algo possa estar errado. Antes de acordar Heloisa, ela vasculha a casa só por desencargo de consciência, sabendo que não o encontrará. O marido, ela não sabe por que, saiu furtivamente de casa para dormir fora. Dormir com quem? É a primeira pergunta que lhe vem à cabeça.

Sim, é claro que ela tentou ligar no celular dele. A resposta vem em tom de impaciência à pergunta da filha. Heloisa boceja. Não acredita que vai ter de lidar com mais esse problema. Ela esfrega os olhos e tenta raciocinar.

"Como da outra vez", Helena enfatiza, "a ligação está dando fora de área ou aparelho desligado."

"O pai está ficando impossível atualmente."

"Deve ter arranjado outra", Helena resmunga.

"Ele deve ter saído para dar uma volta, arejar a cabeça."

"A essa hora?"

A mãe tem razão. Heloisa percebe o absurdo que disse. A imagem do pai dando uma volta depois das duas da madrugada é tão improvável quanto alguém dançando "Dancing with myself" em Marte. Mas ela não acredita numa possível amante, não é a cara dele.

"O pai está cada vez mais irreconhecível", Heloisa diz. "Vamos esperar até de manhã, e se ele não aparecer, a gente vê o que faz, tudo bem?"

Helena faz que sim com a cabeça. Ela sabe que, por enquanto, não há o que fazer. Dormir fora de casa não é crime, mas Gaspar vai ter de se explicar direitinho quando voltar.

Capítulo 28

Dez horas antes.

O dedo que pressiona o número no interfone é de Gaspar. Ele se demora no gesto e o repete mais três ou quatro vezes, impaciente. Ainda não tem certeza se deveria ou não estar ali, mas não há o que fazer, infelizmente não lhe ocorre mais ninguém a quem possa recorrer.

A vida é como um pugilista peso pesado, está sempre pronta para dar uma surra em idiotas pretensiosos. Agora ele vai ter de engolir seu orgulho e seus princípios. Foi o "nunca se sabe" quem o trouxe aqui. A maldita expressão que pode mudar tudo. E caso o "nunca se sabe" seja efetivado, ele quer deixar uma mensagem para sua filha e sua esposa, nessa ordem, necessariamente. Sim, ele poderia fazer isso pelo aplicativo do celular, mas não seria a mesma coisa.

"Quem é?", diz a voz metálica a escapar do aparelho.

"Sou eu."

"Deve ter apertado o número errado, cara", o dono da voz, do outro lado da linha, está entediado e ameaça desligar a qualquer momento.

"Ei... Espere aí... Sou eu, pô!"

"Eu quem, maluco?"

"Sou eu, o pai da Heloisa."

Há um instante de silêncio. Por alguma razão, Gaspar decidiu que seria melhor que ele se apresentasse dessa forma, "o pai da Heloisa". Como se isso pudesse amenizar a tensão entre os dois.

"Quem?", a voz insiste.

"Sou eu, o Gaspar."

Mais uma vez, silêncio. Gaspar pode perfeitamente compreender, caso o namorado de sua filha opte por não recebê-lo. O fato de estar ali, pedindo arrego, já é um tanto embaraçoso. Talvez ele deva ir embora logo de uma vez, esquecer esse assunto.

Após o ruído característico, a tranca elétrica da porta é acionada. Gaspar reencontra os mesmos degraus onde esteve há poucos dias.

Dessa vez não houve resistência. A porta do apartamento é aberta e ele entra, ofegante. Acredita na hipótese de que tenha subido rápido demais, afinal, ninguém perde condicionamento físico em tão poucos dias.

"Veio aqui por quê?... Tá querendo o quê de mim?", pergunta Mateus. Seu tom não chega a ser desrespeitoso, mas é áspero e levemente rude. Os dois já estão acomodados no sofá. Um de frente para o outro, como da outra vez.

"Preciso que me faça um favor", Gaspar responde.

"Um favor?"

"Isso."

"E desde quando o 'senhor da razão universal' passou a precisar de um favor meu?... Um negro que não serve para sua filha?"

O tom debochado não desconcentra Gaspar, ele tem problemas maiores para se preocupar. Ele não sabe, por exemplo, como será sua participação na invasão da "Vila do Boi". Quais são suas chances de escapar ileso, já que não sabe sequer manusear uma arma, nunca deu um tiro na vida.

"Desde agora", ele responde. "E tudo bem se você quiser continuar com as chacotas, eu não ligo. Só peço que preste atenção no que eu tenho a dizer."

Mateus afasta a expressão de riso do rosto, corrige a postura e abre os braços, como quem diz: "Sou todo ouvidos."

"Sabe de onde vem o 'material' que você consome?", Gaspar pergunta.

Mateus se questiona se ouviu corretamente. De onde ele tirou esse linguajar? Está familiarizado com diferentes termos, mas a palavra "material", nesse contexto, é totalmente nova para ele.

Aparentemente, é incoerente imaginar que alguém como Gaspar, sem a intenção de ser ofensivo, esteja envolvido nesse tipo de negócio. Embora a vida em si não seja coerente. De qualquer forma, ele está curioso para descobrir como tudo isso irá se desenrolar.

"Não tenho a menor ideia", ele responde.

Não era esse o "gancho" que Gaspar esperava para entrar no assunto, discorrer sobre seu infortúnio e tentar explicar a razão de estar ali, tendo essa conversa difícil. Ele sabe que não lhe é permitido abrir o bico e contar toda a história, mas se o Mateus soubesse da existência do Galã Viking, quer dizer, do Fábio, facilitaria boa parte de sua tarefa.

"Então você não sabe de onde vem?"

"Deveria saber?", Mateus devolve a pergunta. Está incrédulo com o que ele considera uma ignorância de Gaspar sobre o assunto. "Cara, sinceramente, eu não sei de que mundo você veio, mas aqui, no planeta Terra, dificilmente um consumidor final sabe a origem do ('ele faz aspas com as mãos') 'material' que recebe."

"Tá, tudo bem", Gaspar quer abreviar o assunto. Está um pouco irritado com as aspas. "É até melhor que você não saiba mesmo."

"Então desembucha. Veio fazer o quê aqui?"

Gaspar desliza seu traseiro para o outro canto do sofá, querendo ficar ainda mais próximo do rapaz para que possa confidenciar seus propósitos, mas teme ser ouvido por alguém no corredor. Embora hoje esteja tudo tranquilo, sem moradores caminhando para lá e para cá, sem cachorros, sem gente mal-humorada, sem crianças, e até o trânsito parece menos intenso. Talvez o horário esteja a seu favor.

"Estou envolvido com umas coisas 'da pesada'", ele quase sussurra.

Mateus está adorando esses termos. "Da pesada" foi muito boa. Ele faz menção de rir, mas desiste ao observar a expressão apreensiva de Gaspar.

"Isso já deu para perceber", ele diz.

Gaspar vai direto ao ponto. "Se acontecer alguma coisa comigo, quero que você me prometa que dirá à Heloisa que a amo muito e que não foi por querer", ele esfrega as mãos geladas no rosto. "A mãe dela", Gaspar retoma, "também não é uma má pessoa, ela só vive num universo irreal, o que talvez, considerando o mundo em que vivemos, não seja tão ruim assim."

Mateus tem se surpreendido cada vez mais com o futuro sogro. Nada como uma situação difícil para conhecer melhor as pessoas. O fato de Gaspar se referir à própria esposa como "a mãe dela" o induz a reavaliar o dilema de matrimônios mal resolvidos. Por um instante, ele pensa nos próprios pais.

"Não quero ser intrometido nem nada, mas, seja lá no que você tenha se metido, parece bem ruim", Mateus

diz. "Não quer mesmo contar o que houve? Podemos tentar resolver isso juntos", sugere.

Agora é Gaspar quem está surpreso. O negro, ou melhor, o namorado da filha, quer ajudá-lo, mesmo depois de tudo.

"Não se preocupe com isso."

"Tem certeza?"

"Sim."

"Você que sabe."

"Se puder transmitir o recado, já estará ajudando muito", finaliza Gaspar.

Antes de partir, ele cumprimenta o rapaz com um breve movimento de cabeça, transmitindo sinceridade em seu gesto.

Somente quando Gaspar chega ao último degrau da escada é que ele percebe que, da mesma forma que ele fez com Damiana, o rapaz também não lhe prometeu nada.

Capítulo 29

O dia tem sido um inferno. Já são quase seis horas da tarde e nada de Gaspar. Heloisa teve que faltar ao trabalho, o pai é fogo. Desde cedo, mãe e filha se alternam em telefonemas para amigos, ex-colegas de trabalho, hospitais, polícia e até mesmo parentes que residem em outras cidades e estados. No entanto,não há nenhum indício sobre o paradeiro de Gaspar.

Mateus, por sua vez, uniu-se às duas recentemente, há pouco mais de meia hora, mantendo-se calado na maior parte do tempo. Dramas familiares de funcionários não é o que se pode chamar de prioridade aos olhos de alguns empregadores. O pai da namorada sumiu, e daí?

Agora há pouco, durante mais uma transmissão do noticiário local, em um plantão urgente, o repórter ressurgiu, revestido de eloquência, destacando a carnificina que ocorrera na Vila Pedra do Boi na noite anterior. E só então Mateus resolve revelar o pedido feito pelo desaparecido.

"Seu pai é um sujeito muito esquisito", ele diz, limitando-se a transmitir a informação conforme a orientação de Gaspar. O recado foi dado. Nem umapalavra sequersobre entregas de pacotes ou sua própria suspeita de que o pai de sua namorada poderia estar envolvido no sangrento episódio noticiado na televisão.

A reportagem reitera as cenas que já foram previamente apresentadas. São corpos sendo recolhidos por viaturas do IML, muitos corpos. As imagens,

provavelmente capturadas por câmeras acopladas às fardas dos agentes policiais, são instáveis e mostram vielas com muros e casas crivados de tiros. Uma guerra urbana. Um dos policiais menciona uma disputa por território, são os chefões do movimento se matando entre si.

Um dos corpos, coletado ainda na madrugada na Vila Pedra do Boi, segundo informações atualizadas, foi identificado como sendo de Carlos Curucaia, o "Curuca". Ele e sua namorada, uma jovem de dezenove anos chamada Jéssica Lemos Bonfim, foram fuzilados juntos, surpreendidos em sua cama.

Helena e Heloisa estão alheias a tudo isso. Mantêm-se focadas na busca por Gaspar, sem perceberem a possível conexão entre os acontecimentos. Uma crise depressiva é no que elas acreditam. Dessas que nos fazem querer sair por aí, sem destino certo.

Mateus, por sua vez, espera que o nome de Gaspar seja mencionado a qualquer momento na televisão. Eram essas as "coisas da pesada" às quais o futuro sogro se referia.

Ele faz breves comentários sobre o que é mostrado na televisão, não pretende revelar nada que possa incriminar o pai da namorada, mas quer chamar a atenção de Heloisa para a triste possibilidade de seu pai figurar entre os mortos na madrugada. No entanto, nem ela nem a mãe têm motivos para acreditar nisso. Gaspar tem se comportado de maneira peculiar, é verdade, mas, para elas, a história acaba ali, não há nada que manche seu caráter.

"Ele pode ter se envolvido acidentalmente", Mateus sugere, seus olhos ainda fixos na tela da televisão, mesmo após o fim da transmissão ao vivo e urgente, que cedeu lugar à programação normal da emissora.

As duas mulheres se encaram, incrédulas. Essa não é uma linha de raciocínio que estejam dispostas a considerar, não faz sentido algum.

Heloisa quer saber de onde o namorado tirou essa ideia, mas antes que consiga abrir a boca, é surpreendida por uma sequência de frases inesperadas. "O carro dos churros está passando em frente à sua casa...", anuncia a caixa de som instalada precariamente no teto de um veículo em condições duvidosas de conservação, "churros quentinhos... churros feitos na hora... uma verdadeira delícia... churros da Gabi...". A gravação prossegue em repetição contínua e o veículo avança em ritmo vagaroso, exigindo quase dois minutos até que a moça possa retomar a conversa interrompida.

"Que ideia mais absurda", ela diz, finalmente.

"Absurda por quê?"

"Seu Gaspar pode ter todos os defeitos do mundo", protesta ela, "mas estar envolvido em algo tão brutal é um pouco demais, né não?"

"Não foi isso que eu quis dizer", o rapaz gesticula. "Quero dizer que tudo pode ser possível, entende? Todos conhecem aquela história de 'estar no lugar errado e na hora errada'."

Mãe e filha não acreditam nisso, deve haver uma outra explicação para o sumiço de Gaspar, elas seguem a esperar uma boa notícia.

Capítulo 30

Dezenove horas antes.

O risco, imponente e assombroso, é real. Por isso, por enquanto, o Galã Viking confia a Gaspar apenas a direção de um dos carros. São três veículos ao todo, cada um com cinco pessoas. É o suficiente para "a festa". O fator surpresa é uma vantagem, mas eles terão de ser precisos na estratégia traçada. Toda a concentração será em torno da casa do Curuca; é nessa região que eles devem agir. O Galã Viking providenciou alguns silenciadores para as armas. São poucos, mas ele acredita que são suficientes para derrubar os alvos certos inicialmente. Depois disso, o barulho não fará diferença, pois, sem liderança, muitos deles fugirão como ratos em incêndio.

"Encosta aí", ordena o Galã Viking.

Já passa da meia-noite quando Gaspar estaciona o carro em uma rua estreita e obscura, a poucos passos da entrada da Vila Pedra do Boi. Os outros dois veículos seguem o mesmo trajeto, e deles emergem jovens vestidos em trajes escuros, coletes à prova de balas e portando um arsenal de armas. Gaspar se pergunta se esses são os mesmos descamisados que ele viu mais cedo. Eles parecem maiores e mais fortes agora. A chuva mansa que caiu agora há pouco provocou uma queda na temperatura, o que contribui para que as ruas estejam ainda mais desertas. Eles se reúnem rapidamente e celebram uma espécie de grito de guerra usando apenas as mãos.

"Eu nunca peguei numa arma antes", diz Gaspar. Seus olhos procuram o Galã Viking, que sorri e responde:

"Azar o seu."

O riso, mesmo contido, agora está estampado em todos os rostos, exceto no de Gaspar, que insiste: "Também nunca dei um tiro na vida, isso vai ser suicídio."

"Relaxa", o Galã Viking diz. "Você não precisa entrar. Vai ficar aqui me esperando até tudo acabar."

Gaspar respira aliviado, porém sabe que só o fato de estar ali já o coloca em risco.

"É só ficar com os olhos bem abertos, que a gente já volta", o Galã Viking diz. "De resto, é só apreciar a vista."

Gaspar volta a se acomodar ao volante de um dos carros, enquanto os homens avançam sorrateiramente em fila indiana em direção ao inferno.

Após aproximadamente dez ou quinze minutos, os primeiros tiros ressoam na comunidade, indicando que, de acordo com a estratégia do Galã Viking, o alvo, Curuca, foi atingido e está fora de cena. O confronto direto, sem a liderança, pode ser difícil e desastroso, motivo pelo qual muitos não estão dispostos a esse sacrifício.

Gaspar acaricia a barba por fazer, seus dedos tensos agarrados ao volante. Seu olhar vigilante percorre os retrovisores do veículo, buscando qualquer indício de perigo iminente. Ele está sozinho, sabe que precisa manter a calma, mas a intensidade dos disparos aumenta e sua pulsação também. Como ele permitiu que sua vida chegasse a esse ponto? Uma sequência de disparos ininterruptos o faz sair em sobressalto do veículo, puro instinto. Mas ele não pode se expor dessa maneira. Volta para o carro, os dedos tamborilando no volante, movimentos involuntários. Mais tiros. Mais tensão.

O Galã Viking surge das sombras. Ele está sozinho e se movimenta com alguma dificuldade; foi ferido, há sangue na altura do tórax. Eles precisam sair dali agora mesmo. Gaspar inclina o corpo e abre a porta do passageiro. O Galã Viking desaba. Respira com dificuldade, mas encontra forças para pressionar as mãos contra o ferimento.

"Mas o que aconteceu?", questiona Gaspar, mesmo sabendo que a pergunta não faz sentido.

"Anda, pisa fundo no acelerador desse carro", grunhe o Galã Viking. "Está cheio de polícia nessa porra!"

Gaspar arranca com o carro. Percorrem menos de cem metros quando ele percebe os faróis altos em sua retaguarda; estão sendo seguidos. Ele pisa ainda mais fundo, não quer arriscar. Talvez sejam seus parceiros. Talvez sejam homens ligados ao Curuca. Talvez seja a polícia.

Tiros são disparados contra eles, descartando a primeira hipótese. Estão em apuros. O Galã Viking agoniza e balbucia algo sobre alguém ter avisado a polícia, que, por sua vez, aproveitou-se da situação para tentar eliminar os dois grupos sem ter que prestar contas das mortes. Gaspar não se lembra de ter presenciado alguma operação policial que tenha ocorrido à noite, mas sabe que existem casos em que autorizações judiciais permitem tais ações.Ele mantém os olhos na estrada e o pé firme, pressionado no acelerador. Mais tiros são disparados, e dessa vez um dos pneus traseiros é atingido. O veículo dança na pista, rodopia e capota numa ribanceira.

Capítulo 31

Quatro dias depois.

Gaspar permanece desaparecido, mas agora Mateus conhece uma parte importante da história. Ele sabe que seu futuro sogro esteve envolvido no caso da chacina na Vila Pedra do Boi. Um de seus contatos, que já lhe entregou pacotes em outras ocasiões, conhece um motoboy que é amigo de alguém que conhece um dos envolvidos. "Um homem mais velho, um tal de Gaspar", ele afirmou. "Era ele quem dirigia o carro com o Fábio naquela noite", completou.

Essa é a mesma declaração que Mateus faz para sua namorada agora. No entanto, ele mente sobre a origem da informação, dizendo que a obteve da polícia.

Ainda não são nem oito e meia da noite, mas Helena já se deitou. Tem sido assim ultimamente. Ela não conseguirá dormir antes da uma hora da madrugada, mas aproveita esse tempo para refletir sobre sua parcela de culpa no desaparecimento do marido. Ela fez isso. Destruiu a vida dele.

"Não posso acreditar nisso", diz Heloisa.

"Mas tudo indica que ele realmente participou", responde Mateus.

Helena apoia a cabeça com as duas mãos. Isso é uma insanidade. Hoje mesmo ela conversou com o delegado sobre o desaparecimento de Gaspar, e tudo o que ele disse foi: "Estamos investigando".

"De acordo com a polícia", Mateus recomeça, ainda mentindo sobre sua fonte, "naquela noite, havia dois indivíduos no carro perseguido por criminosos, embora existamrelatos de que era a própria polícia os perseguindo. O fato é que após o capotamento, apenas um corpo foi encontrado: o de Fábio. A polícia suspeita que o homem ao volante naquela ocasião era o Gaspar. E talvez ele tenha sido capturado pelos criminosos e executado em outro local."

Heloisa suspira. Um rio se forma em seus olhos, pronto para afogar também sua alma. Seu pai está morto. Ela e a mãe terão que se acostumar com essa nova realidade: o pai nunca mais voltará.

Mateus envolve a namorada em seus braços e, olhando por cima dos ombros dela, pensa: "Uma coisa não se pode negar: meu sogro era um homem de personalidade."

***

A poucos quilômetros dali, Damiana morre. Não com a dignidade que ela supõe ter adquirido por direito, de forma rápida e talvez indolor. Não se trata de uma morte súbita, a silenciar seu coração agora em carne viva, rasgado pela lâmina do destino. É um fim lento, angustiante, que se arrastará segundo a segundo ao longo dos míseros dias que ainda lhe restam. Dias desprovidos de sol. Desprovidos de sonhos. Desprovidos de Jéssica.

Capítulo 32

Dez meses depois.

Helena ainda sofre com a perda do marido, apesar de suas sessões com a psicóloga terem sido produtivas. O único caminho para superar o sofrimento é atravessá-lo. Agora, ela compreende isso e se esforçará para reconstruir o que resta, pois sempre há algo que sobra.

Heloisa ainda não consegue acreditar no que aconteceu, mas evita tocar no assunto. Gaspar era um homem bom, disso ela não tem dúvida alguma. "O pai deve ter tido seus motivos para agir daquela forma", ela reflete. "Todos enfrentamos dias difíceis, mas a diferença está em como superá-los, e muitos não conseguem." A ausência de Gaspar aproximou-a ainda mais do namorado, o mesmo sujeito com quem ele costumava implicar, o negro. Agora Mateus e Heloisa vivem juntos, mas foi ele quem se ofereceu para morar com elas. Helena o considera um bom rapaz, quase como um filho, e como não há ninguém contrário a essa avaliação, ele permanece.

Eles estão fazendo o que as famílias costumam fazer. Conversam, riem, choram, discutem sobre os problemas comuns e individuais, decidem as melhores alternativas para resolvê-los. Enfim, vivem!

Neste momento, estão diante da televisão, acompanhando como fazem todos os dias o noticiário local, um hábito que se solidificou desde o desaparecimento de Gaspar. Nas primeiras semanas,

havia sempre aquela esperança de poder proporcionar-lhe um funeral digno, mas isso nunca ocorreu.

Na televisão, o apresentador do telejornal segue de uma reportagem para outra sem alterar o tom de voz. "*Preço da gasolina sobe; prefeito promete reduzir a taxa de desemprego; servidores municipais entram em greve por reajuste salarial; vírus letal é descoberto na China; turista recém-chegado da Ásia é internado com graves problemas respiratórios*; e por fim: *após operação policial, delegado se surpreende ao descobrir que o atual líder do movimento no morro 'Santa Felicidade' é um homem com mais de cinquenta anos.*"

Agradecimentos

Eloi Ricardo Bonkowski por nunca me permitir duvidar. Bárbara Araújo Nunes e Rodrigo Araújo Nunes, sem vocês não faria sentido. Neide Araújo pelo carinho e disposição à leitura das minhas obras. Frank Antonio Mezzomo por me permitir ver além da caverna. Alexandre Durigon pela paciência e atenção de sempre. Josi Carvalho Ratacheski (in memorian) e todos que me inspiraram, incentivaram e acreditaram na realização deste livro.

Fale com o autor:

max@maxmorenooficial.com.br
Instagram: maxmoreno_oficial